

MARLON REIKDAL

Diálogo Fraterno

Ética e Técnica

Prefácio de
Suely Caldas
Schubert

2ª Edição
ampliada



FEEGO



Sumário

O autor

Apresentação da segunda edição

Atendimento fraterno na casa espírita

Introdução

1ª parte - O atendimento fraterno

Capítulo 1 - A experiência de Manoel Filomeno de Miranda

Capítulo 2 - Complexidade da tarefa

Capítulo 3 - Alguns esclarecimentos

Capítulo 4 - Onde tudo começa

2ª parte - A questão da ética

Capítulo 5 - Objetivos do atendimento fraterno

Capítulo 6 - Características humanas

3ª parte - A questão da técnica

Capítulo 7 - Receber a pessoa

Capítulo 8 - Ouvir a pessoa

Capítulo 9 - Construir o tema do atendimento

Capítulo 10 - Interpretação doutrinária

Capítulo 11 - Encaminhamentos

4ª parte - Outras questões importantes

Capítulo 12 - Atendimento em dupla

Capítulo 13 - Duração do atendimento

Capítulo 14 - Continuidade do atendimento

Capítulo 15 - Uma pessoa por vez

Capítulo 16 - Formação dos atendentes

O guia seguro

Referências

MARLON REIKDAL

Diálogo Fraterno

Ética e Técnica

Goiânia, 2016



O AUTOR

Marlon Reikdal é natural de Balneário Camboriú (SC) e atualmente reside em Curitiba (PR). Espírita desde a infância está vinculado à Sociedade Espírita Cláudio Reis onde é coordenador de estudos do setor de Atendimento Espiritual e dirigente de grupos mediúnicos. Palestrante desde os 13 anos, é colaborador da Federação Espírita do Paraná e da Associação Médico-Espírita do Paraná, realizando palestras, treinamentos e seminários. É autor do livro *Cultivo das Emoções: um caminho para a transformação moral* (2015).

É membro do Núcleo de Estudos Psicológicos Joanna de Ângelis, vinculado à Mansão do Caminho, em Salvador (BA). Como membro do Núcleo é coautor dos livros *Refletindo a Alma: a psicologia espírita de Joanna de Ângelis* (2011) e *Espelhos da Alma: uma jornada terapêutica* (2014).

Profissionalmente, é psicólogo junguiano, formado pela UFPR, especialista em Psicologia Analítica pela PUC-PR. Atua em consultório particular como psicólogo clínico e supervisor. Já trabalhou no Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro onde também coordenou o Setor de Estágios. Professor de especialização das disciplinas de Saúde Mental e Espiritualidade, Metodologia de Pesquisa Aplicada à Psicologia, e Suicídio.





APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Caro leitor, após dois anos de lançamento da presente obra, decidimos por fazer a segunda edição, revisada e ampliada. Estas modificações foram resultado da leitura atenta de alguns amigos que sinalizaram a necessidade de melhoras. Também colaboraram ostensivamente dirigentes do atendimento espiritual de algumas federativas estaduais, com críticas e sugestões que foram acatadas com gratidão.

Quando lançamos o livro não imaginávamos que teria tão grande repercussão, com convites para a realização de seminários e qualificações em inúmeros estados do Brasil e alguns outros países.

Pela dificuldade de atender a todos, decidimos por gravar alguns vídeos e disponibilizá-los em nosso canal do *You Tube*, para aqueles locais que não conseguimos chegar, ou de pessoas em buscas particulares por maior qualificação.

Fizemos a gravação debatendo alguns casos, numa formação de três colaboradores de nossa instituição. E também estamos ampliando nossas referências doutrinárias e disponibilizando-as em um *vade mécum on-line*, permitindo aos atendentes consultarem os principais temas que chegam à Casa, numa análise mais aprofundada de tudo que os nobres espíritos nos ofereceram.

Não desconhecemos que as instituições em um país tão grande são muito diferentes umas das outras, numa esteira entre situações privilegiadas à extremamente precárias. Mas isso não nos preocupou, pois cada um consegue adaptar esses estudos à própria realidade. O que muito nos

chamou a atenção, nesse caminho por tantas instituições, foi a falta de intimidade com as obras de Kardec, e não só com elas, bem como, com as subsidiárias. Grupos que tem maior contato com as obras de Emmanuel e desconhecem Joanna de Ângelis, ou se detém em André Luiz, sem recordar dos conteúdos extraordinários em Yvonne do Amaral Pereira.

Achávamos que a maior dificuldade da qualificação que propomos era a questão da técnica, saindo do aconselhamento para oferecer o conteúdo doutrinário. Talvez por isso fomos até repetitivos, tentando convencer o leitor da ineficácia do aconselhamento, nesses casos. Fizemos inclusive um item novo sobre esse respeito. Mas para além dessa situação, como dissemos, os trabalhadores ainda desconhecem Kardec, permanecendo apenas em “noções gerais de Espiritismo”.

Quando conseguíamos, nas discussões de casos, fazer os enquadramentos e construir o tema de atendimento, sempre fazíamos a mesma questão: E o que Kardec fala disso? Onde? E a situação se repetiu na maioria dos locais em que fomos, de norte a sul.

Isso não é uma crítica, no sentido pejorativo. E não desejamos que o leitor se sinta afetado negativamente com esse comentário. Nossa intenção é que se afete positivamente, no sentido de se motivar a oferecer para nossos irmãos o que o Espiritismo tem de melhor – e para isso, não há outro caminho senão o estudo sério, metódico e contínuo.

Interpretamos esse estado de coisas como um convite para revermos nossos métodos de ensino nas Casas Espíritas, repensar a noção de aprendizagem e encontrar novos caminhos, como tem feito as principais universidades no Brasil e no exterior. Mas acima delas, temos Kardec como grande pedagogo, com textos maravilhosos sobre educação intelectual e moral, e mesmo os de Hippolyte Rivail, fazendo críticas e orientações à educação daquela época e que ainda não foram por nós assimiladas.

Tendo em vista essa situação, fizemos um maior detalhamento das questões de *O Livro dos Espíritos*, citando número por número as questões que achamos importantes, bem como os itens de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, numa tentativa de impulsionar o estudo individual que oferecerá bases seguras para as orientações doutrinárias que precisamos.

Também utilizamos mais algumas linhas para falar do atendimento em duplas, formatando melhor nossas colocações, pois não imaginávamos tamanha resistência à essa ideia. Trabalhadores que não querem se expor, fizeram inúmeros argumentos para tentar garantir uma “privacidade”, mas ao final, sempre identificávamos a mesma questão: o receio de serem avaliados por alguém, trazendo inúmeros entraves para o desenvolvimento da tarefa, que explicamos a seguir. Isso fez chamarmos o atendimento fraterno de “caixa preta” do Centro Espírita, pois em muitas instituições, mesmo os presidentes, que são seus representantes legais, não têm noção do que acontece naquele momento.

Nossas palavras continuam as mesmas, de incentivo ao estudo e à vivência da Doutrina Espírita, para oferecermos ao Cristo, na figura dos aflitos do mundo, nosso amor, em gratidão por tudo que Ele já fez por nós.

ATENDIMENTO FRATERNAL NA CASA ESPÍRITA

Coloco em primeira linha consolar os que sofrem, levantar a coragem dos abatidos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez, no abismo do crime! Não vale mais isto do que os lambris dourados?

Allan Kardec (Viagem espírita em 1862).

As palavras do Codificador Allan Kardec refletem o processo de atendimento às pessoas que batem às portas das Casas Espíritas, evidenciando, especialmente, o princípio luminoso do Espiritismo: *Fora da Caridade não há salvação*. No trecho em epígrafe destacam-se algumas das possibilidades de acolhimento aos necessitados e carentes que, afinal, somos todos nós.

Consolar, infundir esperança, conscientizar os que estão mergulhados na insensatez, despertar para um novo tempo, tudo isso e ainda mais a Doutrina Espírita proporciona.

Entretanto, podemos ir mais além, fazendo uma viagem no tempo para encontrarmos os primeiros seguidores de Jesus quando abriram as portas da Casa do Caminho para atender aos sofredores de toda sorte. E nesta lembrança dos tempos primeiros do cristianismo surgem vultos inesquecíveis e amados: Simão Pedro, João, Barnabé, Estêvão, Tiago, Felipe e tantos outros que enfrentaram dolorosas perseguições, culminando com o martírio e a morte no circo romano, de quase todos eles, dando o supremo testemunho de fidelidade a Jesus e aos Seus ensinamentos, a fim de que prevalecessem como roteiro de luz para a Humanidade.

Hoje as Casas Espíritas são o *Caminho* para elucidar as almas, abrindo clareiras luminosas nos corações sofredores, que recebem, então, as primeiras sementes do Evangelho do Cristo segundo a Doutrina Espírita.

Portanto, atender às criaturas que buscam o conforto moral e espiritual, aturdidas pela situação em que vivem, quando chegam a procurar o Centro Espírita seja porque estão sofrendo alguma enfermidade física, ou porque carregam dores morais, ou ainda por apresentarem dúvidas cruciais quanto ao rumo que devem tomar, desgostosas e acreditando que a morte é a melhor solução – é imprescindível que estejamos preparados para acolher essas almas absolutamente necessitadas.

É preciso uma compreensão mais profunda de que o Centro Espírita é um complexo espiritual que atende aos dois planos da vida, para que essa preparação dos atendentes cada vez mais se aprimore, sobretudo, no que concerne ao amor, à solidariedade, à delicadeza de atender e ouvir, respeitosamente, os dramas do próximo, e externar a sabedoria que ressuma do conhecimento espírita para suavizar as dores da alma, resgatando a esperança e a fé nos que estão abatidos pelos revezes da vida terrena.

Assim, nesta obra que nosso estimado amigo Marlon Reikdal apresenta, encontramos uma importante contribuição para auxiliar aos que se dedicam ao atendimento fraternal na Casa Espírita.

Ele cita, com muita sensibilidade:

“Temos um sublime instrumento de intervenção que é o Espiritismo, e não podemos relegá-lo, sob o risco de perder a essência do nosso trabalho”.

A essência do trabalho de atendimento é o amor. Quem atende precisa amar as pessoas e querer acolhê-las quando desejam relatar seus problemas, suas ansias e decepções, suas falhas e acertos, suas culpas e medos. O atendente deve ser, portanto, alguém que se sensibiliza com o sofrimento alheio e tenha o ideal de minorá-lo.

Todavia, é importante levar em consideração as palavras do Espírito Marco Prisco, quando ensina:

“Faça o bem, mas não guarde a pretensão de solucionar os problemas de todos os que o buscam. É certo que você não poderá solucionar todas as

dificuldades que lhe serão apresentadas. No entanto, poderá sempre oferecer uma palavra oportuna, vestida pelo seu calor e confiança fraternal”.¹

Marlon Reikdal escreve sobre o momento de atendimento, ressaltando um aspecto de grande interesse, conforme a seguir:

“Estamos ali para apresentar a Doutrina Espírita e assim oferecer ao atendido uma forma diferenciada de interpretar a vida e seus problemas”.

Essa forma diferenciada, para quem está sendo atendido, resulta na magna descoberta de que é um Espírito imortal, ao tempo que percebe a misericórdia e o amor de Deus e das Suas Leis que regem o Universo, como também a compreensão da reencarnação que abre perspectivas infinitas e extremamente confortadoras. Esses conceitos que gradativamente a pessoa começa a absorver trazem-nos à mente o diálogo de Jesus no atendimento à mulher samaritana quando lhe oferece a água viva e afirma:

“Mas, quem beber da água que eu lhe der, nunca terá sede; ao contrário, a água que eu lhe der se tornará, nele, uma fonte de água jorrando para a vida eterna”.²

A sede de saber, de encontrar a Verdade e a água do conhecimento que o Espiritismo oferece, irá dessedentar os que desejarem, para todo o sempre, transformando-se num manancial sublime, uma fonte inesgotável a jorrar para os que carecem da água viva.

Importa ressaltar ainda a bela e profunda mensagem, contida nessa obra, do querido benfeitor Manoel Philomeno de Miranda, da qual registro as palavras finais:

“São muitas as angústias que desnorteiam o ser humano e, em razão disso, os desequilíbrios emocionais tornam-se mais comuns e repetitivos, merecendo mais cuidado e entendimento fraternal, acalmando-o com vibrações de ternura e ondas de caridade, que constituem especial elemento de recuperação.

Cuide-se o atendente fraterno de orar com unção, experienciar contínuas emoções de alegria pela alta honra de poder servir, mantendo-se em sintonia com o Divino Médico de todos, que se encarregará dos resultados finais.

Por fim, aplicar-se o sublime ensinamento: fazer ao próximo como gostaria que o mesmo lhe fizesse.

Nisso reside o êxito do empreendimento de amor, resultando na caridade numa das suas mais sublimes manifestações”.

Marlon Reikdal aborda nesta obra, com sua reconhecida competência e fraternal maneira de se expressar, pontos essenciais para que o atendimento realizado na Casa Espírita realmente atenda às carências das almas sofridas e angustiadas que a procuram, acalentando a esperança de encontrar respostas e alívio para seus conflitos íntimos. O que ele escreve decorre de sua experiência no trato com pessoas que buscam sua competência profissional, como psicólogo junguiano e esclarece a necessidade de ponderação: o diferencial imprescindível que caracteriza a área espiritual, ou seja, o processo de atender o ser humano, com vistas ao Espírito imortal, que traz o seu acervo do pretérito e suas conseqüentes sequelas que somente a avançada visão espírita consegue perceber, identificar e clarificar para que cada um encontre a melhor conduta a ser adotada.

“Nosso trabalho é trazer o Espiritismo para a vida das pessoas” – ele enfatiza – “auxiliando-as a se conectarem consigo mesmas e com Deus, para que, dessa forma, conduzam melhor suas existências.”

E diz mais: “Recorrer ou não ao Atendimento Fraternal não significa ausência ou presença de problemas e sofrimentos, porque todos os temos. O que difere é que alguns conseguem buscar as orientações doutrinárias frente às dificuldades, enquanto outros precisam de quem as apresente. Mas, para todos, o caminho é o mesmo. O atendente será como um verdadeiro guia nessa viagem”.

Em suas palavras finais ele assinala o Guia seguro:

“Para concluir essa obra desejamos abordar o tema necessário que deve permear todos os atendimentos, e principalmente, a vida pessoal de qualquer atendente: Jesus, nosso mestre, modelo e guia.

Embora os dias sejam outros, seu exemplo de humildade, de abnegação, de fé, devotamento a Deus, justiça e amor ao próximo ainda se faz necessário, como o caminho e a verdade para o encontro com a paz e a saúde interior.

Vivamos em Jesus para que Ele viva em nós”.

Ao trazer a sua contribuição para o movimento espírita, o autor analisa os pontos essenciais para que o Atendimento Fraternal cumpra sua finalidade, abrindo perspectivas mais amplas e destacando a grande responsabilidade inerente a esse labor, cujo exemplo maior encontramos nos sublimes atendimentos realizados por Jesus.

Por tudo isso, recomendamos essa preciosa obra de nosso amigo Marlon Reikdal que cumpre fielmente o preceito exarado por Allan Kardec, quando afirma:

“O verdadeiro espírita jamais deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real”.³

E não é este o Atendimento Fraternal?

Suely Caldas Schubert

Juiz de Fora (MG) 02 de dezembro de 2015



INTRODUÇÃO

Nosso trabalho é trazer o Espiritismo para a vida das pessoas, auxiliando-as a se conectarem consigo mesmas e com Deus, para que, dessa forma, conduzam melhor suas existências.

O Diálogo Fraternal é uma das tarefas mais complexas da Casa Espírita e também uma das que tem menos referência bibliográfica ou digital específicas, para qualificar e orientar o trabalhador de boa vontade.

Talvez por sua complexidade e pelas grandes implicações éticas, tão pouco se tenha escrito sobre essa atividade. Da escassez de obras a que temos acesso, pequeno é o número daquelas que se destinam a esclarecer o processo de diálogo e o desenrolar do atendimento de maneira segura e precisa.

Sabemos que o Atendimento Fraternal não é uma simples conversa, uma informalidade qualquer, um bate-papo sobre Espiritismo. Também não é confessorial onde, após ouvir pacientemente os supostos pecados, dá-se a penitência, trocando as práticas de outras religiões por “vir ao Centro Espírita, ouvir as palestras, receber o passe e fazer o Evangelho no Lar”. Tampouco é um aconselhamento, em que a pessoa descreve seus problemas e sai de lá com a solução pronta e as respostas para suas mazelas.

A Doutrina Espírita oferece luz para praticamente todos os problemas humanos, pautada numa vasta literatura que, desde Allan Kardec, tem crescido de modo a desdobrar os preceitos básicos e harmonizar os conflitos humanos com racionalidade e espiritualidade.

Nosso trabalho é trazer o Espiritismo para a vida das pessoas, auxiliando-

as a se conectarem consigo mesmas e com Deus, para que, dessa forma, conduzam melhor suas existências.

Recorrer ou não ao Atendimento Fraternal não significa ausência ou presença de problemas e sofrimentos, porque todos os temos. O que difere é que alguns conseguem buscar as orientações doutrinárias frente às dificuldades, enquanto outros precisam de quem as apresente. Mas, para todos, o caminho é o mesmo. O atendente será como um verdadeiro guia nessa viagem.

Para o filósofo e revolucionário alemão Karl Marx (1818-1883), a religião era o ópio do povo, provavelmente no sentido de que deixava as pessoas alheias à realidade que estavam inseridas. De acordo com Sigmund Freud (1856-1939), pai da Psicanálise, a religião era a neurose obsessiva universal da humanidade, dando a entender que o homem que dela necessita não consegue encarar a realidade da vida e sua finitude de modo consciente.

Já o psiquiatra Carl Gustav Jung (1875-1961), criador da Psicologia Analítica, diz: “O mito religioso é uma das maiores e mais importantes aquisições que dão ao homem a segurança e a força para não ser esmagado pela imensidão do universo”.⁴

Frente à preciosidade que é o Espiritismo, como doutrina consoladora e libertadora, em seu tríplice aspecto – ciência, filosofia e religião – muito podemos fazer por nossos irmãos, mediante o Diálogo Fraternal.

Não se sabe dizer quando essa prática foi incorporada ao Centro Espírita. Possivelmente sofreu influência do modelo de atendimento médico, visando ouvir a queixa da pessoa e dar orientações particulares. Com o desenvolvimento da Psicologia, que nos deu uma compreensão aprofundada da personalidade humana, o entendimento do que seja um diálogo eficiente também se ampliou.

Verificamos que podemos extrair dessas ciências recursos e orientações para melhor qualificarmos os atendimentos realizados em nossas instituições.

Não intencionamos fazer do Atendimento Fraternal um consultório de Psicologia, pois isso seria um grande equívoco. Almejamos melhorar o desempenho nessa tarefa, apresentando algumas questões éticas e técnicas

para instrumentalizar o atendente.

Não ousamos propor um modelo único ou absoluto, afirmando qual é o modo correto de se fazer atendimento. Nosso objetivo é apresentar um percurso que permita ao atendente sair da superficialidade de um bate-papo, sem cair nas malhas do aconselhamento, nem ser o religioso vazio que tem como única orientação dizer para a pessoa frequentar a instituição.

Desejamos também, reavivar as preciosas palavras do Espírito Manoel Philomeno de Miranda sobre o assunto oferecendo ao leitor, uma belíssima e importante mensagem psicografada por Divaldo Pereira Franco, em 2013, que gentilmente nos concedeu autorização para publicação neste livro:

ATENDIMENTO FRATERNOS⁵

Quando alguém propõe-se a auxiliar o seu próximo, colocando-se à disposição para o atendimento fraterno, desenvolvem-se-lhe os sentimentos de elevação moral e espiritual, possibilitando-lhe a bênção da sintonia com o mundo transcendente superior.

Entidades nobres, encarregadas de contribuir em favor do progresso da sociedade acercam-se-lhe e passam a inspirá-lo e a protegê-lo com mais assiduidade, a fim de que sempre se encontre em condições seguras para o mister.

Quando se aprende a ouvir com serenidade, especialmente as queixas e reclamações, os brados de desespero e os profundos silêncios da angústia, ou simplesmente permitir que haja uma catarse de quem sofre, interessado em socorrer bondosamente, nunca lhe faltam os valiosos recursos do auxílio dos Mentores, que vão além das palavras consoladoras e calmantes, como também através dos processos fluidoterápicos valiosos.

Os grandes problemas e desafios humanos encontram-se ínsitos na própria criatura, desestruturada para os enfrentamentos, no debate de inúmeros conflitos não resolvidos e procedentes do passado espiritual, que se transformam em terríveis algozes, acicatando o cerne da alma e aturdindo a mente, colocando fantasmas aparvalhantes onde existem somente frustrações e insegurança.

Quaisquer pequenas ocorrências desagradáveis são transformadas em

tremendos sofrimentos que aumentam na razão direta em que a falta de equilíbrio e maturidade para resolvê-los, induz à autocompaixão, à revolta, à insanidade.

Todos os males que aturdem o ser humano procedem do seu íntimo e somente na sua raiz devem e podem ser solucionados.

Por essa razão, cada Espírito é o somatório das suas experiências evolutivas através do curso das reencarnações.

A ignorância desse mecanismo sublime permite ao indivíduo manter-se em deplorável situação existencial, o que lhe proporciona a instalação de conflitos e tormentos desnecessários à evolução, mas que são o inevitável efeito dos comportamentos insanos.

A consciência exige a reparação de todo e qualquer atentado às Leis Cósmicas de harmonia, e, por essa razão, mantém, no perispírito, os arquivos de todas as ocorrências existenciais.

Oportunamente, tudo aquilo que lhe constitui culpa, leviandade, violência, extravagância na conduta, agressão à vida sob qualquer aspecto, emerge, a fim de que se lhe permita a elevação a nível mais significativo, portanto, à capacidade de registros mais profundos e menos grosseiros, defluentes da animalidade por onde transitou no passado.

É comum, portanto, que as aflições emocionais prolongadas terminem em mecanismos de somatização, o que dá surgimento a enfermidades orgânicas muito complexas, ao mesmo tempo enseja contaminações de vírus, bactérias e outros microorganismos danosos à saúde.

Tendo-se em vista a necessidade da reparação dos erros pretéritos e próximos, ocorrem, inevitavelmente, as interferências espirituais negativas que mais agravam a problemática afligente.

Noutras vezes, e não em número inexpressivo, toda ocorrência de sofrimentos tem origem na presença e imantação fluídica de adversários espirituais do ontem, que não conseguiram superar os ressentimentos e optam pela infeliz cobrança, como se fossem transformados nos braços da divina justiça, iniciando as sutis ou abruptas obsessões de efeitos danosos e de complexidade terapêutica muito grande, por depender essencialmente do enfermo.

Em quaisquer casos, no entanto, a compreensão do atendente fraterno torna-se essencial.

A não pressa em dialogar, os cuidados com as colocações propostas, o evitar sempre diagnósticos depressivos ou alarmantes informações sobre perseguições de ordem espiritual, que os necessitados ignoram, são essenciais, a fim de não lhes produzir mais danos que benefícios.

A descrição do ouvinte, na condição de cooperador espiritual, torna-se relevante, sem expor a outrem, sem comentar as experiências dolorosas do seu próximo, enquanto mantém cuidados no diálogo esclarecedor à luz da meridiana sabedoria do Espiritismo.

Jamais sugerir terapias fora daquelas recomendadas pela Doutrina Espírita, seja orientar a busca de profissionais na área da saúde, propor superstições em voga ou aquelas que são heranças do passado, assinalando o atendimento pela serenidade, compreensão e gentileza, ao tempo em que, tampouco, deve prolongar por muito tempo a conversação psicoterapêutica, para evitar criar dependências emocionais e afetivas com o cliente.

De bom alvitre manter-se o cuidado de não receber o mesmo enfermo continuamente, desde que, após instrumentalizá-lo para os esforços pessoais que deve aplicar-se na busca da saúde, encaminhá-lo às das reuniões de explicações doutrinárias, assim como receber os auxílios fluídicos.

Cuidar de não prometer curas e soluções mirabolantes, porque cada caso é especial, sua estruturação no Espírito tem uma longa história de difícil compreensão num rápido lance, nem encorajar ilusões difíceis de serem tornadas realidade.

O atendimento fraterno não substitui o confessor das antigas religiões nem deve permitir que o entrevistado revele segredos, de que se arrependará, para que o ouvinte não se transforme num cofre de revelações dispensáveis para o mister.

Algumas pessoas têm falsa necessidade de narrar os dramas interiores, envolvendo os membros da família, especialmente os parceiros ou afetos, como responsáveis pelo que lhes ocorre, e isso acarreta problemas mais sérios, por causa da utilização intencional de usar os conselhos como arma contra aqueles que supõem serem os seus algozes.

Os dramas existenciais de heranças, de infidelidade conjugal, de rebeldia de amigos e familiares devem sempre ser ouvidos com silêncio, desviando o tema para as consolações que a Doutrina propõe, assim como para o estudo de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, a fim de fazê-las entender as razões das ocorrências que assinalam.

Trata-se, portanto, o atendimento fraterno, de um valioso e grave compromisso que se constitui num importante desafio a que a pessoa se submete.

Nele encontra-se também a mensagem da caridade no aspecto delicado da assistência moral e espiritual, sempre dignificando aquele que chega atormentado e carente de afetividade, não se permitindo, porém, arrebatamentos e emoções que possam transformar-se em sentimentos de paixões subalternas ou de excessiva compaixão.

Quando o atendente está consciente dos fatores que respondem pelas provações, esclarecido pelo conhecimento da reencarnação em nome da Divina Justiça, não perde a serenidade diante dos mais escabrosos acontecimentos, não se choca com narrações exageradas ou graves, a fim de que a sua palavra e a sua emoção sob controle possam sustentar o combalido, ao invés de desviar-se do essencial para os comentários paralelos sem significado.

Nunca dizer de improviso que o problema é resultado de obsessões espirituais nem fazer narrações aterradoras, ou que se trata de mediunidade não cuidada, por falta da prática da caridade, já derrapando em julgamentos que não têm cabimento.

Fortalecer o ânimo do visitante com jovialidade e ternura, ao tempo em que lhe demonstre a necessidade de responsabilizar-se pelas ocorrências e conseguir superá-las com paciência, com mudança das paisagens mentais e com a conseqüente alteração do comportamento moral para melhor.

O atendimento fraterno objetiva diluir informações equivocadas que o paciente traz sobre o Espiritismo, retirar-lhe a ideia mágica ou sobrenatural, deter-se no problema central, sem desvios narrativos incessários, com demonstração de solidariedade, mas sem parecer que, a partir daquele momento, tudo se modificará ou pretender assumir o compromisso de passar

a carregar-lhe a problemática.

Jesus, o exemplo máximo de atendimento fraternal aos infelizes, na Sua superioridade moral, evitava os diálogos longos e as interrogações secundárias, sendo direto no exame da questão, quando perguntava aos que O buscavam:

— Que queres que eu te faça? Ou tu crês que eu te posso curar?

E, de maneira incisiva, após operar a mudança no transtorno de qualquer natureza do enfermo, completava:

— Vai e não tornes a pecar, a fim de que não te aconteça nada pior.

Impossibilitado de agir de igual maneira, o atendente espírita, deve sempre dispor-se a ajudar, favorecendo o visitante com as diretrizes para a autoajuda, para a sua renovação e saída do erro gerador do distúrbio que o aflige.

Orientar com sabedoria e bondade é uma difícil arte de amar.

O ser humano de hoje conduz interiormente todas as heranças do longínquo passado, por cujos territórios passou armazenando experiências nem sempre edificantes. A predominância das paixões primitivas remanescem fortes, dificultando-lhe o desenvolvimento moral que é mais lento e mais importante.

Por essa razão, os diálogos durante o breve contato entre paciente e atendente deve constituir-se de singulares cuidados, especialmente preservando a integridade moral de ambos os dialogadores.

Todos aqueles que chegam atormentados em busca de conforto moral, trazem, às vezes, inconscientemente, as respostas que gostariam de ouvir, especialmente os queixosos e reclamadores, os acusadores e os depressivos, sendo indispensável manter-se cuidado com as palavras a exteriorizar-lhes e sem nenhuma presunção de convencê-los, mas sim, responder às indagações que sejam feitas, ao tempo em que favorece com os caminhos a percorrer a partir daquele momento.

Jamais sugerir o abandono das terapêuticas médicas a que vêm sendo submetidos, não interferindo numa área que não lhe diz respeito, nem tem condições de pronunciar-se. Pelo contrário, vale o cuidado de interrogar-lhes se recebem assistência especializada e mesmo diante da reclamação de que a

mesma não tem dado os resultados desejados, estimulá-los a prosseguir ou mesmo, se for o caso, procurar outro facultativo.

O Espiritismo não vem combater nenhuma ciência, especialmente a médica, antes contribui em favor de resultados mais amplos, por demonstrar que o Espírito é o ser do qual procedem todas as manifestações existenciais.

Essa união das duas doutrinas – a médica e a espírita – é de fundamental significado para o bem-estar da criatura humana e, por extensão, da sociedade.

Nas recomendações que se deve apresentar ao paciente, é necessário elucidar o valor dos passes, da água magnetizada ou fluidificada, da oração e do comportamento como indispensáveis à sua recuperação.

Em circunstâncias mais embaraçosas, não perder a calma, não reagir da maneira como seja agredido, tendo em vista que o socorro não se pode converter em revide, porque o doente nem sempre tem noção exata de como se está conduzindo durante o atendimento.

São muitas as angústias que desnorteiam o ser humano e, em razão disso, os desequilíbrios emocionais tornam-se mais comuns e repetitivos, merecendo mais cuidado e entendimento fraternal, acalmando-o com vibrações de ternura e ondas de caridade, que constituem especial elemento de recuperação.

Cuide-se o atendente fraterno de orar com unção, experienciar contínuas emoções de alegria pela alta honra de poder servir, mantendo-se em sintonia com o Divino Médico de todos, que se encarregará dos resultados finais.

Por fim, aplicar-se o sublime ensinamento: Fazer ao próximo como gostaria que o mesmo lhe fizesse.

Nisso reside o êxito do empreendimento de amor, resultando na caridade numa das suas mais sublimes manifestações.

Manoel Philomeno de Miranda



1ª PARTE

O ATENDIMENTO FRATERO

Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos darei descanso.

Jesus (Mateus 11:28)

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda tornou-se um grande estudioso dos comportamentos alienados da criatura humana. Em suas obras, psicografadas por Divaldo Pereira Franco, descreve várias atividades realizadas nas Casas Espíritas, e dentre essas, situações de Atendimentos Fraternos.

Imbuídos da importante contribuição desse venerável trabalhador do plano espiritual, resgatamos também algumas de suas obras psicografadas, extraíndo orientações sobre o Atendimento Fraterno.

Com isso, querido leitor, esperamos oferecer novos recursos para os corajosos trabalhadores que se dedicam à tarefa do Diálogo Fraterno, bem como estimular tantos outros que sentem o chamado para servir ao Cristo, mas que ainda não se veem preparados para tal empreendimento.

Rogamos a Jesus, nosso Mestre Sublime, que ampare a todos que labutamos em Seu nome, para que nossas imperfeições morais e limitações pessoais não prejudiquem Sua obra, favorecendo assim a implantação do Bem na Terra.

O autor oferece-nos importantes subsídios para todos aqueles que desejam compreender o processo de adoecimento mental, principalmente

na interface com os quadros obsessivos. Diz-nos que para melhor identificar a fronteira divisória entre os episódios psicopatológicos e os obsessivos, frequentou manicômios, vários hospitais psiquiátricos e pode constatar que “sempre é o Espírito encarnado o agente responsável pelos distúrbios que padece, numa como noutra área da saúde mental”.⁶

Reflitamos, pois, sobre suas palavras.

CAPÍTULO 1

A EXPERIÊNCIA DE MANOEL PHILOMENO DE MIRANDA

Passemos a analisar o pensamento de Manoel Philomeno de Miranda exarado em várias obras sobre o comportamento humano/espiritual de encarnados e desencarnados bem como suas orientações ao atendimento fraterno para que possamos trazer para nossa vivência os seus ensinamentos e experiências.

Loucura e Obsessão (1988)

Nessa obra, vários capítulos são destinados a descrever as consultas realizadas em uma instituição com característica do culto umbandista, pautada nos estudos de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Embora a atividade seja diferente das práticas do Atendimento Fraterno na Casa Espírita, dali podemos extrair algumas orientações importantes no trato com as pessoas, afinal, os pedidos são os mesmos: “a busca por soluções para os problemas do cotidiano, que os próprios indivíduos criaram por ignorância, rebeldia ou intemperança...”⁷ E da mesma forma, a proposta terapêutica é similar: “A palavra caridade assumia ali o significado profundo de apoio e socorro moral quanto espiritual”.⁸

Na instigante obra, encontramos logo no início, a narrativa de cinco casos: uma mulher petulante exigindo que a vinculasse a determinado homem casado, por quem se apaixonara; um senhor aflito, sentindo-se

fracassado, em busca de um emprego; uma senhora com distúrbio sexual decorrente da frigidez; o drama de Carlos, um paciente esquizofrênico; e um jovem que, pela sua narrativa, parece ser transexual.

Nestes atendimentos podemos absorver importantes orientações que cabem perfeitamente à tarefa do Atendimento Fraternal.

No primeiro caso vemos a habilidade no atendimento para acolher, sem deixar de orientar.

Por reconhecê-los aflitos, sustentamos o conhecimento que o Espiritismo nos proporciona, sem submissão aos interesses mesquinhos e mundanos dos atendidos.

Apresentar a vida pelo ângulo da dimensão espiritual é tarefa de todo atendente fraternal, que reconhece nas buscas e conclusões equivocadas das pessoas, o desconhecimento da realidade transcendente.

No segundo, encontramos a postura esperançosa e entusiasmada, estimulando à esperança e à perseverança, como grande contributo das instituições religiosas que reconhecem em Deus o Pai amoroso que não desampara seus filhos.

As consequências do comportamento sexual infeliz em vidas pregressas são analisadas no terceiro caso. A aversão ao sexo, naquela problemática, revelava a mágoa do mundo e a revolta pela má utilização da função sexual em oportunidade anterior. Evidentemente que não nos permitiremos esse caráter revelatório das reencarnações anteriores no atendimento no Centro Espírita. Contudo, os casos analisados nessa instituição nos proporcionam subsídios para entendermos a justiça divina se materializando a todo momento, oferecendo ao homem, as consequências das suas próprias atitudes.

Os dois últimos casos, analisados com mais detalhes, oferecem importantes reflexões sobre a questão das alienações mentais e dos distúrbios sexuais, convidando o leitor a se deter nesses ensinamentos profundos.

Em relação à prática do atendimento, ressaltamos ainda a partir dessa obra, alguns aspectos para o atendente:

- O compromisso de apresentar o Espiritismo sempre, independente da

crença daquele que nos procura, afinal, foi ele quem buscou uma instituição espírita;

- A proposta terapêutica sem promessa de resultados específicos;
- O reconhecimento de que os resultados dependem de vários fatores, por isso, não se agasalha ideias otimistas exageradas, nem imediatistas, porque a terapêutica espírita se compromete com uma construção para a eternidade;
- A necessidade da conciliação dos tratamentos que o Centro Espírita proporciona com as ciências terrenas.

Ainda, ressaltamos o chamado que o autor espiritual nos faz, ao dizer que, “apesar da clareza mental que domina grande número de pessoas nas várias escolas do Espiritualismo em todas as suas expressões e do Espiritismo em particular, são escassos os homens dispostos ao serviço da verdadeira fraternidade e da caridade em ação libertadora. Discute-se muito e realiza-se pouco. Perde-se largo tempo em verbalismo inoperante, em detrimento da iluminação e do esclarecimento de consciências. Fracionam-se os grupos, vencidos pelas vaidades culturais e paixões pessoais em prejuízo da solidariedade muito apregoada e pouco vivida. Nenhuma censura, porém, de nossa parte. A citação é para ilustrar que, enquanto muitos discutem como distribuir víveres, em banquetes faustosos, numa época de fome, milhares morrem por total escassez de alimentos. É o que sucede neste setor espiritual”.²

Sexo e Obsessão (2002)

O relato refere-se às tarefas espirituais em respeitável instituição espírita sob os cuidados do venerando Espírito Francisco de Assis. Permeada pela história do padre Mauro, envolvido em grave problemática sexual, o autor dedica algumas de suas páginas à observação do Atendimento Fraternal na instituição baiana.

No oitavo capítulo temos a descrição de três casos que foram atendidos naquele dia. Antes desses, o autor descreve o preparo que a equipe recebeu, nas seguintes palavras: “todos os trabalhadores haviam recebido treinamento espírita e psicológico e, periodicamente, eram reavaliados,

reciclados, de modo que pudessem cooperar com bondade e discernimento doutrinário em favor de muitos sofredores que buscavam orientação”.¹⁰

O primeiro caso é de uma mulher que se dizia obsidiada. De forma habilidosa a atendente orientou no sentido da desmistificação e do sensacionalismo, explicando que todos somos influenciados pelos espíritos, submetidos à lei de sintonia mental. Mostrou o Espiritismo com simplicidade pautando-se na assertiva cristã “orai e vigiai”.

Philomeno faz uma importante observação para nós que labutamos na área, enfatizando que a atendente buscava mais ouvir que falar e conseguiu orientar mediante a contribuição do Espiritismo, “evitando as próprias conclusões e o que se convencionou denominar como *achismo*, mediante o qual se opina sem conhecimento de profundidade a respeito de tudo, apoiado no *que se acha*, no *que se pensa*, no *que se conclui*, nem sempre corretamente”.¹¹

A segunda problemática foi descrita por senhora com dificuldades na relação sexual com o marido que agora desejava dela conduta extravagante em compartilhar das aberrações que via nos filmes de prostituição e vulgaridade. Seu conflito decorria do medo de não atender os desejos irrefreáveis do cônjuge e ser abandonada por ele.

Com grande discernimento a respeito do seu papel, a atendente afirmou que não lhe cabia dizer-lhe o que devia fazer, pois que assumiria a responsabilidade pela sua futura atitude. Mesmo sob a insistência da pessoa, suas orientações foram para que pensasse, amadurecesse reflexões e estudasse *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec, de onde poderia extrair as orientações para uma vida plena.

Por fim, Miranda descreve o atendimento de casal que perdeu seu filho único. Os dois encontravam-se desesperançados, considerando a própria morte como forma de aliviar suas dores. O atendente proporcionou-lhes uma nova compreensão da vida por meio dos postulados espíritas ao esclarecer-lhes que ela é perene; sendo a morte processo de libertação do corpo físico, ninguém perde os entes amados. Eles apenas estão em outro plano existencial.

Conclui o capítulo com precisa nota de orientação aos atendentes:

“Quando o amor dirige os sentimentos e os pensamentos, as ações, inegavelmente, são corretas e dignificadoras. O Espiritismo é a chave que decifra os enigmas existenciais. Vivê-lo com simplicidade, desvesti-lo das complexidades com que algumas pessoas desejam envolve-lo, por preferirem sempre as complicações ao equilíbrio, é dever de todos nós, encarnados e desencarnados, que lhe somos afeiçãoados”.¹²

Entre os Dois Mundos (2004)

No décimo sexto capítulo dessa excelente obra que expressa o intercâmbio contínuo entre as duas esferas da vida, Manoel Philomeno de Miranda, juntamente com o Dr. Arquimedes, acompanha um Atendimento Fraternal realizado em uma Associação Espírita, num pequeno trecho de grandes ensinamentos.

A atividade da noite era dirigida por Silvério Carlos, membro da equipe de Policarpo – mártir cristão que reencarnou entre 69 e 155, com extraordinárias realizações na seara do Cristianismo primitivo.

Depois da exposição evangélica, Silvério dirigiu-se a pequena sala para se preparar para atender os corações aflitos que lhe aguardavam. Segundo Miranda, era mais que um atendimento convencional, posto que ouvia as pessoas e procurava com as mesmas as respostas para suas inquietações, ao tempo em que, atendia-as espiritualmente com os recursos próprios do momento.

Seu trabalho era de iluminar as mentes com os ensinamentos do Espiritismo, de forma que cada atendido adquirisse responsabilidade diante da vida, evitando tornar-se-lhes o guru ou o psicoterapeuta de toda hora, como não raro, ocorre.

Transtornos Psiquiátricos e Obsessivos (2008)

No capítulo dezoito encontramos a descrição das atividades de uma respeitada instituição que foi fundada durante a ditadura getulista. O caso de Atendimento Fraternal a que Miranda foi convidado a acompanhar era grave, decorrente de uma importante decisão que seria tomada por falta de esclarecimentos doutrinários sobre aborto de anencéfalos.

Uma jovem de 25 anos engravidou e, a partir disso, sua relação amorosa deteriorou-se. O companheiro exigiu-lhe aborto, e por não aceitar o ato criminoso, ele foi embora de sua vida.

Acontece que depois disso ela descobriu que o bebê se tratava de um anencéfalo. Ela sentia como se estivesse gestando um monstro, produto de uma maldição divina. O médico e a mãe da jovem sugeriam o aborto, e ela, abalada com a notícia, assim desejou. Contudo, sentia dentro de si um grande conflito entre um pedido de ajuda e uma ação maléfica.

A atendente fraternal, ampliando os horizontes a respeito da vida, argumentou a favor do planejamento reencarnatório pautado na lei de causa e efeito, onde tudo está de acordo com os desígnios divinos. Inspirada por seu benfeitor espiritual mostrou a noção de crime que o Espiritismo imputa ao aborto, posto que sempre haja motivos perante as Leis que governam a vida. Orientou-a a acalmar-se e orar, em busca de auxílio, confiando em Deus, aproveitasse da terapia dos passes e voltasse quando lhe aprouvesse.

Aqui como em outros casos fica evidente a diferença entre aconselhar versus esclarecer. A segunda opção será sempre a mais segura.

Amanhecer de Uma Nova Era (2012)

Nessa obra encontramos riquíssimas orientações para o Atendimento Fraternal, posto que a maior parte das descrições se dê dentro de núcleo figuradamente denominado de Sociedade Espírita Amor e Caridade.

Ao longo do texto, identificamos três diálogos significativos. O primeiro se refere ao grave caso de uma moça alienada pela própria mãe na experiência de exploração do sexo. Prostituiu-se e após engravidar, foi pressionada ao aborto através de cruel manipulação do genitor, e acabou buscando auxílio na instituição espiritista, conduzida pela inspiração divina.

O caso esteve sob a supervisão do Dr. Bezerra de Menezes que primeiro conduziu o odiento obsessivo envolvido na problemática, à reunião mediúmica que era realizada antes do Diálogo Fraternal com as pessoas.

Ao descrever com certa minúcia os diálogos, nessa obra, Miranda exalta posturas exitosas, mostrando a forma simpática e comprometida dos

atendentes como verdadeiros trabalhadores de Jesus.

No drama em questão, após ouvir carinhosamente, percebemos que o atendente conseguiu ir além do comportamento simplista que diz “faça isso” ou “não faça isso”. Evidencia a gravidade do crime do aborto, instrumentalizando a moça aflita para que conseguisse reavaliar sua decisão, com mais cautela, agora considerando os postulados da vida espiritual. Falou-lhe da imortalidade e da reencarnação, estimulando-a a compreender a vida por outra óptica, ao mesmo tempo em que lhe envolvia em fraternidade e compaixão.

No décimo primeiro capítulo, temos a descrição de um comovente Diálogo Fraternal informal, entre um importante trabalhador que vivia grave caso de perturbação mental e o presidente da instituição.

Como exemplo de não julgamento e consolação, após ouvir os equívocos que o trabalhador cometeu contra a própria instituição, e desejoso de colocar seu cargo à disposição, o benfeitor encarnado “segurou-lhe a mão, num gesto fraterno e superior, respondendo-lhe com amabilidade: – Nunca o irmão foi mais digno de continuar no seu posto do que hoje. Todos nos enganamos e temos o direito de refazer o caminho, de encontrar a melhor maneira para o reequilíbrio. Peço-lhe que permaneças ao nosso lado, ajudando-nos e ajudando-se”.¹³

Nesse belo diálogo banhado pelo amor, como efeito da mudança do foco mental do companheiro antes equivocadamente, o ser ovoide que lhe obsidiava, afrouxou e se desligou por completo, nos fazendo compreender a lição da responsabilização pessoal. Dr. Bezerra de Menezes já havia feito grande intervenção no plano espiritual, mas havia deixado aquela vinculação doentia do ovoide. E por fim, Miranda compreendeu que assim se sucedeu para que a pessoa viva “a liberdade de escolha psicoterapêutica derivada da própria vontade”.¹⁴

Ainda nessa importante obra que aborda o grande momento de transição que vivemos, o leitor pode desfrutar da descrição de mais um Diálogo Fraternal realizado naquela instituição. Um jovem com sintomas depressivos, que também sofria constritora obsessão.

Caso grave de entidade insensível e vingativa, em fase de transformação

lupina, acoplada à pessoa, perispírito a perispírito, absorvendo suas energias e induzindo-o à fuga pelo suicídio. O atendente ainda falou-lhe dos processos depressivos e da concomitância com os processos obsessivos que muitas vezes estamos expostos sem perceber. Ofereceu uma importante interpretação doutrinária sobre o suicídio, incutiu-lhe esperança e fez os encaminhamentos adequados.

Interessante nesse, como em outros casos, a continuidade dos trabalhos no plano espiritual, auxiliando os indivíduos a se desembaraçarem das pesadas cargas negativas que se encontram por conta da vinculação obsessiva.



CAPÍTULO 2

COMPLEXIDADE DA TAREFA

O Atendimento Fraternal é uma atividade prevista pela Federação Espírita Brasileira (FEB), descrita na obra *Orientação ao Centro Espírita* como parte do Atendimento Espiritual no Centro Espírita (AECE).¹⁵ Esse documento de orientação ao movimento espírita explica que o Atendimento Fraternal “*consiste em receber fraternalmente aquele que busca o Centro Espírita, dando-lhe a oportunidade de expor, livremente e em caráter privativo e sigiloso, suas dificuldades e necessidades*”.¹⁶

Sua finalidade é “*acolher, de forma fraterna e solidária, dentro dos princípios do Evangelho à luz da Doutrina Espírita, ouvindo e orientando com respeito, atenção e humildade aquele que: a) Deseja fazer uma visita e/ou integrar-se às atividades do Centro Espírita; b) Deseja receber ajuda material e/ou espiritual; c) Deseja informação ou estudo; d) Necessita de assistência, orientação doutrinária ou amparo; e) Tem interesse em conhecer a Doutrina Espírita e o trabalho espírita*”.¹⁷

Essas linhas gerais propostas pela FEB oferecem um direcionamento ao trabalho.

Sabemos que toda atividade tem seu grau de complexidade, mas para desenvolvermos a maioria delas podemos nos antecipar às situações, e com isso, dirimir os riscos e possíveis dificuldades.

Por exemplo, para fazer uma exposição doutrinária estudamos o tema com antecedência, discutimos com os colegas mais experientes e, quando nos sentimos preparados, assumimos a responsabilidade. Podemos preparar diferentes recursos para auxiliar na explanação como: anotações, lembretes,

livros, recursos visuais, etc. Também podemos ensaiar a fala, gravar, treinar em frente ao espelho, cronometrar o tempo, até que fique como planejamos.

Tudo isso nos favorece e, ainda que não seja uma atividade simples, assumimos com menor inibição porque podemos minimizar o efeito dos obstáculos. Poucos expositores se dispõem a fazer palestra em cima da hora, sem preparo prévio. E mesmo quando assim acontece, decorrente de um imprevisto, ainda se escolhe o tema a ser abordado.

Na coordenação de um grupo de estudos vivemos algo semelhante, no sentido do preparo prévio. Antes de começar o ano já estudamos os temas e as referências, definimos os encontros e o método de trabalho. Quando não sabemos determinada resposta pesquisamos e respondemos na próxima reunião, devido à continuidade dos encontros. Por mais complexo e amedrontador que pareça coordenar um grupo de estudos, como na exposição doutrinária, minimizamos os fatores que poderiam prejudicar nosso desempenho ao nos prepararmos anteriormente, como a nobreza da atividade merece.

Em uma atividade mediúnica não temos um tema para apresentar. Quando somos o dialogador não temos a noção de quais tipos de casos atenderemos na reunião, o que nos impossibilita o preparo anterior. Precisamos nos aprontar para as mais diversas situações que podem ser apresentadas, no entanto estamos em grupo, contando com apoio de outros amigos – caso surjam dificuldades no diálogo – e com a vibração positiva de todos os presentes.

No Atendimento Fraternal, além de não contarmos com nenhum desses facilitadores, ainda existem outras dificuldades:

Diversidade do público: alguns são mais esclarecidos e compreendem com facilidade o que falamos, outros nem tanto. Existem aqueles que têm hábito de leitura ou mesmo de estudos acadêmicos e espíritas, mas outros não têm a menor noção de nossos postulados, sem contar aqueles que conseguem se expressar melhor em contraposição àqueles que não têm clareza no discurso. Isso exige uma grande capacidade de manejo do

diálogo, pois precisamos conduzir o encontro para algo construtivo, sem negar as características de cada um.

Alteração emocional: se a pessoa procurou o atendimento é porque algo não está bem. Essa é uma grande diferença de várias outras atividades, pois quando alguém do público não está bem na palestra ou no estudo, ele é encaminhado para o Atendimento Fraternal. Ou seja, nosso público-alvo são as pessoas alteradas emocionalmente. Isso exige mais calma, paciência, tato emocional, perspicácia e habilidade interpessoal do atendente.

Tempo escasso: tal fator exige grande precisão. Como as pessoas estão em estado de sofrimento, geralmente desejam descrever até com certa minúcia o seu caso, ou ainda, procuram o atendimento quando não aguentam mais e, por isso, chegam até nós com muitas queixas ao mesmo tempo. Precisamos conciliar tudo isso, sem desmerecer a dor do atendido, para levá-lo à reflexão profunda sobre si mesmo, em um tempo que não deve extrapolar os sessenta minutos. Falaremos sobre esta questão específica no item **Duração do Atendimento**, na parte final do livro.

Dificuldade de supervisão: embora, em nosso grupo, orientemos para que o atendimento seja realizado sempre em dupla, sabemos que em muitos outros, esta atividade é realizada individualmente. Parece que estamos a sós tanto em termos de atendimento quanto depois dele, afinal, não podemos comentar o caso e trocar ideias com qualquer pessoa sobre o percurso que tomamos ou as dificuldades que sentimos.

Nas diferentes atuações da saúde, temos o hábito da supervisão, ou seja, do diálogo com alguém mais experiente, sobre a condução de determinada situação. Esse supervisor tira dúvidas, sugere leituras, nos auxilia a tomar consciência, se eventualmente estivermos interferindo de forma negativa na condução do caso e nos prepara para a continuidade do atendimento. Tudo isso no sentido de oferecer apoio a quem está à frente dos fatos, sabendo de toda a complexidade envolvida.

Infelizmente ainda estamos longe dessa possibilidade no caso do Atendimento Fraternal, e pela sensação de desamparo, muitos receiam a tarefa.

Exigência de não envolvimento emocional: para atuarmos nessa tarefa, precisamos ter um perfil empático, no sentido de procurar sentir o que a pessoa a quem prestamos atendimento sente. No entanto, para o bom desempenho, não podemos nos envolver emocionalmente, sob o risco de mais atrapalharmos do que ajudarmos. Ouvimos com o coração, nos colocando no lugar daquele que sofre, mas sem um envolvimento emocional que nos perturbe ou nos impulse a querer resolver o problema do outro como faríamos com nossa própria vida.

Exigência de total imparcialidade: a queixa é sempre uma versão entre muitas que poderiam ser contadas sobre o mesmo fato. Não dizemos com isso que desconsideraremos o discurso da pessoa, desconfiando do que fala. Apenas, consideramos que seu relato é a sua forma de analisar a situação, e não a verdade absoluta dos fatos. Encontrar esse equilíbrio entre a consideração da sua dor, sem tomar sua fala como única, e sim como o seu ponto de vista sobre a situação, é difícil.

Complexidade de cada tema: embora as interpretações doutrinárias se baseiem em uma obra específica que podemos citar, o entendimento que fazemos de cada tema é muito mais amplo, decorrente do estudo e da análise de várias obras sobre o mesmo assunto. Para abordarmos a questão do perdão, por exemplo, lemos e refletimos sobre muitos textos espíritas e disso fazemos uma síntese. Se dimensionarmos esse conhecimento para os inúmeros temas que surgem no Atendimento Fraternal, teremos a noção do quanto o atendente precisa estudar para bem realizá-lo.

Por esse ângulo, a primeira reação da maioria dos candidatos à tarefa é recuar, haja vista o grau de responsabilidade exigido, bem como da dificuldade existente. No entanto, ao pensarmos no incontável número de pessoas sofridas, sem rumo, que necessitam de amparo e consolação e que procuram nossas instituições, e ao identificarmos a preciosidade que temos ao nosso alcance por intermédio do Consolador Prometido, não podemos nos furtar à oportunidade de servir.

Nunca estaremos completamente prontos.

Sempre existirão temas e casos que abalarão nossas estruturas e que não

saberemos conduzir. Mas o desejo de servir ao Cristo deve imperar em nossos corações e nos estimular à melhora contínua – intelectual e moralmente – para oferecermos um tijolo na construção desse mundo melhor, de paz e harmonia que todos almejamos.



CAPÍTULO 3

ALGUNS ESCLARECIMENTOS

Paciente, cliente ou atendido?

Primero nos deteremos no uso do termo *paciente*. Certas pessoas não utilizam essa expressão por estar ligada à questão profissional, como se fosse de uso exclusivo da área da saúde, onde também há certo preconceito, optando-se por chamá-lo de usuário.

A palavra *paciente* remete à alguém que tem paciência, que é sereno, conformado, que aguarda tranquilamente. Na gramática, “Diz-se daquele que não pratica a ação expressa pelo verbo, mas a recebe”¹⁸, dando a entender que paciente vem de passivo, razão pela qual alguns receiam seu uso.

O termo *cliente*, que quer dizer “Pessoa que confia a defesa de seus interesses ou direitos a um advogado, tabelião” ou “pessoa que consulta habitualmente o mesmo médico, dentista, etc”¹⁹, muitas vezes é preferido.

Na mensagem de Manoel Philomeno de Miranda que aqui publicamos, ele se utiliza dos termos enfermo, pessoa, visitante e, em especial, paciente.

O Espírito Joanna de Ângelis, na mensagem Terapia do Amor, de 1997, usa as expressões cliente e paciente.

O termo paciente vem do latim *patiente*, que quer dizer “que sofre”, particípio presente de *pati*, de “sofrer, suportar”. Não nos deteremos nele, cabendo também “atendido” ou “pessoa”, mas enfatizamos que o termo paciente nos sensibiliza pelo reconhecimento do “indivíduo doente”, ou

seja, aquele que padece.

Por orientação da Federação Espírita Brasileira, não utilizaremos os termos “paciente”, “terapia” ou qualquer outro que caracterize atuação profissional, para evitar conflitos com aqueles que assumem a tarefa, e principalmente com os que dela se beneficiam. É importante evitar confusões e brechas para que as pessoas vejam as atividades do Centro Espírita como substitutivas dos tratamentos convencionais, afinal, eles são complementares. Jamais poderemos interferir em qualquer atividade de cunho profissional, muito menos prescrevendo ou retirando medicações ou tratamentos – isso não cabe às nossas instituições.

A dimensão espiritual, foco de nossa atuação, é apenas uma das quatro dimensões consideradas pela Organização Mundial da Saúde, que compreende o ser humano como “Bio-Psico-Sócio-Espiritual”, onde nenhuma se sobrepõe à outra.

Toda vez que nos dispomos a fazer um Diálogo Fraternal, devemos lembrar que estamos à frente de alguém em sofrimento e precisa de auxílio, mais do que julgamento ou condenação.

Atendimento Fraternal ou Psicoterapia?

Como dissemos, o uso do termo paciente nos remete à questão da psicoterapia. Aproveitamos o ensejo para fazer um esclarecimento: o que difere o Atendimento Fraternal de uma psicoterapia não é simplesmente a formação de quem atende. Afinal, mesmo que seja um psicólogo que realize o Atendimento Fraternal, ali seu papel é completamente diferente do trabalho no consultório profissional.

As atividades do Atendimento Espiritual no Centro Espírita (AECE), propostas pela Federação Espírita Brasileira compõem um grande passo nas instituições, visando o atendimento daqueles que sofrem. Mas é preciso ter cuidado para que a essência da proposta não seja deturpada.

Esse setor surge com a intenção de reunir as atividades da Casa Espírita que visam oferecer apoio aos aflitos que nos procuram. Caminha num sentido de humanização, visando atender necessidades específicas, desde a recepção, passando pelo Atendimento Fraternal, até a equipe que ensina e

dá apoio à implantação do Evangelho no Lar daquele que está necessitado.

Por serem atividades voltadas para o indivíduo, nesse sentido humanizado, alguns trabalhadores desejam colocar-se no lugar de psicoterapeutas, aconselhando e determinando condutas daqueles que nos procuram. No entanto, compreendemos que apesar das ações serem humanizadas há grandes diferenças entre as atividades do Atendimento Espiritual e a Psicoterapia. Embora os objetivos pareçam os mesmos, a formação profissional e os instrumentos de trabalho são completamente diferentes. Expliquemos melhor:

O psicólogo vivencia uma extensa formação, incluindo anos de estudos sobre o desenvolvimento da personalidade, os processos de adoecimento, as técnicas de avaliação e atendimento, estudo do Código de Ética, e mais, precisa se submeter a supervisões para discutir seus casos e a condução de cada um deles. E mesmo depois de formado, ainda sugere-se que ele continue fazendo a chamada supervisão de casos clínicos, por muitos anos, buscando orientação de pessoas mais experientes para que seus conteúdos pessoais não prejudiquem o atendimento realizado, além da análise pessoal. Ainda há um Conselho de Classe que orienta e disciplina a prática daquele profissional.

Na psicoterapia o material com que se trabalha é a experiência pessoal do paciente. A partir da sua dor, o psicoterapeuta leva-o a pensar sobre esse ou aquele aspecto que está se evidenciando, favorecendo a tomada de consciência de seus padrões de funcionamento e de suas posturas geradoras de sofrimento. Nessa situação, não se utiliza de uma doutrina religiosa que se preocupa em oferecer diretrizes para a conduta humana, senão da análise do próprio comportamento em si, em que cada sujeito é visto como único. Não é uma mera conversa, nem um grupo de desabafo ou de simples aconselhamentos.

O analista utiliza-se de técnicas específicas, posturas, olhares e análises que diferem de um diálogo cotidiano. Suas colocações não são conselhos ou sugestões do senso comum, e sim orientações a partir de um diagnóstico feito, do entendimento do funcionamento psicológico daquela pessoa e do momento de vida em que ela se encontra.

É preciso compreender que se um psicólogo faz algum tipo de intervenção, ou mesmo um aconselhamento, seja na psicoterapia individual ou em grupo, ele não a faz aleatoriamente, por “achismo” ou suposição. Em geral, o psicólogo já realizou uma análise da personalidade do sujeito, que tecnicamente chamamos de diagnóstico para, a partir disso, saber se posicionar frente àquele caso.

Existem muitas formas de diagnósticos, seja através da estrutura da personalidade, dos mitos, tipos psicológicos junguianos, sintomas clínicos, forma de funcionamento. Independente da linha teórica da qual se apoia, toda atitude de um psicólogo frente a seu paciente está fundamentada em um diagnóstico específico.

A partir desse diagnóstico ele vai definindo a forma de se relacionar com seu paciente, o que falar ou não falar, como direcioná-lo e auxiliá-lo, pois, cada pessoa é única, e o que pode dar certo para uma não necessariamente dará para outra. É preciso fazer uma análise do momento de vida, da constituição egoica, dos mecanismos de defesa, entre tantos outros detalhes que precisam ser analisados, para que então o psicólogo se posicione com segurança. As perguntas que se faz, as posturas que se têm, se “acelera” ou “freia”, se “esquenta” ou “esfria”, são pautadas nisso. Para algumas pessoas perguntamos: “O que você está sentindo”? E para outras: “O que você está pensando”?

Cada pergunta, questionamento, confronto, orientação ou sugestão está fundamentada numa compreensão psicológica do sujeito. Uma pessoa com transtorno de personalidade, outra com perfil ansioso, outra histérica e uma que seja psicótica, serão manejadas de forma completamente diferente – e isso, somente um profissional habilitado, em um ambiente e com contrato específico, deve fazer.

No Atendimento Fraternal não temos condições de fazer esse tipo de diagnóstico, e mesmo que tivéssemos, esse não é nosso enfoque. Temos um sublime instrumento de intervenção que é o Espiritismo, o qual não podemos relegar, sob o risco de perder a essência de nosso trabalho. Da mesma forma que faz um psicoterapeuta, ouvimos o caso, mas o caminho que tomaremos não será de análise e de qualquer intervenção psicológica.

Ouvimos para compreender melhor sua situação e, com isso, conseguirmos definir qual conhecimento doutrinário poderá auxiliar a pessoa naquela situação. Estamos ali para apresentar a Doutrina Espírita e, assim, oferecer à pessoa uma forma diferenciada de interpretar a vida e seus problemas. Não é conselho ou direcionamento. O que fazemos é apresentar o conhecimento doutrinário e, a partir disso, instrumentalizar o sujeito para mudar sua conduta para melhor, visando às Leis Divinas e seu processo evolutivo nessa reencarnação.

Não podemos confundir a psicoterapia com o Diálogo Fraternal, uma vez que cada um tem seu lugar e sua importância. Nesse sentido, compreendemos que são ações que se complementam, por terem enfoques e instrumentos diferentes, e que na Casa Espírita só há lugar para a Doutrina Espírita.

Ineficácia do aconselhamento

Após o entendimento de que o Diálogo Fraternal não é uma psicoterapia, precisamos analisar a ineficácia do aconselhamento.

Imaturamente acreditamos ajudar as pessoas ao dizermos “não pense assim”, ou “você não deveria sentir isso”, como se fosse possível alguém mudar a sua forma de pensar, agir ou sentir porque lhe orientamos.

Ao proceder desse modo demonstramos o desconhecimento de que a personalidade, a forma de agir ou reagirmos a vida não é uma simples escolha, que possa ser modificada pela racionalidade. Somos resultado de uma construção de milênios, tomados por complexos desta e de outras reencarnações, que interferem diretamente no modo como interpretamos a vida e nos colocamos no mundo.

Sendo assim, ao invés de cairmos na tentação do aconselhamento, que nos coloca no lugar de sabedores, de mestres ou orientadores, reconhecemos a nossa insignificância frente aos desafios do próximo, e lhe oferecemos subsídios para que ele estabeleça sua caminhada a partir de novos referenciais. Nos desincumbimos de dizer o que fazer ou como fazer, para oferecer os recursos doutrinários que lhe permitam interpretar a vida por um outro ângulo, decorrente de suas reflexões e da reorganização

interior, que não se dará de uma hora para outra.

Além disso, evitamos esse aconselhamento, por que quase sempre ele se constitui numa ação irresponsável. Desconhecemos, mas o aconselhamento é uma técnica psicológica estudada nas Universidades. Em alguns países, é uma profissão. E como tal, tem seus métodos, exigindo do aconselhador uma teoria psicológica que lhe subsidie um diagnóstico específico.

Então, queremos tecer uma crítica a essa postura de conselhos sem fundamentação, sem que o leitor se sinta agredido com essas colocações, mas para que reflita sobre algo tão comum no anonimato de nossas salas de diálogo:

- Para aconselhar, parte-se do pressuposto de que aquilo que a pessoa relata é a verdade. Mas será mesmo? Quando alguém numa briga descreve o ocorrido, ela narra os mesmos fatos que a outra, idênticos? Ou apresentam seus pontos de vista? Posto isso, aconselhar seria posicionar-se frente a um fato que não se tem certeza. E isso é um grande risco. Esse posicionamento será sempre unilateral porque partiu de um ponto de vista, de uma realidade, e desconsiderou outra. Então, como poderia ser levado em consideração de modo responsável?
- Aconselhar, mais do que um posicionamento frente a determinada questão, pode soar ainda como o reforço para que a pessoa continue agindo daquele modo – o que pode ser nascente de um grande equívoco. Vejamos um exemplo simples: Uma mulher se queixa de seu relacionamento, de que o esposo é grosseiro ou inadequado com ela. Ao aconselharmos a ter paciência, sem essa intenção, acabamos estimulando essa pessoa a continuar agindo como faz. Mas ela não nos contou, porque não se percebe assim, que é justamente ela quem desestabiliza a harmonia do lar, com suas exigências de limpeza e perfeição, e o marido acaba se exaltando quando ela passa da medida. O fato é que ao não enxergar que age assim, e ao aconselharmos a ter paciência, estamos dizendo para essa pessoa: “continue agindo assim”, gerando dano à dinâmica familiar, por não a auxiliarmos a repensar o seu lugar na família. Mas também não nos cabe querermos averiguar os fatos para termos certeza do que acontece naquele lar, porque isso não é possível e nem é objetivo do Centro Espírita fazer qualquer julgamento

desse quilate.

- Por fim, aconselhar como expectativa de que a pessoa consiga modificar o comportamento de um momento para o outro pode ser danoso tanto para quem aconselha, quanto para quem recebe o conselho. Ao aconselhar, ficamos nós com a responsabilidade de que aquilo dê certo, que seja o melhor caminho. E será? Quem pode dar certeza? E se der, qual será a consequência para o sujeito? A certeza de que ele não é capaz de conduzir a própria vida e de que precisa de um outro alguém para lhe dizer o que fazer, gerando um quadro de dependência onde assumimos a referência que deveria ser do Cristo. E se não der? Pior ainda para o sujeito, ficando ele com a sensação de que não é capaz nem de seguir os conselhos direito, numa ativação dos sentimentos de incompetência ou inferioridade.

Então, para que aconselhar? Não encontramos outro motivo, senão o conselho de encontrar as respostas por meio da oração, da meditação e das leituras que o Espiritismo oferece. Não são conselhos às situações específicas, dizendo o que as pessoas devem fazer, e sim, apresentação de roteiros seguros, que podem ser aplicados à qualquer situação.



CAPÍTULO 4

ONDE TUDO COMEÇA

O Atendimento Fraterno tem completa interdependência com relação a outras atividades da Casa Espírita, e por isso, necessita de um olhar sistêmico.

Essa perspectiva pressupõe que o todo é muito mais do que a simples soma das partes. Vamos além da noção de várias tarefas independentes num mesmo local.

O Atendimento Fraterno começa no momento em que o visitante entra na Casa Espírita, o que não necessariamente será realizado pelo recepcionista. A primeira pessoa que o cumprimentou também precisa se perceber como parte da equipe de atendimento e responsável pelo êxito da tarefa, afinal, se não conseguir oferecer uma boa impressão, segurança e adequação já na porta de entrada, afetará o novato a chegar ao atendimento em si, e também influenciará o próprio diálogo. Da mesma forma, o Grupo de Acolhimento, por receber os que chegam pela primeira vez, também deve identificar na sua atuação uma parte do Diálogo Fraterno, abrindo espaço para o diálogo pessoal ou demarcando uma postura de interesse pela vida da pessoa que ali chega.

Pretendemos apresentar essas duas atividades com mais detalhes pela importância que têm para o êxito da tarefa.

Mas as relações não terminam aí. Pensemos que, após o atendimento, fazemos os encaminhamentos para as atividades. Recebemos pessoas com mediunidade desequilibrada, crianças obsidiadas, pessoas com necessidades materiais, enfermidades físicas, e cada um desses casos está conectado a atividades de outros setores da Casa Espírita. Portanto, a maioria dos

atendimentos exige o pensamento sistêmico.

Recepção

O conceito de Recepção, nas diretrizes da FEB, está definido nas seguintes palavras: *“Consiste em receber os que chegam ao Centro Espírita, de forma fraterna e solidária, conforme orienta o Evangelho à luz da Doutrina Espírita”*.²⁰ Sua finalidade, segundo o documento, é *“acolher fraternalmente os que procuram o Centro Espírita, principalmente os que chegam pela primeira vez, esclarecendo, orientando e informando sobre as atividades, reuniões e cursos realizados na Casa Espírita”*.²¹

A Recepção é a porta de entrada da instituição. Todas as pessoas que desejam adentrar a nossa Casa precisam ser vistas, identificadas e acolhidas de alguma forma. Por isso, esse setor deve estar presente em todos os dias que mantemos as portas abertas.

É inconcebível pensar em alguém entrando em nossa residência ou empresa sem se identificar e sem irmos até ele para saber o que deseja. Mas no Centro Espírita essa cena se repete muitas vezes. As pessoas entram e saem de nossa instituição sem o devido cuidado, o que é completamente contrário, não apenas às noções básicas de educação, mas principalmente à Doutrina Espírita.

Não podemos ser coniventes com esse comportamento, que mesmo não intencional, parece um descaso com a situação de nossos irmãos. Qual será o sofrimento daquele que nos procurou? Deseja conhecer melhor o Espiritismo, tirar dúvidas, esclarecer aspectos de sua vida que estão confusos? Sente dor, angústia, desespero? Pode ser que tenha entrado sem saber por que, simplesmente porque viu a porta aberta, mas depois nos revela que estava pensando em suicídio.

Independentemente do motivo, de alguma forma nos procurou. Podemos nos ver como responsáveis pela instituição, e por consequência, pelos que adentram, o que é diferente de nos acharmos donos do Centro Espírita.

Coloquemo-nos no lado oposto, entrando em uma casa ou prédio desconhecido, talvez cheios de fantasias, imaginando mil coisas que existam

lá dentro, desde gente que vê espíritos até animais sacrificados em oferendas. De outro modo, se estamos em situação de dor e sofrimento, precisando de amparo e orientação, como alguém que entra em um pronto atendimento hospitalar sem ser notado, ou apenas nos convidam a sentar e ficar aguardando, sabe-se lá o que...

Qualquer um de nós ficaria atônito, ansioso, desconfiado.

Quando estamos na porta de entrada temos esse papel de nos colocarmos de modo fraterno, cumprimentando as pessoas amigavelmente como alguém que diz: “Que bom que você veio”.

Ser bem recebido pode fazer muita diferença ao longo de todo tempo de permanência. Mesmo que a palestra não tenha sido tão boa, ou que não tenha entendido algo do que fizeram, aquele sentimento positivo gerado na Recepção pode impregnar o psiquismo do visitante e lhe marcar as emoções de modo a querer voltar, por saber que ali ele é bem-vindo.

Outrossim, a Recepção tem outro papel importante, que vai além do simples cumprimento. É o local onde formamos uma comissão de frente e precisamos estar cheios de boas energias para oferecer contenção àqueles que chegam perturbados. Podemos alterar-lhes o padrão vibratório, imprimindo novos ares para os indivíduos que se apresentam mal-humorados e raivosos, para a família que discutiu no carro até o estacionamento antes de descer, para o desesperançado e para o obsidiado, desfazendo o vínculo espiritual negativo, mesmo que provisoriamente, por estabelecer uma sintonia positiva.

Ao dizermos a alguém perturbado: “Que Jesus esteja conosco!”, podemos fazê-lo lembrar da figura sublime do Mestre e com isso, mudar seu padrão vibratório. Poderá, dessa forma, abrir-se mais facilmente às palavras do expositor, às energias do passe ou às orientações do Fraterno.

Contudo, se não conseguimos produzir essa nova psicofera logo na entrada, corre-se o risco de o visitante assistir à palestra e nada absorver, assim como não se beneficiar no momento do passe, por manter-se fechado às boas vibrações do Centro Espírita, em virtude de desconhecimento, de desconfiança ou de perturbação.

Então, além de receber as pessoas educadamente, os trabalhadores da

Recepção têm um papel espiritual muito importante para as atividades da instituição. Apesar de sermos afetados pelas pessoas que não estão bem, precisamos estar fortalecidos a ponto de elas se beneficiarem com nossa presença e magnetismo, e não o contrário.

Ainda, a Recepção tem outro papel importantíssimo: identificar as pessoas novas que chegam. Cumprimentamos a todos, dando-lhes boas-vindas, porque isso é agradável e produz as vibrações elevadas de que falamos. Portanto, quando identificamos uma pessoa nova, precisamos oferecer atenção especial por se tratar de alguém que provavelmente não conhece o local que adentra.

Por esses motivos, será sempre melhor que na Recepção esteja alguém que realmente conheça a Casa e tenha experiência no trato com as pessoas, e não um iniciante. Por ser “só” a Recepção, certos coordenadores acreditam que é tarefa de iniciantes, colocando-os à porta para dizer um “boa noite” e/ou entregar panfletos.

Como vimos, faz parte das finalidades desse setor esclarecer, orientar e informar sobre as atividades, as reuniões e os cursos realizados.

Por conseguinte, identificada uma pessoa nova na Casa, algumas instituições têm uma segunda Recepção. É nesse segundo momento em que se oferece um pouco mais de atenção e orientações, que não poderiam ser ofertadas na porta de entrada, sob o risco de tumultuar a chegada das demais pessoas e, como resultado, passarem outros desconhecidos sem serem identificados.

Desse modo, a porta de entrada faz a triagem e a outra Recepção se atém aos que precisam de algum tipo de orientação sobre o funcionamento da Casa, do procedimento das atividades, etc.

No entanto, a realidade de instituições maiores, com grande fluxo de participantes, principalmente na palestra, foi o que primeiro inviabilizou esse acolhimento na Recepção.

Segundo, percebeu-se um tempo perdido na apresentação das atividades da Casa e no esclarecimento de dúvidas de forma individual, quando poderíamos realizar isso em grupo, aproveitando melhor o tempo para ganhar em qualidade de atendimento.

Terceiro, pensou-se que num espaço mais acolhedor e reservado seria mais adequado para alguém, em estado de sofrimento, falar o que busca. Certamente, quanto menor for a qualidade do acolhimento, maior será o risco de saírem sem atendimento adequado, especialmente aqueles que têm personalidade introvertida, que muitas vezes não conseguem se dirigir a um trabalhador para tirar uma dúvida qualquer.

Quarto, avaliou-se que, ao criar um espaço de acolhimento, algumas dúvidas doutrinárias já poderiam ser sanadas ali mesmo, não necessitando do Atendimento Fraternal que poderia se dedicar aos casos com maior complexidade e demanda emocional e que exigem orientação privada e individual.

A experiência do AECE da Federação Espírita do Paraná, dirigido por muitos anos pela valorosa trabalhadora Maria da Graça Rozetti, estabeleceu que esse primeiro encontro poderia ser mais rico e profundo se oferecêssemos um “espaço maior”, tanto físico quanto emocional, para essa segunda Recepção. Primeiramente ela foi chamada de “Atendimento Inicial”. Passados alguns anos, a então coordenadora Maria Leonides Rabel, interessada na padronização desse trabalho no estado do Paraná, formalizou o termo “Grupo de Acolhimento”, dedicando-se a preparar os trabalhadores e implantar a atividade.

Grupo de Acolhimento

Todas as pessoas identificadas na recepção como novos visitantes são convidadas a participar do Grupo de Acolhimento. É uma atividade exclusiva para esse público. Em instituições maiores, devido ao grande volume de participantes em geral, o que dificulta identificar todos os novos na recepção, vimos coordenadores que, antes de iniciarem a palestra, questionam se há alguma pessoa que veio pela primeira vez e os convida a participar do Grupo, se desejarem.

Se alguém compareceu porque queria assistir a algum palestrante específico ou a determinado tema, essa pessoa será encaminhada para tal propósito. Entretanto, se busca uma aproximação com a Casa, então, o melhor caminho será sugerir o Grupo de Acolhimento, que funciona

paralelamente às demais atividades, terminando no mesmo horário, para que todos sejam conduzidos ao passe, quando existir.

Preferimos não contar com o argumento de que encaminhamos para a palestra porque pode ser que ela acabe ouvindo o que estava precisando. O intuito de criar uma atividade de acolhimento e orientação, e oferecê-la como primeiro momento dentro da instituição, certamente aumentará a possibilidade de essa pessoa ouvir o que precisa e esclarecer suas dúvidas, pois nos organizamos justamente para isso.

Esse acolhimento não cabe apenas à instituição de médio ou grande porte. Independentemente do tamanho do Centro Espírita e da quantidade de pessoas novas que recepciona, todas merecem atenção.

Existem casas que não recebem novos visitantes ao longo de semanas. Contudo, ao receber, mesmo que esporadicamente, que seja da melhor maneira possível, ouvindo e esclarecendo, com amor e atenção, e assim aumentará a possibilidade da pessoa se fixar ali.

Muitos dos que passaram pelos nossos Grupos de Acolhimento, ao final disseram que nunca foram recebidos de forma tão especial como fizemos e, por isso, deram um crédito a mais para a instituição e continuaram presentes.

Como funciona o Grupo de Acolhimento

Por ser uma atividade da Casa Espírita como todas as outras, recebemos as pessoas em uma sala confortável e adequada à tarefa. Conduzimos uma leitura reflexiva para acalmar os corações e uma prece para voltar os pensamentos a Deus.

Num segundo momento, nos apresentamos e explicamos a proposta do acolhimento, declarando que essa atividade baseia-se em duas questões centrais: “O que cada um procura?” e “O que o Centro Espírita tem a oferecer”?

Conduzimos o grupo de modo a esclarecer que todos que procuram um Centro Espírita têm um motivo implícito ou explícito, e que será importante dialogarmos sobre isso para identificarmos como melhor podemos ajudá-los. Se criarmos esse ambiente acolhedor, de respeito e não julgamento, em

pouquíssimo tempo as pessoas começam a se soltar. Tudo depende de como conduziremos o encontro.

Mesmo no caso daqueles que dizem que estão ali porque moram perto e ao passar em frente resolveram entrar, houve uma motivação interna para isso, caso contrário, não adentrariam. Qual então é o motivo?

Criar um ambiente acolhedor em um grupo de pessoas que não se conhecem e que estão pela primeira vez em uma instituição não é tarefa simples, porém, se tivermos habilidade para o encargo, poderemos proporcionar uma reunião muito instrutiva e proveitosa.

Vimos pessoas que, ao saírem do acolhimento, mesmo sendo todas novas na instituição, já criaram uma proximidade que lhes favoreceu a permanência na Casa.

Solicitamos gentilmente que alguém comece falando do seu motivo para, a partir de então, engatarmos em um diálogo, sem caráter de interrogatório ou fazendo com que falem por fila, um do lado do outro.

Se alguém diz: “Eu vim porque meu familiar está doente”, ouvimos um pouquinho da sua situação, sem se estender demais, mas oferecendo tempo mínimo para entendermos qual é a sua motivação. Podemos abrir para o grupo: “Alguém mais veio por motivo de doença familiar”? Facilmente as pessoas vão se inserindo na conversa, até ouvirmos todos, identificando a motivação e o que cada indivíduo busca, sem necessidade de entrar demasiadamente em suas problemáticas.

Após ouvirmos cada um, apresentamos a Casa Espírita, abordando o objetivo da instituição, da Doutrina²² e de suas atividades. Muito longe de uma palestra, esse é um momento de diálogo, livre de formalidades.

Temos em mãos um informativo com as atividades da Casa, orientações sobre o Evangelho no Lar, mensagens com temáticas espíritas diversas, etc. É importante que saiam levando algo físico, criando assim um elo palpável que poderá lembrá-los daqueles momentos e motivá-los a retornar. Em algumas instituições, vemos *folders* personalizados de “boas-vindas”, com orientações iniciais importantes para todos aqueles que procuram a Casa. Certamente esse material fará diferença.

Ressaltamos que a forma como apresentamos as atividades da instituição

também merece cuidado. Não basta listar o que a Casa oferece. É preciso demonstrar a importância dessas atividades aos visitantes, exaltando a beleza e a eficiência de cada uma.

Como último momento, abrimos espaço, conforme a disponibilidade de tempo, para tirar dúvidas pertinentes tanto ao conteúdo exposto como questões doutrinárias, desfazendo ideias equivocadas ou ilusões.

Outros esclarecimentos

Para desempenharmos essa função, fica evidente que precisamos conhecer um pouquinho de todas as atividades da Casa, seus documentos orientadores, incluindo o Regimento Interno, a fim de saber para onde e como podemos encaminhar cada pessoa.

Necessitamos de conhecimento da base doutrinária para esclarecer com segurança as eventuais dúvidas.

Em nossa instituição temos por hábito oferecer uma das obras básicas, de bolso, em especial *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ou *O Livro dos Espíritos*, com dedicatória dos coordenadores daquele grupo, como forma de estimular o contato permanente com Allan Kardec e reforçar nosso sentimento de alegria pela presença de cada um.

Sugerimos que esse grupo seja conduzido no mínimo, por uma dupla, para o caso de haver necessidade de alguma pessoa sair por um motivo qualquer. Se alguém fala demais ou se emociona, ou vemos que é um tema de maior intimidade, quando estamos em dupla, sem hesitar oferecemos o Diálogo Fraternal, para que essa pessoa dê continuidade à sua problemática, enquanto conduzimos o resto do grupo. Mesmo que seja o acolhimento de um único atendido, será sempre recomendado que seja em dupla, a fim de que se ofereça suporte mútuo.

Em geral, após esse momento os participantes serão encaminhados para o passe. Logo, é importante verificarmos quem conhece o passe, para então orientarmos os leigos, tirando dúvidas e estimulando-os a se concentrarem e, por conseguinte, receberem os benefícios.

O Grupo de Acolhimento, quando bem conduzido, torna-se um ponto estratégico da Casa. Por ser porta de entrada, averiguando demandas,

necessidades e interesses, pode proporcionar à instituição dados significativos para direcionar palestras, estudos, pesquisas, treinamentos, eventos doutrinários, disponibilidade de obras para biblioteca e livraria. Sugerimos inclusive que os responsáveis por essa atividade preencham uma planilha – após o encontro, e sem identificação – na qual registrem o perfil de cada um que chegou e qual era a sua demanda. Supondo que seja identificado um maior número de casos de problemas conjugais, esse dado oferecido para a direção da instituição permitirá estabelecer diretrizes que visem atender melhor o público sedento dessas orientações.



2ª PARTE

A QUESTÃO DA ÉTICA

Há três modos de vida. Cabe questionar qual o melhor: o que se consagra ao prazer, o que se consagra à contemplação ou aquele que se dedica à ação?

Sêneca

Ética é definida como “*A parte da Filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social*”.²³

A compreensão do que seja a ética, para quem não é filósofo, é bastante complexa. Contudo, mesmo ignorantes do entendimento dessa ciência, nos aventuramos a dizer que pretendemos abordar as questões éticas do Atendimento Fraterno.

Primeiro apresentamos as diretrizes que foram dadas pelos Espíritos, estabelecendo assim uma norma de conduta para essa atividade. Em seguida refletimos sobre os princípios que as fundamentam e orientam, analisando os motivos que tornam tão difícil segui-las.

Para desenvolver uma reflexão consistente sobre estas questões apresentaremos quatro objetivos para o Atendimento Fraterno, retirados de diferentes fontes e logo a seguir elencaremos cinco características de nosso nível evolutivo sobre os quais vale a pena aprofundar conhecimentos:

materialismo, imediatismo, hedonismo, narcisismo e imaturidade emocional.

CAPÍTULO 5

OBJETIVOS DO ATENDIMENTO FRATERO

Por ser uma nobre e reconhecida tarefa do Centro Espírita, não nos aventuramos a estabelecer ou rever seus objetivos. Pretendemos apenas resgatar aqueles que já foram definidos pelas importantes personalidades do Movimento Espírita, e nos dispomos a comentá-los e exemplificá-los.

Para isso, frisamos, nos ateremos a quatro objetivos. Os dois primeiros foram extraídos de duas mensagens do espírito Joanna de Ângelis, psicografadas por Divaldo Pereira Franco. O terceiro foi retirado da fala do próprio médium em entrevista sobre o tema. Esses três documentos encontram-se disponíveis na obra *Atendimento Fraterno*, produzido pela equipe do Projeto Manoel Philomeno de Miranda. O último objetivo encontra-se na mensagem “Atendimento Fraterno”, do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografada por Divaldo Pereira Franco e por nós publicada na presente obra.

A - Acender luz na treva, oferecer roteiro no labirinto

*“O Atendimento Fraterno é porta de serviço edificante aberta a todas as criaturas que perderam o rumo ou se perderam em si mesmas. (...) objetiva acender luz na treva, oferecendo roteiro no labirinto, proporcionar esperanças no desencanto...”*²⁴

A mentora espiritual identifica o público do *Atendimento Fraterno*: todas as criaturas que perderam o rumo ou se perderam em si mesmas. Ter

essa clareza do estado existencial daqueles que estamos atendendo nos parece muito importante para ressaltar o papel e as posturas que precisamos assumir diante deles. Sabê-los perdidos no mundo ou em si mesmos estabelece implicitamente o objetivo de oferecer-lhes um roteiro seguro.

Compreendemos que a vida não é um simples fatalismo divino, um caminho estático o qual precisamos seguir de olhos vendados como alguém que anda por cima de uma linha previamente riscada no chão. Há liberdade para viver e fazer escolhas. Embora não seja possível fazer previsões exatas, sabemos que determinadas escolhas conduzirão inevitavelmente a certos resultados.

Mais do que isso, a Doutrina Espírita permite sairmos do campo especulativo para encontrarmos roteiros seguros, por permitir àqueles que já transitaram pela existência terrena esclarecer os percursos e suas consequências.

Quando a mentora fala em “Acender luz na treva, oferecer roteiro no labirinto, proporcionar esperança no desencanto”, entendemos que refere-se a alguém que está fora da problemática, que não se responsabiliza por ele, e não se coloca no papel de salvação, mas oferece algo que faça diferença na vida daquele que padece.

Saber que a Doutrina Espírita tem roteiros seguros para tanto, nos coloca num lugar confortável, daquele que certamente pode auxiliar, mas não pela capacidade de aconselhamento, e sim, porque o remédio que tem a seu alcance provém do Alto.

A grande maioria dos que buscam o Atendimento Fraternal encontra-se em estado de desesperança, perda, desorientada, e nos procura, às vezes, como última alternativa. Por isso se faz necessária a habilidade de oferecer roteiros e proporcionar esperança.

Todos criamos roteiros e direcionamentos, consciente ou inconscientemente. Assimilamos pensamentos, assumimos discursos de familiares e da sociedade e, aos poucos, estabelecemos normas e padrões de comportamento. Contudo, precisamos de maturidade para reconhecer que esses são os nossos caminhos e podem até nos servir frente àqueles labirintos ou desencantos, mas não são inerentes a todos.

Parece muito mais fácil quereremos direcionar as pessoas, principalmente quando estão em alto nível de sofrimento, como se agindo assim estivéssemos fazendo melhor e auxiliando mais efetivamente. Mas as coisas não acontecem dessa forma, afinal, cada ser humano é infinitamente repleto de intenções, ideias, reflexões, medos e tendências e nunca saberemos o que há por trás do discurso e da vida de cada um que procura o atendimento.

Ainda nos atendo aos conteúdos doutrinários, é muito difícil querer não direcionar a vida das pessoas, quanto mais não sermos tendenciosos.

Vejam alguns exemplos:

Um senhor procura nossa instituição dizendo que vive um quadro de compulsão sexual e que essa situação está colocando sua vida em risco. Por não sabermos como lidar com o caso, talvez devido aos nossos atavismos pessoais ou pensamentos obscurecidos pelos entraves na área da sexualidade, falamos para ele da questão da oração e da fé. São aspectos doutrinários, mas não garante o êxito de um atendimento, pois cometemos o grave equívoco de crer que a solução de um transtorno mental se resume à questão de fé e oração, sem indicá-lo a uma psicoterapia, que comporia um roteiro seguro.

Outra situação é o caso da jovem que descreve ouvir vozes e logo lhe dizemos que necessita de passes, estudo e Evangelho no Lar para melhorar. As orientações para fluidoterapia, estudo e Evangelho produzem melhoras significativas em todos os casos, contudo, na situação de alguém que descreve ouvir vozes, não temos como avaliar qual é a periculosidade. Será sempre necessário orientar que procure um psiquiatra.

Assim, temos orientações doutrinárias que sabemos serem roteiros seguros para muitos casos, e mesmo sendo reproduções *ipsis litteris* das obras kardequianas, se estiverem desconectadas da verdadeira problemática trazida ao atendimento, poderão até gerar danos para os atendidos.

Oferecer luz, roteiro e esperança não é simplesmente dizer “tenha fé, acredite em Deus e tudo dará certo”. A instilação de esperança é um poderoso recurso terapêutico, contudo, precisamos fazer uma reflexão ética sobre nosso papel, sobre os percursos que conhecemos, partindo

essencialmente da compreensão da problemática à luz da Doutrina Espírita, para depois nos atermos aos roteiros doutrinários.

Ao abordarmos esse primeiro objetivo, reforçamos três aspectos que mais nos chamam a atenção:

- Não temos luz própria, ou seja, o que oferecemos aos atendidos são roteiros que a Doutrina Espírita estabelece;
- Não estamos ali para direcionar a vida das pessoas por meio de nossas experiências ou entendimentos, mesmo que advindos do Espiritismo, pois cada qual tem caminhos que são únicos como seu tempo, sua força e suas condições particulares, não podendo querer replicar atitudes;
- Para oferecer um roteiro seguro, é necessário primeiro identificar em que ponto da caminhada, em qual parte do labirinto o indivíduo está perdido, para que tenhamos mais clareza do roteiro doutrinário a lhe oferecer. Difere significativamente estar no início do labirinto, no meio ou perto do fim, manter-se parado ou correndo alucinado, afinal, para cada postura ou situação o Espiritismo oferecerá um roteiro diferenciado.

B - Não resolver desafios nem dificuldades

*“O Atendimento Fraterno tem como objetivo primacial receber bem e orientar com segurança todos aqueles que o buscam. Não se propõe a resolver os desafios nem as dificuldades, eliminar as doenças nem os sofrimentos, mas propor ao cliente os meios hábeis para a própria recuperação”.*²⁵

Esse objetivo precisa ser dividido em três aspectos para análise. O primeiro se refere ao acolhimento e à orientação segura; o segundo, àquilo que não devemos fazer: querer resolver os desafios e as dificuldades, eliminar as doenças e os sofrimentos; e o terceiro, o que nos cabe como atendentes: propor meios hábeis para a recuperação do sujeito.

Movidos pela primeira assertiva da mentora espiritual, percebemos a importância de receber bem àqueles que nos procuram, oferecendo atenção e respeito pela sua dor, como talvez ninguém lhes tenha proporcionado até então.

Esse acolhimento pode ter um efeito de curto prazo, no sentido de que logo que terminar o atendimento o sujeito volte a ficar imerso nos sentimentos negativos. Porém, receber bem pode ser profundamente terapêutico, fazendo com que se sinta especial, mostrando que alguém se interessa pela sua causa, pela sua dor e acredita na sua capacidade de superação, como o Cristo nos ensinou.

A partir daí, vemos um cuidado especial: *“não querer resolver os desafios nem as dificuldades, eliminar doenças nem os sofrimentos”*. Isso quer dizer que precisamos ser capazes de desenvolver um vínculo de empatia sem envolvimento pessoal.

Não podemos nos misturar aos sentimentos do atendido, desejando, de prontidão, resolver seus problemas e minimizar suas dificuldades e desafios, pois agindo com essa intenção não conseguiremos nem uma coisa, nem outra.

Querer resolver os problemas dos outros não é um comportamento saudável. E o delicado é que, em geral, as pessoas que vêm ao atendimento, por estarem adoecidas emocionalmente, fazem essa solicitação declarada para nós. Querem conselhos, orientações sobre como proceder e, desse modo, nos colocam nesse lugar especial de quem pode lhes ajudar, direcionando suas vidas, o que não é verdade.

Ao cairmos nessa falácia nos afastamos dos objetivos do atendimento que não tem proposição salvacionista. Agindo assim, estamos nos colocando num lugar especial que oculta a Doutrina e seus ensinamentos, para nos exaltar. Talvez seja por isso que Miranda nos disse que orientar com sabedoria e bondade é uma difícil arte de amar.

Equivocadamente cremos que ajudar é “resolver” o problema do outro, como a criança que ganha comida na boca porque não consegue segurar o talher e se alimentar adequadamente sozinha. Mas o que será dessa pessoa no futuro se seus pais “resolverem” todos os seus “problemas” e não lhe estimularem o desenvolvimento psicomotor?

Por fim, para propor os meios para a própria recuperação, devemos estar atentos ao nosso perfil psicológico, a nossas posturas, para que elas não interfiram na forma de compreendermos a situação e influenciar no tipo de

orientações que daremos.

Vejam alguns exemplos de situações em que, mesmo atendo-nos aos conteúdos doutrinários, acabamos sendo tendenciosos sem perceber, em decorrência dos conteúdos pessoais.

Quando alguém procura a Casa Espírita com problemas financeiros, é possível que o atendente que entenda, e que viva uma condição estável, consiga falar com facilidade da “fé em Deus”. Mas em se deparando com um atendente que vive situação semelhante porque sua mulher acabou de perder o emprego, talvez a condução seja diferente, enfocando o “buscai e achareis”. No entanto, se for atendido por outra pessoa que viveu grandes privações financeiras e conseguiu superar, é bem provável que esta fale sobre resignação.

Mas como saber se o caso é de ter fé, no sentido da perseverança nas atitudes atuais, ou de buscar novas alternativas ou se resignar? Como ter certeza se o indivíduo que vive hoje privações financeiras não está passando por isso como uma prova para seu orgulho, e que a partir disso, precisará rever suas posturas e comportamentos para agir mais de acordo com as Leis Morais?

Sendo o mesmo caso, não deveríamos ter recortes doutrinários diferentes, conforme a situação pessoal e a interpretação de cada atendente.

E a mulher que procura o atendimento porque está passando por sérios problemas conjugais com seu marido – supondo que seja traição. Sendo atendida por uma mulher que já viveu situação semelhante e se separou, é possível que ela se atenha ao texto evangélico que afirma que o divórcio não é contrário à lei de Deus,²⁶ conforme outras religiões, induzindo, sem perceber, à separação porque considera inadmissível a traição e porque sua vida melhorou muito após se separar do marido. Contudo, se for atendida por outra mulher que viveu a traição e conseguiu rever o casamento, refazer os contratos e hoje vive bem com seu consorte, a tendência dessa segunda será estimulá-la a dialogar e tentar “salvar seu casamento”, como há em muitos casos dos romances espíritas.

Mas, como ter certeza que esse marido respeita sua esposa e que teve apenas um deslize moral, ou se está realmente colocando a vida dela em

risco pela exposição a doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo?

Quando agimos influenciados por um sentimento de inferioridade, vivemos como alguém que tem lentes coloridas em seus óculos e enxerga tudo por aqueles tons – no caso, da inferioridade. Existem infinitas tonalidades, assim como os temas de nossas vidas, mas alguns são mais presentes do que outros, em especial os da rejeição, da inferioridade e da superioridade, da maternidade e da paternidade.

Isso é chamado em Psicologia Analítica de “complexos”. Todos os temos, ou melhor, eles nos têm. São os resultados das experiências em torno de um mesmo tema, ao longo da vida, e por isso, vão crescendo enormemente, influenciando nossa forma de pensar, de agir e de interpretar o mundo – e assim, também estarão presentes no atendimento.

Ao sermos “tomados” por um complexo materno positivo, argumentaremos a respeito desse tema de modo um tanto impensado, podendo induzir os ouvintes a situações inadequadas. Entretanto, no caso de um complexo materno negativo, fugiremos desse tema e de tudo que nos aproxima dele, mesmo que de forma inconsciente.

Essas pequenas questões levantadas até aqui influenciam nossas relações muito mais do que imaginamos. Outrossim, revelam que mesmo o aspecto doutrinário que usamos para orientar deve ser considerado dentro de nossas características para não induzirmos as pessoas, inconscientemente.

É necessário minimizar as interferências dos nossos conteúdos inconscientes para que o Espiritismo resplandeça, e isso se dá somente através do autodescobrimento que nos dá humildade para sairmos do papel daquele que “recupera” o sujeito para ser aquele que instrumentaliza.

Para alguns é um verdadeiro “banho de água fria”, como se ao instrumentalizar estivéssemos fazendo pouco ou quase nada. Porém, mesmo que fosse possível recuperar alguém de vez, estaríamos criando um grande constrangimento para a pessoa, porque diríamos inconscientemente: “Você precisa de nós para resolver seus problemas”, ou seja, “Você é incapaz de fazê-lo sozinho”.

Essa atitude estaria a favor do indivíduo e seu desenvolvimento, ou de nosso orgulho?

Então, mais do que querer resolver os problemas alheios, o que melhor podemos fazer por essas pessoas, segundo Joanna de Ângelis, é propor-lhes os meios para a própria recuperação – e nisso a Doutrina é muito clara.

Por conta disso, ressaltamos:

- Acolher fraternalmente e respeitar aquele que sofre;
- “Resolver” problemas ou “eliminar” dificuldades não quer dizer ajudar;
- Para oferecer os meios hábeis para a própria recuperação, precisamos estar conscientes de nossos complexos, minimizando a influência dos conteúdos pessoais no atendimento.

C - Propiciar mudança da estrutura do problema exposto

*“O Atendimento Fraterno é uma psicoterapia que modifica a estrutura do problema no indivíduo que se acerca da Casa Espírita com ideias que não correspondem à realidade”.*²⁷

Essa colocação de Divaldo Pereira Franco nos oferece um importante direcionamento para a realização do Atendimento Fraterno. Já sabemos que nosso foco não é a resolução do problema do indivíduo. Então, aqui encontramos mais um norte para a conduta acertada: a modificação da estrutura do problema.

A situação problemática continuará, pois não temos a pretensão de eliminá-la, muito menos de aconselhar a pessoa sobre como agir. Mas podemos fazer algo que será muito melhor: ensiná-la a enxergar o problema por outro ângulo, ou seja, pelos postulados da verdadeira vida.

Quando Kardec afirma que a aliança entre a ciência e a religião vence o materialismo,²⁸ podemos identificar essa consequência direta nas pequenas coisas. Deixamos de enxergar a existência e interpretá-la pelos olhos físicos. Se a morte de um filho é um despenhadeiro, o aborto a melhor saída para um problema e a provação financeira a maior tragédia, essas interpretações são decorrentes do modo como interpretamos a vida e os fenômenos.

A boa apresentação dos ensinamentos espíritistas supera o aconselhamento. Nosso trabalho é de oferecê-la, possibilitando ao sujeito compreender a vida por um ângulo diferenciado, transcendente e

verdadeiro.

Quando alguém acredita que matando o próprio corpo está, com isso, eliminando seus sentimentos negativos e sua dor, é porque concebe a vida e a morte de um modo completamente diferente do Espiritismo. Assim como a mulher gestante que acredita que abortando estará resolvendo seus problemas devido à gravidez indesejada.

Auxiliar o indivíduo a mudar a estrutura do problema é oferecer elementos doutrinários para que ele, primeiro, observe-se pelo ângulo espiritual e, depois, compreenda sua problemática. Isso é libertador.

Ao dizermos como a Doutrina compreende a vida após a morte, certamente alcançamos a profundidade da alma daquele que esperava resolver seus problemas de forma simplista pelo autocídio. Falamos dos textos kardequianos, dos exemplos citados na obra *O Céu e o Inferno*, sugerimos outras leituras, e, certamente, dessa forma, estaremos inserindo o indivíduo em um mundo novo.

Isso é modificar a estrutura do problema. Mais do que aquela situação específica, nossa atuação repercutirá em outros aspectos da vida. Compreende-la pelos olhos divinos é muito mais saudável que pelos olhos densos da matéria. E, desse modo, todos os fenômenos serão encarados assim, de forma destrutiva e pesada, ao enxergarmos exclusivamente a dimensão material, ou alargando os horizontes, incluindo em nossas análises a vida que antecede ao nascimento físico e que continua após a morte do corpo.

Uma dificuldade financeira ou problema de saúde que não apresenta solução imediata são vividos de forma consoladora e otimista ao serem interpretados pelo conceito espírita de provação.

A colocação do grande médium baiano nos conduz à reflexão do quanto nosso foco deve estar na mudança da forma de compreender o problema, justamente por termos concepções fantasiosas a respeito da vida e das dores, de forma equivocada, como se o mundo estivesse à deriva, abandonado, esquecido por Deus.

A Doutrina Espírita é um verdadeiro tesouro que deve ser oferecido e compartilhado com todos aqueles que empobreceram sua forma de pensar

e viver, tomados pela perspectiva puramente materialista.

Dessas reflexões, sintetizamos:

- Não focar o problema, e sim, a forma de interpretá-lo;
- O que temos de melhor para oferecer a alguém não é uma solução para uma questão específica, e sim uma nova maneira de encarar os fenômenos da vida – pela ótica espiritual.

D – Retirar a ideia mágica ou sobrenatural

*“O Atendimento Fraterno objetiva diluir informações equivocadas que a pessoa traz sobre o Espiritismo, retirar-lhe a ideia mágica ou sobrenatural, deter-se no problema central, sem desvios narrativos inessários, com demonstração de solidariedade, mas sem parecer que, a partir daquele momento, tudo se modificará ou pretender assumir o compromisso de passar a carregar-lhe a problemática”.*²⁹

Essa assertiva de Manoel Philomeno de Miranda exige análise de diferentes aspectos. Diz o mentor espiritual que é preciso diluir as informações equivocadas. Temos como premissa que cada pessoa que chega em busca de auxílio já tem uma ideia a respeito do Espiritismo e, portanto, precisamos auxiliá-la. Isso é um confronto de ideias que pode ser realizado de maneira gentil e educada, mas ao mesmo tempo precisa e segura, fazendo com que a pessoa fale o que pensa a respeito daquele assunto e, até, como imagina que o Espiritismo lhe ajude.

Comumente são evasivas nas suas respostas, e aí entra nossa assertividade em dizer “Se você nos procurou é porque imagina que poderíamos lhe ajudar, então me diga o que você espera?”, ou antes ainda, quando a pessoa está dissertando sobre seu problema, podemos lhe questionar “O que você pensa a respeito de tudo isso”?

Essas colocações fazem com que o atendido revele aquilo que está pensando, e com isso, temos a oportunidade de esclarecê-lo. Se não fazemos dessa forma, e orientamos com base naquilo que supomos, corremos o risco de o indivíduo reter apenas aquilo que interessa e, conseqüentemente, continue agindo da mesma forma ou distorcendo nossas colocações a seu bel prazer, e agora com o “aval” do Centro Espírita.

Existem pessoas que armam verdadeiras “arapucas” para seus atendentes, narrando apenas a parte que lhe interessa, imaginando condutas e adulterando histórias, que, se levadas ao pé da letra, sem mais questionamentos das intenções, geram constrangimentos para a própria instituição.

A mulher que deseja se separar, mas tem receio de tomar essa decisão e se arrepender, se não questionada em suas intenções mais profundas, simplesmente descreverá a história de seu casamento de forma unilateral, visando convencer o atendente de que não há mais alternativas. E se este não percebe que está sendo manipulado, tomando como verdade o discurso de uma pessoa, sem averiguar seus sentimentos e intenções, acabará por se intrometer no casamento alheio e sugerir o distanciamento – que era o interesse inconsciente ou oculto.

Outro exemplo que fala da delicadeza do atendimento e da necessidade de esclarecimentos são os casos de suspeita de mediunidade. A pessoa que almeja um diagnóstico contará sua história e fatos, exagerando ou manipulando para nos levar à conclusão de que tem mediunidade ostensiva. Entretanto, se questionarmos o que ela pensa sobre o caso e ela nos confirmar que acha que é mediunidade, agiremos com mais cautela. Se nos diz que já lhe deram esse diagnóstico, teremos mais cuidado ainda, e sempre precisaremos questionar: “Por que você procurou o Centro Espírita e esse atendimento”? Dessa forma, é provável que afirme que desejava a confirmação de seus conhecimentos, ou que tem dúvida mesmo se precisa tomar os remédios para transtorno bipolar receitados pelo seu médico.

Todos trazem alguma noção e algum interesse. E quanto mais claras essas situações ficarem para o atendente, melhor ele poderá conduzir, com mais cautela, evitando danos.

Depois disso, Miranda nos orienta a nos manter no problema central. Embora tenha muitas queixas, é importante não perder o foco, estabelecendo o tema que abordaremos e refletindo com profundidade sobre ele. Essa análise mais detida permite a profundidade que nos dá segurança.

Caso o atendido tente trazer novos temas, inquirimos: “O que de fato

mais lhe aflige”? Desse modo, evitamos os desvios no diálogo e também a perda de tempo em relação às orientações e aos outros atendimentos que podem ser realizados. O importante estudioso dos transtornos mentais e espirituais ainda nos orienta: “*sem parecer que, a partir daquele momento, tudo se modificará*”.

Ninguém realiza mudanças rápidas sem correr o risco de serem apenas superficiais.

Ao compreendermos que os problemas decorrem de nossas condutas equivocadas, descobrimos que não há outro caminho para a nossa felicidade sem a transformação pessoal.

E ainda, o mentor nos orienta a “*não assumir o compromisso de passar a carregar-lhe a problemática*”, pois se assim fosse, não estaríamos ajudando a pessoa, e sim, entrvando seu desenvolvimento intelecto-moral.

Já abordamos esse elemento, mas aqui enfatizamos o quanto essa iniciativa decorre da incompreensão do sofrimento, que tanto abordamos, acreditando que o bem está na solução das problemáticas, como se Deus fosse um carrasco que deixa Seus filhos sofrendo indistinta e continuamente, e nós, Seus eleitos, os libertaremos do mal. Mas quem disse que sofrer é um mal? Por vezes, é a única forma de despertamento que o indivíduo compreende e se submete. É por isso que o sofrimento, sendo um método pedagógico, não pode ser simplesmente eliminado.

Quantas das pessoas que atendemos estariam numa instituição religiosa se não tivessem os problemas que vivem? Quantos estariam dispostos a se voltar a Deus se não fossem suas dores? E quantos ainda, após livrarem-se delas, retornam às antigas condutas equivocadas?

Jamais poderemos nos colocar no lugar daquele que assume os compromissos alheios como seus. Estar ao lado, oferecer apoio e orientação doutrinária são condutas diferentes de querer carregar-lhe o fardo. Então, independentemente de qualquer justificativa, nosso objetivo ali é de ser solidário frente às dores e esclarecer a alma, para que, compreendendo a vida por outros ângulos, o atendido aja de maneira diferenciada, fazendo a manutenção dessa nova conduta para sempre.

Dessas observações, ressaltamos:

- Enquadrar e questionar conceitos, sentimentos e intenções, é o caminho mais seguro antes de oferecer qualquer interpretação doutrinária;
- Desfazer expectativas ilusórias de curas milagrosas, estimulando sempre a transformação moral;
- Aceitar que o sofrimento não é um problema a ser eliminado, e sim um método pedagógico para nossa evolução.



CARACTERÍSTICAS HUMANAS

O ser humano tem se mostrado materialista, imediatista, hedonista, narcisista e imaturo emocionalmente. Não reduzimos o ser humano a cinco características, mas ressaltamos o quanto elas estão presentes na atualidade. Disso decorrem inúmeros problemas e sofrimentos e quando estão presentes na vida do atendente fraterno, influenciam sobremaneira o atendimento.

Pretendemos assim refletir sobre elas, analisando brevemente as interferências negativas na condução dos atendimentos, nos impedindo de atingir os objetivos supracitados.

Materialismo

O materialismo parecer ser a base para a manifestação das outras quatro.

Segundo Kardec, o materialismo gera tristes consequências, “... *porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus apetites materiais; quebrados estariam os laços sociais e as mais santas afeições se romperiam para sempre*”.³⁰

A compreensão da vida como um breve momento que começa com o nascimento e termina com a morte do corpo físico nos faz interpretá-la por uma perspectiva muito restrita que oferece graves consequências.

O materialismo é oposição não apenas à vida após a morte e a reencarnação, como também, à existência de Deus. Ao observar a vida dessa forma, não há justiça, não há ordem, muito menos sentido em viver. O materialismo crê no acaso, sendo então os sofrimentos a desgraça que precisa de eliminação urgente.

Ocorre que mesmo nos dizendo espiritualistas, nossas ações e pensamentos muito se fundamentam no materialismo. Agimos como se a morte fosse o fim. E pior que isso é a morte de uma criança, interpretada como subversão à natureza.

Temos como discurso a teoria reencarnacionista, mas nos perturbamos ao ver os outros e a nós mesmos ainda distantes da pureza de espírito, exigindo mudanças imediatas, mesmo que aparentes.

Creemos em Deus enquanto atue conforme nossas expectativas. Temos fé quando as coisas andam como desejamos. E se a vida nos convida à mudança interior através de dificuldades e sofrimentos, riscamos as crenças e acusamos o Pai de ter nos abandonado.

Dizemos que todos são médiuns, conforme os preceitos kardequianos, mas passamos a maior parte do tempo esquecidos e desatentos às constantes interações espirituais, tentando restringi-las ao Centro Espírita.

E assim descobrimos que, distante do nosso próprio discurso, somos muito mais materialistas que supomos e, sem dúvida, isso subsidia nosso raciocínio para a condução do Atendimento Fraternal.

O pensamento materialista nos faz colocar as coisas materiais acima de qualquer análise, os prazeres à frente de qualquer objetivo de vida, e desejarmos que nossa imagem seja intocável.

Quando alguém nos procura dizendo que perdeu o prazer de viver porque foi demitido, o pensamento materialista nos faz crer que se arrumarmos um emprego para ele, tudo estará resolvido.

Ao ouvirmos a descrição de um processo obsessivo, a perspectiva material nos fará acreditar que nossa mais significativa contribuição para essa pessoa será afastar seu obsessivo. E se for criança, mais urgência ainda teremos em desfazer essa “crueldade”.

Sem o profundo sentido que as ideias espíritas nos proporcionam, não há como atingir os objetivos do Atendimento Fraternal.

Imediatismo

Não há dúvidas que vivemos em uma sociedade imediatista. A palavra significa “tendência a agir em função do que oferece vantagem imediata,

sem considerar as consequências futuras”.³¹ Como popularmente se diz, “queremos as coisas para ontem”.

Não conseguimos aguardar o transcorrer da vida, uma vez que chegamos rapidamente a algum lugar, que na verdade, nem sabemos direito onde é.

Já ouvimos pessoas dizerem que leem o final do livro antes de terminá-lo só porque não aguentam esperar a conclusão. Após saberem o desfecho da obra, sentem diminuir a ansiedade e daí conseguem ler cada página com calma.

Essa postura imediatista é uma das causas das patologias do mundo moderno. Vivemos a constante pressão de quem não pode esperar. Portanto, para as questões mais complexas da vida, agimos da mesma forma.

Vivemos, por consequência, uma ansiedade generalizada, produzindo alterações de sono e de apetite, em geral comendo muito mais para tentar preencher a sensação de vazio, e usamos os entorpecentes como válvula de escape por não suportarmos a vida como ela é.

Almejamos logo ser maiores de idade, trabalhar, guardar dinheiro, numa ânsia por viver, sem direcionamento e consciência. Quando chega a velhice, no entanto, por não podermos continuar com o mesmo padrão e ritmo, sofremos de outra forma, agora pela lentidão, impotência e dependência que os corridos anos mal vividos nos impuseram.

Essa forma de encarar a vida certamente influenciará na maneira como lidamos com as questões que as pessoas trazem ao Atendimento Fraternal. Por agirmos assim, não temos tanta paciência para ouvir seus dramas, logo, deixamos de nos portar com prudência, com controle, e desse modo, nossos pensamentos não se aquietam, já pensando no que falaremos quando o atendido terminar.

Temos dificuldade de levar as pessoas a pensarem sobre suas situações, sobre o que estão passando e sobre o que podem aprender com as adversidades. Mal ouvimos e já temos várias orientações, impacientes, jogando fora a possibilidade de construir reflexões mais profundas e significativas.

Não raro, alguns atendentes mal começam a ouvir as queixas trazidas e já

fazem um interrogatório que não visa compreender a situação, e sim resolvê-la. Perguntam “O que você fez?”, “Como reagiu?”, “Você tentou fazer isso?”, “Já pensou em fazer aquilo?”, como se a meta fosse oferecer a pessoa o maior número de alternativas possíveis para serem colocadas em prática, para, instantaneamente, o indivíduo ver seu problema resolvido.

O imediatismo anula nossa capacidade de reflexão e aprofundamento e, portanto, nosso bom-senso. Não conseguimos amadurecer as ideias dentro de nós, nem levar os atendidos a fazerem o mesmo. Agimos como o jardineiro impaciente que abandona a tarefa porque quer obter resultados imediatos e não consegue aguardar o período do cultivo necessário.

Quando as pessoas vêm ao atendimento, elas também estão impregnadas desse imediatismo. Alguns inclusive verbalizam: “Então, o que eu devo fazer?”. Logo, se não estivermos atentos, somos influenciados por esse caráter e sem perceber perdemos o foco, caindo no engodo e buscando, também, soluções breves.

Pela pressa de chegar a algum lugar, não temos consciência de onde estamos e como chegamos até aqui. Ademais, por não sabermos nossa localização no mapa da vida, não sabemos qual caminho seguro tomar.

Não ser imediatista não quer dizer não se preocupar com o tempo do atendimento, ou, pelo contrário, ficar jogando conversa fora. Precisamos saber muito bem o que estamos fazendo, inclusive controlar o horário adequadamente, mas sem deixar que essa conduta perturbe nossa alma e atrapalhe o desempenho para cumprirmos com os objetivos propostos.

A Doutrina Espírita é um norte, um direcionamento, e cada um seguirá a seu tempo, do seu jeito, errando e acertando, numa caminhada infinita que é a do espírito imortal.

Hedonismo

Hedonismo é o pensamento que fundamenta o prazer como bem supremo. Na Psicologia, trata-se de uma teoria segundo a qual “o comportamento é motivado pelo desejo de prazer e pelo evitar do desprazer”.³²

Certamente faz parte de nossa natureza a busca pelo prazer. No entanto,

atualmente vivemos o adoecimento dessa característica, acreditando que a vida deve ser uma fonte inesgotável de prazeres contínuos. Isso faz com que busquemos satisfações diversas e sem critérios, das mais fáceis, que atendam o ego imediatista. Daí por diante, afrouxamos as fibras morais e nos permitimos prazeres que custam muito caro financeira, física, emocional ou espiritualmente.

Subvertemos a vida nos colocando no centro e acreditando que o mundo deve girar à nossa volta, nos servindo o tempo todo. Todavia, quando isso não acontece, não sabemos como lidar, então nos empenhamos ainda mais na busca irrefletida de prazeres que preencham uma sensação de vazio.

O hedonismo nos faz interpretar como problema tudo aquilo que se oponha ou adie nosso prazer. Chamamos de inimigos todos aqueles que não se submetem às nossas vontades ou nos proporcionam algum desprazer.

Imbuídos por este pensamento, quando as pessoas procuram a Casa Espírita, movidas pelo hedonismo, fazemos uma aliança prejudicial. Procuram a instituição porque almejam um recurso que lhes traga novamente o prazer, ou que elimine a fonte de desprazeres em sua vida, e nós alimentamos essa fantasia. Acreditamos que o melhor que podemos oferecer é a eliminação do desprazer, por também sermos movidos por esse sentimento hedonista.

Desavisados do nosso próprio hedonismo, influenciemos os sujeitos a pensar que as mudanças externas são o melhor caminho para encontrar a felicidade, quando, em verdade, percebemos que para a maioria delas, o que nos cabe é justamente o contrário: a mudança interna.

Frente a um problema de estômago, por exemplo, ficamos mais preocupados em saber qual medicamento é capaz de eliminar aqueles sintomas do que refletir sobre nossa conduta e descobrir quais hábitos e posturas desencadearam aquela problemática.

Movidos por esse sentimento adoecido, intencionamos “resolver” os problemas da pessoa, afinal interpretamos os sofrimentos como problemas a serem eliminados, e as doenças como acidentes de percurso que precisam ser corrigidos imediatamente, desconhecendo a verdadeira essência da

mensagem consoladora.

O espírita não é masoquista, nem deve buscar o sofrimento, mas compreende o chamamento que a vida lhe faz, num movimento de aceitação consciente e natural do fenômeno dor que faz parte do processo evolutivo.

Joanna de Ângelis nos ensina que: “Tudo, em verdade, que acontece, mesmo produzindo sensações desagradáveis ou emoções desconfortantes, faz parte das experiências que promovem o ser humano, desde que se lhes compreenda a finalidade, expressando gratidão pela sua ocorrência”.³³ Isso não quer dizer que precisamos sofrer, no sentido de nos acomodarmos.

Se o olhar adoecido nos faz interpretar o desprazer como um acidente de percurso que precisa ser corrigido o mais rápido possível, a acomodação no sofrimento também é patológica, porque os dois extremos não estimulam o indivíduo ao crescimento interior.

O que entendemos com os ensinamentos espíritas é que podemos aprender com os desprazeres, antes de querer nos livrar deles, porque de alguma forma Deus se manifesta por intermédio da dor para nos ensinar o amor.

Narcisismo

Esse termo ficou conhecido pela Mitologia Grega, devido à história de Narciso, um herói famoso por sua beleza inigualável. Atualmente, revela o homem demasiado vaidoso daquilo que é, conseguiu ou realizou.

Na Psicanálise o narcisismo teve uma conotação muito específica, do indivíduo que tem a si mesmo como objeto sexual, mas o termo popularizou-se de tal forma que se tornou sinônimo de orgulho.

O problema é que nos detendo na imagem extremamente orgulhosa, arrogante ou prepotente, não enxergamos que o narcisismo está mais presente em nossas atitudes do que imaginamos. No Centro Espírita, não será diferente.

Já aprendemos que é indecoroso nos acharmos melhores do que os outros. Então, encontramos formas camufladas de viver essa sensação de superioridade.

O narcisismo nos faz exhibir o conhecimento que adquirimos. Por isso, nos impõe darmos respostas apressadas, nos proíbe dizer que não sabemos, e nos incita a mostrar a nosso conhecimento, mesmo que isso oprima os demais. Tomamo-nos como referência e acreditamos que aquilo que sabemos/pensamos/fazemos é o melhor, em todas as ocasiões, para todas as pessoas.

Quando somos levados por esse caráter, achamos que falar o que a Doutrina Espírita entende sobre determinado tema é muito pouco. Como resultado, dizemos “a pessoa necessita sair dali com uma orientação mais concreta, mais específica”.

Praticamente todo aconselhamento com base em noções pessoais revela narcisismo. Colocamo-nos no papel de quem é capaz de resolver os problemas do outro, orientar sua vida, dizer o que deve ou não fazer, como agir, etc.

Queremos ajudar nossos irmãos, mas inconscientemente desejamos nos sentir importantes para alguém. E aí ficamos tentados a acompanhar aquele caso, como se fôssemos mentores daquelas pessoas.

“Elas precisam de auxílio”. Claro que sim. Entretanto, esse auxílio vem da Doutrina Espírita, e não de nossas experiências. Ao sermos levados pelo narcisismo, os conteúdos doutrinários vão se evadindo da sala de atendimento, frente ao nosso suposto saber.

Somente quando tivermos coragem de nos fazermos pequenos no atendimento é que a Doutrina poderá resplandecer, de maneira segura e efetiva, para conduzir a vida dos homens.

O entendimento a respeito da vida após a morte e da reencarnação abrem novos horizontes, oferecendo elementos para que o indivíduo consiga tomar as melhores decisões para a sua própria existência. Não dizemos “não se mate”, “não aborte”, “faça isso ou aquilo”. Não estamos questionando a veracidade dessas informações. É claro que o melhor, pelo entendimento doutrinário, é não cometer tais fatalidades. Porém, se são conclusões, isso denota que muito já foi visto, lido, pensado e analisado para chegarmos àquela conclusão. Então, querer aconselhar alguém é querer que ele assuma as nossas conclusões para si, sem realizar o percurso

que fizermos.

Aconselhar, nesse sentido, é omitir o conhecimento que usamos para chegar lá.

Pode parecer que encurtamos o caminho cognitivo das pessoas, mas não haveria por trás disso novamente a soberba ou até o autoritarismo, camuflado de cuidado e atenção? Jesus aconselhou. Mas quem era aquele homem?

Se quisermos que o atendido tome para si as nossas conclusões, certamente estaremos nos colocando em lugar privilegiado, quando deveríamos nos colocar no humilde lugar daquele que serve.

O Atendimento Fraternal não pode ser um espaço para realização de nossas fraquezas morais, preenchendo nosso próprio vazio por nos sentirmos valorizados pelas pessoas que atendemos. Muito menos um momento para compensar nosso desvalor profissional, familiar ou pessoal, obtendo a sensação de que somos superiores.

Ser atendente fraternal é exercitar a simplicidade do mensageiro, trazendo o tesouro doutrinário que os espíritos nos ofertam para as almas aflitas. O tesouro não é nosso, e não deve parecer que seja. Deixamos claro de onde tiramos essa fartura e estimulamos os indivíduos para que façam o mesmo, recebendo do Espiritismo as orientações para sua vida.

Imaturidade emocional

Um dos maiores empecilhos para cumprirmos com os objetivos do Atendimento Fraternal está na dificuldade de suportar a dor do outro. Ao longo de vários anos oferecendo treinamento para os trabalhadores espíritas, verificamos que a fundamentação teórica é facilmente compreendida, mas quando chegamos à prática, inevitavelmente o grande contingente de aprendizes cai na mesma questão: esquece toda a teoria e quer encontrar uma forma de resolver o problema do outro, por imaturidade emocional.

A empatia é, sim, um elemento importante no atendimento. Portanto, é fundamental esclarecer que há uma grande diferença entre empatia e projeção, e porque as duas falam de relação, misturamos tudo e nos

atrapalhamos na boa condução do caso.

Na empatia nos colocamos mais próximos do outro, o que é essencial para não minimizarmos o sofrimento alheio, desfazendo das dores e das dificuldades do próximo. Se acharmos que todos os que procuram o Atendimento estão fazendo drama, exagerando, ou chorando sem precisar, não poderemos auxiliar nessa tarefa.

Contudo, na maioria das vezes, a dor do outro toca na nossa dor, seu sofrimento aguça nosso sofrimento e o seu sentimento de desamparo também nos atinge. Por esse motivo, é preciso suportar a dor dos outros sem querer interferir.

O desejo de eliminação do sofrimento alheio revela mais a respeito de nós mesmos do que imaginamos:

- Mostra nosso sentimento de onipotência, colocando-nos no lugar de Deus para orientar, salvar e resolver os problemas de outrem;
- Revela nossa imaturidade em achar que os problemas se resolvem com conselhos e orientações, como se não fossem questões profundas, desencadeadas por características da personalidade de cada um, e que merecem uma reflexão pessoal que não se faz em curto prazo;
- Revela nossa ingenuidade em acreditarmos que a situação é pura e simplesmente aquela que o indivíduo descreve para nós, sem entendermos que é um ponto de vista, e que certamente se ali estivessem outras pessoas envolvidas na situação, descreveriam quadros diferentes, mostrando outras formas de enxergar o mesmo problema;
- Delata a dificuldade que temos em lidar com nosso próprio sofrimento, sem perceber que ele surge em nossa vida como um verdadeiro método pedagógico para nosso próprio aprendizado e evolução.

Ouvimos em uma palestra que o amor que interfere no sofrimento alheio é um amor fraco e desrespeitoso. Inicialmente ficamos impactados ou contrariados, mas pensando melhor, essa colocação fez muito sentido. De fato, parece que precisamos discernir entre interferir e ajudar. Muitas vezes o que chamamos de ajuda é simples interferência pelas dificuldades que carregamos no coração. Por exemplo, se alguém vive um processo de luto, nem sempre levar para sair, “se divertir”, é ajudar. Pode ser apenas

interferir, ou até atrapalhar, por não suportarmos lidar com nossas tristezas e com as dores existenciais do outro. Nesse caso, ajudar de verdade, seria colocar-se ao lado daquela pessoa, empatizar-se com seu vazio e proporcionar alguns elementos para crescer emocionalmente com a situação dolorosa – o que exige maturidade.

O reconhecimento da presença divina nos salva da sensação de onipotência e onisciência, e nos estimula a perceber o movimento da vida, sem querer operar a salvação.

Quando Jesus nos diz “*Buscai primeiramente o Reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas*”,³⁴ está falando das questões da sobrevivência física que era o referencial de cuidado do povo da época. Hoje podemos extrapolar para cuidados mais amplos e assimilar que o Pai jamais abandona qualquer filho seu.

Dessa forma, a ação mais eficiente no Atendimento Fraternal é reconduzir o homem no caminho a Deus, e por isso, nos colocamos ao lado das pessoas, oferecendo a compreensão e os recursos que o Espiritismo dá, para que trilhem seus destinos com clareza nos objetivos da vida terrena e encontrem a felicidade que o mundo pode oferecer.

Tentar resolver seus problemas, jamais!

3ª PARTE

A QUESTÃO DA TÉCNICA

Nada pior que pessoas de boa vontade sem discernimento, nem directriz; perturbam mais do que ajudam.

Goethe

Não temos por objetivo definir uma técnica como verdadeira ou absoluta em detrimento de outras possibilidades. Existem inúmeras formas de estabelecer um diálogo saudável e doutrinariamente adequado, principalmente quando já temos significativo conhecimento do Espiritismo e experiência de atendimento na Casa Espírita.

O que pretendemos ao estabelecer esses passos é analisar as características do diálogo em seus diferentes momentos, oferecendo importantes elementos para o bom andamento de cada caso.

Muitas vezes o atendente não tem consciência de qual padrão utiliza. Intui estabelecendo que haja um momento de ouvir e outro de falar. Tem até noção de que precisa ouvir a pessoa sem atropelar suas colocações. A partir daí, sabe que precisa orientá-lo.

Ao estabelecermos alguns passos a mais do que ouvir e falar, nosso objetivo é explicitar a possibilidade de um percurso que permita ao atendente, iniciante ou não, um caminho sem risco.

Ao visualizarmos o caminho a ser trilhado, o atendente sente maior segurança na condução, principalmente dos casos complexos, e evita cair

nos graves erros do aconselhamento tendencioso.

No livro *Atendimento Fraternal*, do Projeto Manoel Philomeno de Miranda, há uma excelente explicação sobre a condução dos atendimentos, no qual o diálogo é descrito em quatro etapas: atender, responder, personalizar e orientar.

Não propomos um modelo alternativo. Apenas apresentamos outras possibilidades, esmiuçando principalmente o processo de elaboração da queixa para fazer as orientações doutrinárias com precisão.

O constrangimento para as casas espíritas decorrente da má condução dos atendimentos não é novidade

Muitos prejuízos são gerados para o atendido, para o Centro Espírita e principalmente para a própria Doutrina quando alguns cuidados não são tomados.

Ao analisar a interferência dos conteúdos pessoais, preconceitos e desconhecimentos, nos debruçamos sobre a tarefa em busca de passos ou orientações que não deixem brechas para esses equívocos, impedindo de colocar em risco um trabalho tão belo e especial como o que o Espiritismo oferece.

Por isso desejamos refletir sobre cinco aspectos: receber, ouvir, construir o tema do atendimento, fazer a interpretação doutrinária, e por fim, realizar os encaminhamentos:

- No primeiro momento nossa preocupação está voltada para o acolhimento, almejando que o atendido perceba a nossa intenção em auxiliá-lo e, com isso, se sinta à vontade para falar de seu sofrimento;
- No segundo, ouvimos com atenção e respeito, esclarecendo situações importantes, evitando interrupções e reforçando as conclusões;
- Na sequência, ajudamos a transformar a queixa num tema doutrinário, ou seja, fazer com que fale de si mesmo e de seus sentimentos, percebendo sua responsabilidade pela situação presente;
- Após estabelecermos o tema, explicitamos o que a Doutrina Espírita tem a dizer sobre essa questão, o que exige dos atendedores, significativo conhecimento doutrinário;
- O quinto e último aspecto são os encaminhamentos doutrinários e

especializados, ou seja, as recomendações da Casa Espírita, dos cuidados e terapêuticas espíritas indicados e, quando houver necessidade, as recomendações externas, como procurar algum tipo de especialista.

Embora nosso maior interesse seja nos passos três e quatro, trabalharemos todos os aspectos, usando exemplos reais, sem especificidades e identificações, retratando o labor do atendente, desde situações simples às mais complexas.

CAPÍTULO 7

RECEBER A PESSOA

Reforçamos o uso do termo paciente, nesse passo, porque é primordial acolher bem aos que nos procuram no Atendimento, independente das mazelas que trazem. Acreditamos que a percepção de que estamos lidando com alguém que padece deve permear nossos comportamentos e falas a todo o momento, mas em especial, nos dois primeiros passos – o acolhimento e a escuta.

Alguns se sentem falidos emocionalmente por não conseguirem superar as provações da vida, recorrendo ao Centro Espírita como última alternativa, a esperança derradeira. Há casos de doenças incuráveis, males não diagnosticados, graves processos obsessivos e dramas existenciais sem fim.

Já discutimos, através dos cursos, casos de matadores de aluguel, abusadores sexuais, suicidas potenciais, abortos consumados, compulsivos sexuais, separações litigiosas, alienações parentais, transtornos mentais dos quais se ressaltam as depressões, as fobias e as psicoses em confusão com a sintomatologia mediúnica. Desde aqueles que nos parecem os mais simples ou até infantis às problemáticas mais graves, todos padecem e precisam de acolhimento e orientação doutrinária.

Receber bem não quer dizer abraçar, sentar bem próximo ao lado, ficar de mãos dadas. É preciso ter respeito pelo seu sofrimento e muitas vezes, pelo constrangimento de expor a vida a desconhecidos.

Nesse primeiro momento, nossa preocupação deve ser em criar um ambiente acolhedor, seguro e respeitoso, que possibilite a pessoa falar de sua problemática. Quando nos encontramos frente a frente com alguém

que necessita de auxílio nos questionamos: “Como iniciar o diálogo”?

Esse questionamento pode parecer óbvio, pois basta dizer: “O que lhe traz aqui?” ou “O que lhe aflige”? Mas não é tão simples quanto parece. Não é um encontro fortuito, um bate papo qualquer. Estamos em uma instituição religiosa, falando em nome de uma Doutrina Consoladora, com pessoas sofridas e angustiadas. Embora estejamos dispostos a auxiliar e acostumados com a tarefa, para quem chega à sala de Atendimento Fraternal pela primeira vez e precisa expor seu sofrimento, pode ser difícil e muito constrangedor.

Não é a sala de um médico, um consultório psicológico, nem um confessionário. Para começarmos um diálogo nessas delicadas condições, nos colocamos no lugar daquele que procurou a instituição, o qual se encontra com pessoas desconhecidas num local que não lhe é familiar.

Entendemos que o melhor a fazer, nesse momento, é darmos um tempo para a pessoa se ambientar. Por isso, acreditamos que seja conveniente nos apresentar e falarmos brevemente do atendimento.

O início de qualquer diálogo nessas condições geralmente antecede uma avaliação da instituição, do ambiente e dos atendentes, onde a pessoa conclui se aqueles poderão auxiliá-la adequadamente.

Caso chegue a uma negativa, poderá falar resumidamente do seu caso, abordar a questão de modo superficial, ou até mesmo não falar a respeito do que lhe aflige, usando daquele tempo para falar de problemas menores. Por isso, a sugestão é de que o atendente, sem tantas delongas, inicie o diálogo com sensibilidade, criando um ambiente de acolhimento, respeito e interesse pelo caso.

Iniciar o diálogo

A apresentação do atendente é uma questão delicada, geradora de discordâncias no Movimento Espírita. A intenção de falarmos primeiro não pode ser a da autopromoção. Podemos apresentarmo-nos com o nome, o tempo que nos encontramos no Espiritismo e o que fazemos na instituição, se assim a Casa decidir. Para nós, esses são elementos básicos da apresentação de um trabalhador espírita, permitindo àquele que nos

procura saber que não está se dirigindo a um neófito.

Nas situações cotidianas nos sentimos inseguros frente a um profissional recém-formado quando acreditamos que nossa situação é grave. Com as dores da alma não é diferente. Esta a razão para nos identificarmos e tentarmos oferecer um mínimo de segurança, mas com muito cuidado para que não se torne a apresentação de um mini currículo, ou um instante para alimento de nossa vaidade.

Podemos falar do sigilo para que a pessoa sinta-se mais confortável. Qualquer um pode se sentir exposto, ao falar da vida pessoal, por ser uma situação nova e desconhecida. Alguns têm receio de se abrir porque o parente - o marido ou o filho, por exemplo - frequentam o meio espírita ou a própria instituição. Então, verbalizar: “Tudo que conversarmos aqui permanecerá aqui” pode fazer diferença.

Também acreditamos que seja necessário falar do objetivo do diálogo no início, como forma de realizarmos o primeiro enquadramento. Ao dizer: “Vamos ouvi-lo e analisar como a Doutrina Espírita pode ajudá-lo”, começamos a desmistificar o trabalho, esclarecendo que não é um espaço de aconselhamento nem um oráculo, ou uma consulta. Basta expor que o objetivo do diálogo é ouvir para verificarmos em que a Doutrina Espírita pode esclarecer.

Essa acolhida é um instante muito breve, mas nesse período damos tempo para que a pessoa sinta o ambiente, aconchegue-se na cadeira, avalie-nos, perceba o respeito que temos pela sua dor, até que se sinta à vontade para se colocar no papel de atendido.

O fato da pessoa estar ali fisicamente não quer dizer que ela “entrou no atendimento”, emocionalmente falando. Ademais, dependendo da forma como iniciamos o diálogo, mesmo depois de trinta minutos juntos, a pessoa pode ficar à margem do diálogo, sem conseguir falar do que realmente precisava. Evade-se, seja por não se sentir à vontade com os atendentes, por não se achar seguro naquele ambiente, por se sentir invadido, ou mesmo por supor que não será compreendido.

Após esse acolhimento, criando uma psicofera positiva e favorecendo que a pessoa seja envolvida por vibrações do plano espiritual superior,

podemos dizer: “Então, meu irmão, o que lhe traz até aqui”?



CAPÍTULO 8

OUVIR A PESSOA

Depois dos dois passos antes analisados chegamos a um ponto crucial para o trabalho em pauta. A escuta é o ponto mais abordado nos textos sobre Atendimento Fraternal. Aprender a ouvir é uma arte, e o reflexo dessa sensibilidade não desenvolvida pode ser claramente observado em nosso cotidiano.

Poucas vezes estabelecemos diálogos. Em geral, são dois monólogos. Alguém nos conta o diagnóstico de uma doença que descobriu e, como péssimos interlocutores, não vamos ao encontro do seu tema. Não nos interessa sua situação, nem as implicações daquela notícia, nem como está se sentindo. Depois de poucas palavras, geralmente nos intrometemos e falamos de alguém que teve esse mesmo diagnóstico, se não fomos nós mesmos. Contamos a história sem nos atermos àquele que está à nossa frente.

E assim encaminhamos esses dois monólogos até que a primeira pessoa retome a palavra novamente para continuar seu comentário, sem se interessar pelo que estamos falando. Então, aguardaremos uma próxima oportunidade, nem que seja uma pausa para respiração, para continuarmos falando do nosso caso.

Terminamos nossos monólogos sem acrescentar um ao outro, afinal, não permitimos que ele entre em nossa vida, nem temos satisfação ou interesse em se fazer presente na vida dele. Sumariamente, desconhecemos a terapêutica do bom diálogo. Vivemos dias em que quase ninguém está disposto a sair de seu egocentrismo. Encontrar alguém que realmente queira ouvir, sem críticas, sem condenações, verdadeiramente interessado

na dor do seu semelhante é algo raro e profundamente terapêutico.

Ouvir é uma arte e uma técnica.

Como muito se fala sobre a arte, a necessidade da paciência e da empatia, nos ateremos à questão técnica.

Pretendemos abordar alguns elementos que separamos em tópicos, visando uma melhor aprendizagem: dimensionar intensidade e tempo, aprofundar eventos importantes e demonstrar compreensão.

Dimensionar a intensidade

Quando nos dizem: “Meu marido é agressivo”, precisamos assumir que estamos diante de um universo desconhecido. Achar que compreendemos essa frase, revela que estamos fechados em nosso mundo de interpretações pessoais. A condição psíquica que desenvolvemos perguntará: “Agressivo como”? Há infinitos níveis e formas de agressividade e cada um nomeará a seu modo. O que chamamos de um “marido agressivo” não é necessariamente o que o outro tem pela mesma expressão. Buscar esse sentido para o outro é se direcionar emocionalmente para ele, desejando apreender sua realidade existencial. Para alguns, agressivo pode ser um olhar ríspido, um semblante taciturno, a ausência de diálogo por alguns dias, enquanto para outros é o espancamento.

Colocamo-nos na postura de extrema atenção, interessados em cada elemento. Vamos além das palavras ditas e dos sentidos prévios.

Colocar-se disponível para se conectar às imagens, aos pensamentos e aos sentimentos que cada um traz dentro de si é um exercício. Não podemos pressupor que todos pensem e sintam como nós.

Ao ouvirmos alguém dizer que depois da morte do seu pai, ficou triste, questionamos: “Triste como”? Pode ser triste de chorar toda vez que entra em contato com algo que lembra seu pai. Mas também pode chamar de tristeza aquele vazio dentro de si, o sentimento de solidão, de culpa, a ausência de vontade para coisas que antes pareciam atrativas, perdurando por vários meses, o que caracteriza tecnicamente um quadro depressivo.

Sem dimensionar a intensidade da problemática, não há como averiguar com precisão as melhores orientações doutrinárias. É claro que não

questionaremos cada palavra, mas à medida que ouvimos aquela pessoa, o foco naturalmente se delinea e o tema vai surgindo. Sobre ele nos deteremos, esclarecendo a intensidade da situação.

Diferentemente de ouvir como o curioso que deseja esmiuçar os detalhes para satisfazer à curiosidade pessoal, nos colocamos atentos para entrar em sintonia com ele.

Quando alguém nos diz que deprimiu seriamente, não podemos dar por entendido. Sempre questionar: “Seriamente como”? Para quem trabalha em um hospital psiquiátrico ou compreende a terminologia médica, logo associará aos sintomas do diagnóstico de Episódio Depressivo Maior. Mas pode ser um final de semana de esgotamento físico em que a pessoa nem quis fazer almoço em casa, por exemplo.

Todos os sentimentos e comportamentos envolvidos na problemática precisam ser averiguados adequadamente.

“Briguei com meu filho”, “Fiquei fora de mim”, “Senti muito medo”, “Quase enlouqueci”, “Não queria mais viver”, “Isolei-me completamente”, etc. Embora essas situações pareçam familiares e compreensíveis, exigem esclarecimento como forma de aproximação do discurso do sujeito.

Conforme a intensidade dos fatos, o atendimento seguirá para caminhos diferentes, tanto na interpretação doutrinária quanto nos encaminhamentos.

Dimensionar o tempo

Da mesma forma que é importante aferir a intensidade, faz-se necessário identificar o fator tempo.

O quadro de uma mulher que não superou o divórcio há três meses é completamente diferente daquela que assim se descreve após dez anos. Certamente essa não superação precisa ser esclarecida, em conformidade com o que já enunciamos na questão da intensidade. Quando alguém chora ao falar na separação, pode ser que não a tenha superado, enquanto para outros, não superar se reflete em não conseguir voltar ao trabalho e interromper sua vida – situações completamente diferentes.

Os motivos que diferenciam essas situações dolorosas são diferentes.

Numa o problema talvez seja a simples adaptação e o acostumar com a saudade, enquanto na outra pode ser a questão do apego ou da revolta. A dor daquela pessoa separada há dez anos é tão legítima e verdadeira quanto daquela cujo rompimento ocorreu há três meses.

A noção do tempo decorrido pode nos confirmar a necessidade de sugerirmos acompanhamento especializado. Todas as situações que se estendem através dos anos solicitam orientação psicológica por se tratar de padrões comportamentais enraizados na personalidade da pessoa e não se resolverão com breves orientações doutrinárias nem com as artimanhas do raciocínio.

Aprofundar eventos importantes

Quando alguém nos relata que faz acompanhamento, ou mesmo que já se consultou com um psiquiatra, habilidosamente interrompemos o discurso para que essa informação não passe despercebida: “Por que você se consultou com o psiquiatra”? É importante registrar que alguns procuram esse especialista por quadros de estresse, desatenção ou ansiedade, enquanto outros, pela presença de delírios e alucinações, em graves casos de internamento.

Eventualmente se uma pessoa nos informa que ficou hospitalizada na instituição psiquiátrica, não podemos deixar de saber quando foi, por que, por quanto tempo, o que disseram do seu caso, e se ainda continua o tratamento.

Aprofundar eventos importantes é questionar visando compreender melhor a situação.

Reforçamos esses temas porque muitos casos que se confundem com mediunidade e obsessão têm essa fenomenologia psiquiátrica. Se não temos a história clínica acabamos interferindo negativamente no tratamento médico – o que seria inadmissível.

Do mesmo modo, quando nos dizem que se consultaram com um neurologista devido à sua dor de cabeça, temos que questionar: “E como foi esse tratamento”? ou “O que seu médico disse”?

É preciso, por vários motivos, rastrear os pontos importantes.

Quando alguém diz que pensou em morrer, não podemos continuar o diálogo sem averiguar se já pensou outras vezes, se hoje pensa, se chegou a planejar como, etc.

Se porventura alguém nos diz que ficou afastado do trabalho, será preciso indagar: “Por que motivo?”, “Por quanto tempo?”, “Quando foi?”, “Ainda está afastado”? Diante das respostas, questionaremos: “E o que você faz?”, “Quais suas ocupações atuais?”, “Como se sente nessa condição”?

Ao compreender a situação, avaliaremos diferentes aspectos doutrinários que poderão auxiliar no encaminhamento.

Outro exemplo é do atendido com filho que parece estar usando drogas: “Como assim? É suspeita ou fato?”, “Quando e como ficou sabendo”? Há mães que se desesperam porque descobriram que o filho experimentou cigarro, enquanto outros pais pouco se importam com o uso regular que seu filho faz de certas drogas.

É certo que uma mãe ansiosa, com suspeitas, precisa de psicoterapia, enquanto o caso do *crack* exige, além disso, outros elementos terapêuticos.

Estes esclarecimentos nos dão a noção do perfil da pessoa com quem estamos dialogando, mesmo que superficialmente, identificando o valor que dá para a vida e para as coisas, como encara os problemas, sua fé, suas crenças ou descrenças, os sentidos que atribui. Isso nos dá maior subsídio para selecionar os aspectos doutrinários que abordaremos.

Demonstrar compreensão

É fundamental para o êxito do atendimento que aquele que fala se sinta compreendido. No entanto, acreditando que a melhor maneira de expressar compreensão seja concordar com o que a pessoa diz, acenamos positivamente com a cabeça, muitas vezes sem prestar atenção de verdade. Por isso há quem discorde dessa postura aparentemente compreensiva, que além de não ser benéfica, pode ser prejudicial por dar a entender concordância ou conivência, e não compreensão.

Concordar é diferente de compreender.

Vejamos outro exemplo: se um jovem diz que não aguenta mais seu chefe, concordar com ele pode parecer valorizar o sentimento de revolta,

dando a entender que está certo em culpar seu superior.

Aprender a demonstrar compreensão, não necessariamente concordância. Antes que entre em uma nova situação ou tema, gentilmente interrompemos e dizemos “Deixe-me ver se compreendi bem o que você disse”. Em seguida, repetimos o que nos falou, de forma resumida, por exemplo: “Você quer dizer que vive um drama no seu trabalho porque seu chefe lhe humilha e desrespeita na frente dos outros e você está a ponto de matá-lo. É isso”?

Não podemos concordar que a pessoa está no seu limite e vai matá-lo, mas compreendemos seus sentimentos, sensações e pensamentos. Assim, além de demonstrar compreensão, abrimos espaço para esclarecimentos. Se for realmente isso que a pessoa queria dizer, ela confirmará dizendo “eu nunca cometi um crime, mas agora, já até pensei como farei”. Isso nos mostra a gravidade do problema, ou contrariamente, o moço diz: “sim, mas matar é força de expressão”.

Além disso, quando resumimos e devolvemos o que a pessoa nos disse, proporcionamos que ela mesma se escute. Parece simplista, mas não é. Ao ouvir-se em voz alta, muitas vezes nos escutamos e enxergamos o problema por outros ângulos, de modo mais criativo, forte ou transformador.

Por vezes, as pessoas se chocam quando ouvem o que falam. Não prestam a atenção nos seus sentimentos e quando se abrem colocam para fora muitas coisas que nem sabiam que estavam em seu âmago. Então, devolver para elas, se possível usando as mesmas expressões, pode produzir um efeito terapêutico mais significativo do que supomos.

Obviamente, não interromperemos a pessoa a cada frase, mas à medida que percebemos que aquela narrativa se fechou, esboçando uma situação específica que o indivíduo está vivendo, fazemos essas pequenas ilhas de conclusões, esclarecendo, reforçando e favorecendo que o indivíduo ouça a si mesmo.



CAPÍTULO 9

CONSTRUIR O TEMA DO ATENDIMENTO

Esse aspecto que abordaremos é crucial num diálogo de ajuda. É também o mais complexo por exigir do atendente uma postura de distanciamento sem indiferença, de análise sem julgamento e de enquadramento sem hostilidade.

Observamos a fala e tentamos compreendê-la como alguém que olha o que existe no subsolo de uma construção, mas não fazemos isso como intérpretes e conhecedores da verdade do outro, mais do que ele mesmo. Portanto, além da capacidade aguçada de percepção, necessitamos de uma boa desenvoltura no diálogo, levando a pessoa a pensar sobre si mesmo.

Recebemos bem e ouvimos com atenção a problemática da pessoa, esclarecendo seu discurso para compreendermos o seu nível de sofrimento. Porém, na maioria dos casos, o discurso dos atendidos está pautado no outro. Por isso, antes de iniciarmos a orientação doutrinária, ainda temos um grande trabalho a realizar.

Essa perspectiva pode ser comparada a alguém que está preparando o terreno para receber a semente. Por melhor que ela seja, há solos que não estão prontos. A Doutrina Espírita é uma semente com grande potencial de germinação e embelezamento da vida, mas dependendo de onde caia, conforme a analogia de Jesus, não florescerá.³⁵

A *construção da temática do atendimento*, como assim chamamos, é esse momento de preparação onde ajudamos a pessoa a transformar a queixa em um tema doutrinário, ou seja, a descrição do seu problema em algo que fale do seu funcionamento, dos seus sentimentos e das suas dificuldades

em relação àquilo que vive.

Quase todas as pessoas que nos procuram têm uma queixa, isto é, têm algo a reclamar... Nosso trabalho é trazer a observação para dentro, afinal, quem veio procurar ajuda é aquela pessoa que está à nossa frente. Somente com seus sentimentos, suas ações e suas perspectivas podemos trabalhar.

Esse processo de preparação da alma para receber a Doutrina será analisado em três passos: estabelecer o foco, analisar o pedido e extrair o tema doutrinário.

Estabelecer o foco

As pessoas relatam muitos eventos, inúmeros sofrimentos que vão se acumulando ao longo da vida e, em determinado momento, estão sobrecarregadas de dores e dificuldades. Se não fosse assim, não buscariam auxílio.

Além dessas situações complexas, existem as pessoas poliqueixosas. São as que buscam problemas e se satisfazem com as queixas, vitimizandose: – o problema começa com o marido, vai para o patrão, passando pela colega de trabalho e retoma à infância e aos pais... e não tem fim.

Independente de qual seja o caso, nas duas situações fazemos um enquadramento, dizendo respeitosamente: “Muito bem, você já falou disso, disso e daquilo. Agora estabelecemos um foco para esse diálogo. Então, perguntamos: Qual é a questão que mais lhe aflige, de todas essas que você expôs”?

Estabelecer o foco é não abrir espaço para nossas impressões pessoais, nos atendo àquilo que nos impressiona. E por vezes, ficamos estupefatos com o que realmente atormenta nosso semelhante.

A mulher diz que foi traída pelo marido com sua amiga do trabalho. Parece uma questão simples, mas percebamos que o foco pode ser o marido traidor, a amiga incosequente que lhe dava apoio sempre que precisava, ou sua imagem perante a sociedade.

Se temos mal resolvida a questão com o dinheiro, tendemos a colocar isso como o foco, mesmo em meio a muitos outros problemas narrados, afinal aquele tema toca em nossos complexos. Tendo dificuldades com a questão

da vaidade, acreditamos que isso é o pior e falamos das coisas que, na verdade, nós queríamos ou precisávamos ouvir.

Podemos usar colocações gentis do tipo: “Frente a tudo isso que você me contou, qual é a sua maior dor”? “Qual é o motivo que realmente lhe trouxe aqui”?, ou “O que mais lhe aflige nesse momento”?

Se um único problema já é difícil de orientar em tão pouco tempo de atendimento, mais complicado fica se não tivermos um foco específico entre tantas queixas. Por essa razão, questionamos: “Qual é o foco, o ponto nevrálgico”? Sem isso, torna-se impreciso o prosseguimento e muitas orientações serão perdidas frente a novas queixas.

Às vezes, mesmo depois de estabelecido um ponto, quando já estamos na fase de interpretações doutrinárias, a pessoa traz outras queixas. Nesse momento, somos enfáticos e dizemos que o Atendimento Fraternal não é um espaço de soluções, estimulando, assim, para que a pessoa se contenha. Em certos casos esse perfil queixoso sinaliza a vitimização, revela a dificuldade de responsabilização e o desejo de não mudança, por isso, é necessária atenção. Na verdade, são pessoas que não querem orientações doutrinárias. Necessitam de encaminhamento para um profissional especializado.

De qualquer forma, faremos de tudo para conseguirmos estabelecer, junto à pessoa, o foco do atendimento, como alguém que faz um funil ou uma peneira para extrair aquilo que será objeto de mais atenção em meio às diferentes queixas.

Analisar o pedido

Nem todas as pessoas precisam do enquadramento do foco inicial. Mas na maioria das ocasiões, a questão ainda está fora do sujeito. Se assim for, este terá dificuldades para aderir às orientações e encaminhamentos que dermos.

Vejam: quando acreditamos que o problema é o marido alcoolista, então por que ir ao Centro Espírita ou fazer Evangelho no Lar sozinhos? Ficamos aguardando a mudança do outro, paralisados no sentido da própria transformação.

Depois de ter – atendente e atendido – clareza do foco, é necessário fazer com que ele *se envolva com aquilo que se queixa*. É trazer a pessoa para o atendimento, deixando de lado qualquer personagem para falar de si, dos seus sentimentos, das suas reações e dificuldades, enfim, da sua dor.

Para melhor esclarecer onde pretendemos chegar com isso, podemos separar o discurso da pessoa em três elementos: queixa, pedido e tema.

Para ilustrar, num caso em que a pessoa se queixa do marido, da falta de dinheiro e do patrão, ao estabelecer um foco por meio de questionamentos, compreendemos que a maior aflição é o emprego terrível que a pessoa odeia e não tem mais vontade de estar.

Frente a essas colocações, nada temos a fazer. Não podemos cair na tentação de querer dizer que a pessoa deve gostar do seu emprego, deve querer trabalhar e deve ver o lado bom, muito menos sugerir que mude. A psique não se submete a esse modo imperativo. É preciso fazer com que ela se autoavaleie para avançar no sentido da análise do seu problema.

Geralmente toda queixa vem acompanhada de um pedido, mesmo que inconsciente. Tomando esse último exemplo, o pedido pode ser: “Arrume outro emprego para mim!” ou “Diga-me o que devo fazer para gostar do meu emprego!”, ou ainda, “Mostre-me que área devo seguir para ser feliz trabalhando”! Isso é um engano. Todavia, se desejamos atender aos seus pedidos, nos distanciamos dos objetivos do Atendimento Fraternal. Sem prestar atenção, estaremos questionando o que a pessoa gosta de fazer, quais cursos realizou, que experiência tem, como se o problema dela fosse realmente isso, e nós pudéssemos resolvê-lo, achando outro emprego.

Qual é o pedido por trás dos discursos abaixo?

“Tire meu filho das drogas”;

“Ensine-me a educá-lo”;

“Como devo agir com meus pais”;

“Faça com que meu marido não me traia”;

“Tire-me da depressão”;

“Mostre-me o caminho”;

“Tire esse obsessivo de mim”.

Faz-se necessário que o sujeito veja o SEU problema para que mude seu

pedido e, assim, seja ajudado. Vale a pena questionar “E o que você procura”?

É preciso primeiro que a pessoa tenha clareza do que está solicitando e do que espera do atendimento, para que não tenha a sensação de que não foi atendida devidamente. É verdade que em muitos casos não será atendida como queria, mas precisa saber que isso não é por incompetência da instituição, e sim, porque o que pede é inadequado, impossível ou inatingível.

Já vivenciamos atendimentos de pessoas que solicitavam que conversássemos com seu filho ou marido, sem que eles tivessem vindo ao Centro, ou sequer tinham interesse nesse diálogo. Tentar atender esses pedidos é total desvirtuamento dos objetivos do Atendimento Fraterno.

Pensemos no caso da mulher que engravidou ao trair o marido com o irmão dele, que era casado com sua irmã. Assim, traiu duplamente, marido e irmã. Essa pessoa traz um pedido explícito: “O que faço para sair dessa”?

Como poderemos nos deter nessa questão? Qual seria a responsabilidade do Centro Espírita nisso? E se estimulamos a contar para o marido ainda durante a gravidez e ele lhe impuser o aborto? Ou se contar após o bebê nascer, e o marido violento decidir matar o irmão? E se não contar? Certamente estará faltando com a verdade e responsabilizará o Espiritismo.

Não somente neste, mas em todos os casos, não podemos nos posicionar dessa forma, porque a ajuda pretendida, sem a totalidade dos fatos, pode produzir mais danos que imaginamos.

Primeiro, deixamos claro que nada podemos fazer em relação a tal pedido. Certamente, se essa pessoa viesse nos procurar quando estava arquitetando enlaçar-se com o cunhado, teríamos subsídios doutrinários claros para lhe orientar, mas nesse momento já não podemos ajudar frente a esse pedido. Entretanto, em relação a muitos outros a Doutrina Espírita auxilia profundamente, desde que consigamos fazer a pessoa falar de si, e não do problema externo.

Não podemos esperar que as pessoas saibam qual é o objetivo do Diálogo Fraterno e tenham uma crítica apurada a respeito daquilo que nos pedem. Mas nós, como atendentes, não podemos esquecer qual é o nosso papel.

Em determinadas situações, será necessário dizer: “Esse tipo de resposta não cabe a nós, e a ninguém, senão a você mesmo. Podemos lhe ajudar de outras formas”.

Em certos casos, como querer mudar um ente querido, esclarecemos: “Mas será que é adequado pedir isso”? Outra situação ocorre quando querem uma fórmula mágica para mudar imediatamente o fluxo das coisas, então diremos: “Será que existe uma resposta pronta, assim como você está esperando, ou ela terá que ser construída dentro de você?”, ou quando esperam diretrizes de como agir, redarguimos: “Será correto você entregar sua vida a alguém, para que essa pessoa lhe diga o que fazer”?

Muitos querem respostas exatas, alternativas determinadas, mudanças externas, premonições. Nosso papel não é simplesmente tentar atendê-los para que não se desencantem com a instituição. Temos um papel bem claro. E fazemos com que ele se cumpra.

Extrair o tema doutrinário

Vejamos que já fizemos um percurso aparentemente longo, e ainda estamos distantes do final. Precisamos estabelecer o tema do atendimento, para daí trazermos as interpretações doutrinárias referentes ao caso.

Para uma mulher que descreve problemas em seu casamento, pelas grosserias do cônjuge, já temos clareza absoluta de que nosso papel não é aconselhar, dizendo: “Largue seu marido!”, “Você não é obrigada a aceitar tudo isso!” ou “Insista um pouco mais”! Esse tipo de conselho é reprovável por inúmeros motivos, mas um dos que mais nos convence é porque nunca teremos noção dos fatos concretos. Como será a atitude dessa mulher que se queixa do casamento? Seria ela uma esposa ideal ou aborrecida e implicante, e por isso o marido torna-se agressivo com as palavras?

Será que toda pessoa consegue enxergar os dois lados ou seu discurso é unilateral, justificando suas atitudes e tentando convencer o ouvinte de que está certo? Mesmo que conhecêssemos aquela mulher, e fosse uma companhia agradabilíssima, será que ela age assim com todas as pessoas, incluindo o marido? Ou será que muda de comportamento com os outros pelas mágoas que carrega desde o início do casamento?

Querer intrometer-se no caso e aconselhar seria tomar partido de algo que não temos condições de avaliar. Ademais, sem perceber, podemos tentar aconselhar indiretamente, conforme a parte da Doutrina Espírita que trazemos para o caso, e aí mora um grande perigo.

Conforme nosso perfil, acabamos nos inclinando para um ou outro lado, e se não percebermos, isso será prejudicial ao andamento do diálogo.

Será sempre mais seguro levar o sujeito a falar dos seus sentimentos, em frases diretas, que deixem claro a sua inquietação. Dessa maneira estabelecemos o tema do atendimento.

Por exemplo, ao questionarmos a mulher sobre o que sente em relação ao casamento, estimulando-a a olhar para dentro de si, pode ter como resposta: “Eu amo meu marido. Quero ficar com ele, mas em alguns momentos eu me sinto exausta e parece que não vou conseguir”. Se assim for, não temos nada para falar de casamento ou de separação, pois o tema não é esse. O tema é “sentir-se enfraquecida”, e por isso, falaremos de como a Doutrina interpreta esse caso, de como se obtém forças, do poder da oração, do passe na Casa Espírita e do Evangelho no Lar para que se prepare melhor frente a esse desafio.

De outro modo, ao fazermos o enquadramento, a mulher poderá nos responder da seguinte forma: “Na verdade, eu quero me separar do meu marido porque eu não aguento mais. Ele me desrespeita e sempre que bebe pega no meu pescoço e diz que vai me matar. Eu não tenho dúvida que o melhor é me separar, mas tenho medo de ter que pagar em outra reencarnação porque eu o abandonei nessa”.

Vejamos que aqui o tema doutrinário é completamente diferente da primeira situação. Não temos que falar de fortalecimento, pois essa mulher já se decidiu por se separar e pode estar correndo risco de vida. O seu tema será casamento e separação. É provável que viva o ranço religioso do pecado ou do machismo, tão cultivado ao longo de nossa história religiosa.

Diante dessa circunstância, percebemos que se não fizermos esse enquadramento, questionando o que a pessoa pensa sobre sua própria situação, ou como se sente em meio ao que nos relata, não conseguiremos compreender sua condição e, conseqüentemente, oferecer o conteúdo

doutrinário que auxilie.

A queixa de muitas pessoas é a mesma – problema conjugal –, mas o tema pode ser completamente diferente. Portanto, para cada caso teremos uma interpretação doutrinária específica.

Vejam os outros exemplos muito comuns, de uma mãe que nos procura, haja vista que seu filho é homossexual. Ouvimos sua situação, narrando desde quando descobriu que ele era assim e como soube. Falou de todas as dificuldades que enfrentou, em especial da não aceitação pelo pai. Após acolhermos seu sofrimento, fazemos os enquadramentos necessários para trazer os aspectos doutrinários que contribuam para o estabelecimento do tema.

Já ouvimos pessoas abordarem a questão 693 de *O Livro dos Espíritos* para se posicionarem contrários à homossexualidade por parecer que essa orientação sexual é um costume que cria obstáculo à reprodução e, por isso, é uma prática contrária às Leis Divinas. Podemos usar desse argumento e dar a entender que o Espiritismo tem algo contra a homossexualidade e induzir aquela mãe a se opor à orientação sexual do seu filho. Ou refletir com a pergunta 695 de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec define casamento como “a união permanente de dois seres”, sem determinação de gênero, que não há ofensa à Lei Natural.

Não podemos conceber que a orientação dependa do atendente, afinal, todos estão no mesmo papel de representantes da Doutrina.

O que acontece, porém, é que mesmo nos atendo às referências espíritas, podemos induzir para uma direção ou sua oposição, e isso pode causar mais estragos do que imaginamos, por desconhecermos outras faces da problemática. Nesse caso, inquirimos: “Acredito que entendi um pouco da situação, pois você me descreveu como e quando descobriu isso, e a reação do pai. Mas o que desejo lhe perguntar é o que você está sentindo ou pensando a respeito disso tudo que me contou?”

Embora a problemática seja clara, disso podem surgir inúmeros temas. Ela pode nos dizer que na verdade não aceita a seu filho, que acha isso errado e gostaria de saber o que o Espiritismo pensa a respeito, e assim, teremos que esclarecer, segundo Joanna de Ângelis: “O fato de alguém

amar outrem do mesmo sexo não significa distúrbio ou desequilíbrio da personalidade, mas uma opção que merece respeito, podendo também ser considerada como certa predisposição fisiológica. Pode-se considerar como uma necessidade sexual diferente com objetivos experimentais no processo de evolução”.³⁶

Mas essa mãe pode dizer que aceita a orientação sexual do jovem. O problema é que não concorda com a forma como ele vive, com promiscuidade e sem respeito ao seu corpo, ao sair, beber e se exceder nas relações descomprometidas, colocando-se em risco. Neste caso precisaremos abordar a questão do papel dos pais frente à educação sexual. Contudo, se ela nos disser que ela lida bem com a homossexualidade do filho, mas teme por ele e por todo o preconceito que ele encontrará pela vida, o tema do atendimento não será a homossexualidade, nem a sexualidade e nem a educação, e sim, provações terrenas.

Por isso reforçamos a necessidade de averiguar o que a pessoa pensa e sente sobre sua queixa e o que espera de nós, para daí surgir o tema do atendimento. Enquanto não conseguirmos nos certificar, não há como eger, com segurança, qual aspecto doutrinário apresentarmos naquele atendimento.

Se ela falar de seu cônjuge, após concluir sua queixa, diremos gentilmente: “Você descreveu coisas do seu marido, mas como estamos aqui contigo, queremos saber como você se sente em relação a tudo isso, para saber como podemos ajudá-la”.

Pode ser que a senhora, com esta intervenção, consiga concluir: “O meu problema é que eu o amo, mesmo sendo assim e sabendo que ele me traiu muitas vezes, mas minha questão é que tenho dificuldade de perdoá-lo e queria que me ajudassem a lidar com esse sentimento”. Agora sim, ficou explícito o tema doutrinário: o perdão. Ninguém disse a ela que deveria se separar ou continuar com o marido que lhe desrespeitou tão gravemente. Ela conclui por si, por meio de nossas questões, e nesse sentido emerge o tema que abordaremos no passo seguinte.

Quanto à mãe que se queixa, desesperada, por causa da jovem envolvida com as drogas, pode ser que ela entenda que o problema é que não sabe

como agir com a filha, não tem força, tem medo que ela faça algo mais sério por estar lhe repreendendo. Nessa situação, precisaremos abordar o papel da educação dos pais e sugerir que procure ajuda especializada. Mas se ela, às vezes, pensa que seria bom que sua filha morresse, e se culpa por isso, e sente que jamais se perdoará caso ela morra, precisaremos abordar a questão da raiva, da culpa e do autoperdão.

Um sujeito que reconhece o problema como seu conseguirá terminar essa etapa abstendo-se das reclamações para dizer: “Meu problema é que eu não tenho paciência com ele”. Então, falaremos de paciência – esse é o tema doutrinário.

Naquele exemplo da mulher que engravidou do cunhado, já sabemos que não temos que interferir na decisão que vai tomar. Ao questionar o que sente ou pensa em relação à sua queixa, ela pode dizer que está pensando em abortar, e aí sim temos um tema específico. A Doutrina Espírita tem muitas orientações sobre o aborto e então, enfocaremos este tema.

Entretanto, se ela diz que o problema é que está tão aflita e mal com tudo isso e que às vezes pensa que o melhor seria o suicídio, o tema será completamente outro. Falaremos do suicídio, da vida após a morte e de que a eliminação do corpo não resolverá seu problema, pois terá que se confrontar com o ato equivocado aqui ou no futuro, e o suicídio seria um problema a mais.

Contudo, outra resposta ainda poderia ser que está completamente perdida e não sabe o que fazer. Pronto, aqui temos outro enquadramento e um tema muito diferente do aborto ou do suicídio, afinal, abordaremos as formas de nos orientarmos espiritualmente e informaremos que cada um de nós tem um mentor espiritual que é alguém muito mais evoluído que nós e que está à disposição para nos ajudar, desde que nos voltemos a ele. Falaremos de Deus e da busca ao Pai para conseguirmos encontrar as melhores alternativas para todas as situações.

Ainda que pareça constrangedor, precisamos levar o indivíduo a refletir sobre qual a relação dele com esse problema, como se sente e quais são as suas dificuldades diante da situação que relata.

Ao indagarmos: “E você, onde se encontra em meio a tudo isso?”, “O que

está sentindo frente a essa situação?” ou “O que você pensa sobre esse sofrimento?”, estimulamos o surgimento do tema e facilitaremos a condução do caso.

Somos acostumados a reclamar sempre, fazemos análises a respeito do comportamento dos outros e criamos a fantasia de que se as pessoas e seus problemas não estivessem ao nosso lado estaríamos em paz. Acreditamos que se o outro mudar, se ele não for do jeito que é, se não fizer aquilo que nos aflige, tudo ficará bem.

A mãe que está desesperada porque sua filha está namorando um rapaz de quem ela não gosta, acredita que se ela o largar, as coisas melhorarão. Mas isso não é totalmente verdade. Não podemos ser coniventes com tal comportamento. O fato de sua filha namorar aquela pessoa pode fazer com que a mãe contate seus sentimentos de posse, de domínio sobre a filha. Isso precisa ficar claro, pois o que conversaremos com essa mãe é sobre o relacionamento pais e filhos e a paternidade divina.

Talvez ela se culpe por não ter conversado sobre namorados com a filha, então nosso tema será culpa versus responsabilidade. No entanto, pode ser que ela tenha preconceito porque ele é de etnia diversa da sua e não contou isso no atendimento por saber-se equivocada, mas não aceita o namorado e arruma outras características negativas para nos convencer e justificar seu desejo de separação.

Quando conseguirmos chegar à questão do ciúme, ou da inveja, ou do preconceito, aí sim teremos o tema de um atendimento, e podemos, então, oferecer as orientações doutrinárias referentes a esse tema.

Para o pai que viveu a morte de um filho, há inúmeros temas decorrentes da mesma situação e cada um exigirá um esclarecimento doutrinário específico. Se ele acredita ter “perdido” seu filho, o tema é a vida após a morte e o esclarecimento de que o rebento vive e que haverá oportunidade de novos reencontros.

Outro pai pode viver a mesma situação, mas sua dor reside no arrependimento porque não disse ao filho que o amava e o quanto era grato a Deus pela sua presença. Nesse caso, o entendimento espiritual mostra-lhe que tudo que emanar de seu coração, verdadeiramente poderá

ser percebido pelo filho amado.

Certamente essa forma diferente de entender as relações entre encarnados e desencarnados é mais eficiente para lidar com seus sentimentos do que dizer “Não se culpe”! Mas também podemos receber um pai cujo filho faleceu e ele, mesmo acreditando em vida após a morte, atormenta-se por pensar que o menino está abandonado no plano espiritual. Para esse, precisaremos falar dos cuidados que Deus oferece, e quem sabe, relatar as descrições de André Luiz na obra *Entre a Terra e o Céu* e dos lugares reservados às crianças.

E ainda, para verificarmos a diversidade das fontes de sofrimento e a especificidades dos conhecimentos doutrinários, podemos receber um pai que entende sobre a vida após a morte, mas não aceita que Deus tenha feito isso com ele, ou que entende da continuidade da vida, mas não consegue se desapegar do filho amado.

Vejam que aqui, nos dois casos, não cabe falar de vida após a morte, mas de outra especificidade. No primeiro, o tema do atendimento será resignação, e no segundo, apego.

Para os casos das mães que vêm com a queixa do aborto, podemos encontrar inúmeros temas após o enquadramento. Uma dirá que pretende abortar porque não sabe que há vida intrauterina e sobre isso é que falaremos. Outra poderá crer que há vida durante a gestação, mas que tem muito medo do futuro e de não dar conta de cuidar de uma criança. Para essa mãe aflita, o tema será a fé. E para aquela que descobriu uma doença ainda no período intrauterino, precisaremos falar de planejamento reencarnatório e da inexistência do acaso para o Espiritismo.

Certamente existirão casos que, mesmo com muita habilidade e esforço, não se submeterão ao enquadramento, por não conseguirem enxergar seus sentimentos, fazer reflexões sobre suas queixas ou responsabilizarem a si mesmas.

No caso da mulher que se casou apenas por interesse financeiro e vê que está a um passo da separação porque sabe que o marido está lhe traindo com uma mulher mais nova, seu desejo é para dizermos como fazê-lo largar da amante. Nesse contexto, e frente a esses comportamentos, não haverá

pergunta que faça essa mulher analisar os seus sentimentos, pois sua única preocupação é a financeira. Então, aí talvez caiba falarmos da importância que damos aos bens materiais, a ponto de abandonarmos nossa dignidade. Embora ela possa se mostrar irredutível em seu apego, tentemos.

Nunca, em momento algum, por maior que sejam as resistências, deixaremos que a empatia, o zelo e a amorosidade se ausentem. Por mais árida nos pareça a problemática, por mais difícil e inconsciente que se apresente, sempre veremos a pessoa como alguém em estado de padecimento, carente de ajuda, de amparo e de amor.



INTERPRETAÇÃO DOCTRINÁRIA

Tudo que fizemos até aqui, na verdade, foi peneirar o discurso, reformular as queixas, para extrair disso o tema do atendimento. Agora, o nosso papel é analisar a parte do Espiritismo que vai ao encontro daquelas necessidades. E como fazer isso sem um sólido conhecimento doutrinário?

É preciso ter certa facilidade de transitar pelos conceitos espíritas, afinal não temos como nos preparar para cada caso. Diferentemente de um palestrante que estuda e delimita seu tema, ou de um coordenador que prepara seu estudo anteriormente, o atendente fraterno lida com infinitas possibilidades de problemáticas e temas.

Não há formas para dominar todos, nem devemos esperar ser *expert* em Doutrina Espírita para começar a trabalhar. Mas não podemos ser irresponsáveis a ponto de desleixar nos estudos sob essa justificativa.

Pensemos em alguém que, às vezes, usa roupas do sexo oposto, sente prazer com isso, mas não tem o desejo de mudança de sexo de forma permanente,³⁷ e quer saber o que o Espiritismo pensa disso. Ou consideremos alguém que ouve vozes e quer saber como é possível diferenciar o fenômeno patológico do quadro mediúnico. Poucos atendentes conseguirão manejar esses diálogos, e menor ainda será o número daqueles capazes de fazerem as referências doutrinárias sobre os temas.

Não há como ter conhecimento específico de todos os temas possíveis, isso é uma ilusão. Mas podemos bem conduzir a maioria dos atendimentos se tivermos bem consolidadas as bases doutrinárias.

Segundo as palavras de Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos* contém a Doutrina Espírita.³⁸ Então, se por um lado não temos como dominar todas as referências espíritas sérias, por outro, seria um risco entregar-se a tarefa sem a preocupação de ter conhecimento sólido da obra fundamental.

Após o lançamento de *O Livro dos Espíritos* o próprio Codificador foi o primeiro a elaborar seu desdobramento ou, poderíamos dizer, seu aprofundamento.

Para cada uma das partes, ele escreveu um novo livro. A primeira parte, intitulada “Causas Primeiras”, foi aprofundada em *A Gênese* (1868). A segunda, “Mundo Espiritual ou dos Espíritos”, foi fundamento para *O Livro dos Médiuns* (1861). *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864) foi consequência da terceira parte, denominada “Leis Morais”. Por fim, a última parte, “Esperanças e Consolações”, foi desenvolvida em *O Céu e o Inferno* (1865).

Essas cinco obras apresentam a Doutrina Espírita em seus diferentes aspectos, e os principais temas da conduta humana encontrarão orientações, direta ou indiretamente. As demais obras, artigos, pensamentos e reflexões espíritas que vieram depois, surgiram para nos permitir melhor compreensão dos ensinamentos ali contidos, mas a essência foi estabelecida por Allan Kardec.

Para o Atendimento Fraternal, dedicamos uma atenção especial ao *Livro dos Espíritos* e ao *Evangelho Segundo Espiritismo*, observando o quanto podemos extrair dali para fundamentar nossos diálogos, por constar as principais questões da conduta humana, suas dores e aflições. Então, conseguindo transitar por essas duas obras básicas, teremos a segurança necessária para conduzir, sem receio e sem engano, os casos que nos chegam.

O Livro dos Espíritos

Nada do que ali está pode ser desprezado, contudo, pretendemos reforçar alguns elementos dessa magnífica obra, por serem pontos muito utilizados em nossos atendimentos.

Primeiramente, reforçamos a importância das Leis Morais. Poderíamos

dizer que todos os dramas humanos, de forma específica ou não, estão contemplados. Portanto, essa terceira parte do livro merece contínuo estudo de todo atendente fraterno:

- Do capítulo I dessa terceira parte, ressaltamos a questão 621 que mostra que as Leis Divinas estão escritas na consciência do homem. Isso é fundamental para aqueles que nos procuram pedindo orientações particulares ou respostas para questões específicas. Afinal, essas orientações existem, mas provém da consciência do sujeito. Precisamos ter assinalado essa questão em nosso livro para quando surgir, podermos resgatá-la com facilidade, lendo com o atendido. Nossa orientação doutrinária gira em torno de lhe explicar que as respostas estão dentro dele, na sua consciência, e que ninguém deve ocupar esse lugar divino com sugestões ou orientações, se não o Deus que habita nele mesmo – é mais seguro. Frente à essas dúvidas, ainda podemos fazer uso das questões 629-631, que mostram a diferença do bem e do mal, para que consiga avaliar seu próprio comportamento;
- Na Lei de Adoração, temos o como orar (658), o caráter geral da prece: louvar, pedir e agradecer (659) e a prece como recurso para suportar as provas, ao invés de achar que deve pedir para Deus mudá-las (663) – demanda tão comum nos atendimentos. Fala ainda da oração pelos mortos e pelos espíritos sofredores (664);
- Da Lei de Trabalho, temos a noção da ocupação útil (675) frequente àqueles que se questionam sobre o não trabalho remunerado ou a aposentadoria (junto com a 685). Para os estressados, vemos a necessidade do repouso (682) e para os acomodados, as questões 675 e 678 são uma boa orientação;
- Na Lei de Reprodução vemos aspectos muito comuns de procura. Kardec questiona sobre a importância do casamento frente à poligamia que parece uma recusa à afeição dos seres (695-701). Deixa claro que a indissolubilidade do casamento “é uma lei humana muito contrária à lei Natural” (697); faz uma crítica ao celibato que tem sido eleito por algumas pessoas como se fosse sinônimo de evolução, sem perceber que só o é, quando tem como finalidade a dedicação mais inteiramente ao serviço da Humanidade (698-699) e ainda oferece subsídios para a

reflexão sobre a homossexualidade, quando define o casamento como “a união permanente de dois seres”, não restringindo-o ao homem e a mulher (695);

- Da Lei de Conservação temos duas importantes questões (707-708) que se somam ao que temos na quarta parte, por aqui, Kardec analisa a problemática da falta de meios de subsistência – o motivo de muitos pensarem em tirar a própria vida. Os espíritos explicam que essa situação é uma prova cruel para os que a sofrem, exigindo ardor, perseverança, constância, paciência e firmeza. Ainda nesse capítulo, as questões 722 até a 724 tratam da abstenção de certos alimentos, no que faz sentido, quando é vivido em benefício dos outros. E a questão 725 por tratar das mutilações operadas no corpo, que talvez possamos incluir as tatuagens e demais ações da atualidade, orientando os espíritos, dentro da mesma lógica das questões anteriores: verificar se há utilidade. Isso se constitui um grande convite para sairmos das posturas moralistas e impositivas, para verificarmos que para além das ações em si, devemos analisar as intenções, a utilidade, aquilo que move o sujeito, e se houver bem nisso e utilidade, isso será bom;
- O capítulo VI é da Lei de Destruição, donde ressaltamos o grande consolo que se encontra nas destruições de toda ordem, por sabermos que “é preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar” (728); nos flagelos e desgraças somos convidados a enxergar mais do que a simples dimensão material (737), e mais, reconhecendo que “um século do vosso mundo [material] é um relâmpago na eternidade” (738a). Certamente que isso não servirá para minimizarmos o sofrimento das pessoas que nos procuram, mas pode ser uma ótima consolação para aquele que sabe que precisa suportar sua condição. Na questão 740, novamente temos subsídio para lidar com a ideação suicida, ao compreender que os flagelos, como provações morais, são provas para exercitar nossa inteligência, paciência, resignação;
- A Lei de Sociedade nos traz a importância dos laços de família, reflexão útil para aqueles que não compreendem as dificuldades comuns da vivência no lar, que estão cansados de convivências ou de determinados desafios. A questão 775 diz que o abandono desses laços é recrudescência do egoísmo;

- Na Lei de Progresso temos a 780 para aquele que se culpa por já saber, mas ainda não conseguir viver, afinal, o progresso moral é consequência do intelectual “mas nem sempre o segue imediatamente”;
- Sobre a Lei de Igualdade temos muitas questões importantes, das quais ressaltamos a 804, sobre a diferença de aptidões para os que não entendem a justiça divina, como se o Pai ofertasse aptidões para uns e não para outros. Da mesma forma, explica sobre as desigualdades sociais (806-807), desigualdade de riqueza (808-816), desigualdade de direitos dos homens e das mulheres (817-822a), mostrando que tudo está perfeitamente organizado conforme nossas próprias escolhas anteriores e necessidades evolutivas;
- Depois, temos a Lei de Liberdade com importantíssimas questões para os que não compreendem o que seja o planejamento reencarnatório *versus* fatalidades e determinismos, confusão tão comum inclusive no meio espírita. Da questão 851 vemos o que são fatalidades da vida, o que nos cabe fazer, diferenciando também acontecimentos materiais e morais (859, 860 e 861). Explicam-nos que fatal é só o momento da morte (853) e que aquilo que já está posto não é uma ofensa ao nosso livre arbítrio, simplesmente não lembramos, mas escolhemos antes de reencarnar (859). Esse tema se une às questões 258 até 273 (escolhas das provas). Ainda, na questão 868 temos a revelação do futuro, como fenômeno raro e em casos excepcionais. E as questões 870 e 871 como convite para responsabilização pelas nossas escolhas;
- A última é a Lei de Justiça, Amor e Caridade. Temos a necessidade de viver em sociedade, e por isso, a obrigação de respeitar os direitos de seus semelhantes. Essa questão 877 é essencial para todos aqueles que trazem as dificuldades de relações, que no fundo revelam a própria dificuldade de compreender, tolerar e aceitar as pessoas como são. E essas colocações não servem apenas para o “próximo distante”, como também para os cônjuges, filhos, noras, sogras, etc... Na questão 886 encontramos o verdadeiro sentido da caridade, tão necessário ao nosso mundo, porque ultrapassa a concepção de doação para consagrar-se na benevolência, na indulgência e no perdão das ofensas. E ainda, as questões 888, 888a e 889 sobre esmola;
- No último capítulo dessa terceira parte, denominado de Perfeição

Moral, temos as questões 895 e 913 evidenciando o quanto nossos problemas estão centrados no interesse pessoal, no exclusivismo onde nos colocamos. Isso é essencial, não para falar a muitas pessoas, mas para compreender os indivíduos que chegam ao atendimento, pois na raiz de todos os vícios, segundo os espíritos, está o egoísmo. Da questão 907 até a 912 temos importantes colocações sobre as paixões, ou seja, sobre os impulsos que muitas vezes nos governam. São importantíssimas essas questões porque mostram que não é possível anular as paixões sem anular os potenciais da nossa alma. Elas precisam apenas ser melhor direcionadas, mas não são um problema em si. Há atendidos que vem em busca de uma fórmula mágica, que querem se tornar perfeitos, resolverem suas questões morais, livrar-se da sexualidade ou de outros tantos impulsos que dominam a todos nós, e a colocação dos espíritos a Kardec é “o abuso que delas se faz é que causa o mal.” Por fim, temos a questão 919 que é tão pouco compreendida no meio espírita. Ela nos fala do autodescobrimento como método de transformação moral, o que nos embasa para não darmos conselhos ou quereremos que as pessoas mudem de uma hora para outra. O meio prático mais eficaz para se transformar é o “conhece-te a ti mesmo”, ou seja, o caminho para encontrar as respostas é para dentro, e nesse sentido, nosso papel como atendentes é de estimular as pessoas a olharem para si mesmas, conhecendo esse mundo desabitado e nele encontrarem as respostas para suas questões essenciais. Ficamos com a sensação que ao bem compreendermos essa questão, muito da nossa postura no atendimento se modifica, porque saímos do lugar de quem vai direcionar, responder, dizer, para ser o farol que ilumina a consciência e lhe mostra a direção: para dentro. E por ser esse o trajeto, somente o indivíduo é capaz de fazer. Mas isso modificará a estrutura de nossos estudos e palestras, pois aprendemos a sair do conceito pelo conceito, para fazermos da casa espírita uma escola de educação moral, auxiliando as pessoas a se conhecerem, para se transformarem.

Ainda em *O Livro dos Espíritos*, comentamos as outras partes, dando ênfase a alguns aspectos:

- Da primeira parte, ressaltamos a questão 13, sobre os atributos de Deus, reconhecendo-O como onipotente e soberanamente justo e bom

– essencial para qualquer situação de dor, sofrimento ou dificuldade. Estamos imersos na Sua justiça e bondade, então tudo que nos ocorre tem por finalidade nossa evolução e crescimento, basta identificarmos como;

- Da segunda parte, a maior das quatro, questão 132, aprendemos que nenhum de nós está na Terra para desfrute, passeio ou divertimento. Somos espíritos comprometidos com o passado, reencarnados em meios às tribulações da vida com a finalidade de chegarmos à perfeição;
- No capítulo 3, temos os esclarecimentos sobre o retorno da vida corporal à vida espiritual que tanto acalmam, consolam e orientam aqueles que “perderam” um ente querido;
- No capítulo 4 – as questões 197 até 199 – as questões 203 até 214, obtemos as orientações para os pais que perderam seus filhos em tenra idade; as questões 203-214 são respostas às dúvidas frequentes de pais que veem diferenças tão marcantes na personalidade de seus filhos;
- Nas questões 258 e 259, constatamos a escolha das provas, o que pode dar novo ânimo para aqueles que as sofrem;
- Os temas gestação, aborto espontâneo e aborto provocado estão entre as questões 344 e 360;
- Com as perguntas 371 a 378, usufruímos de importantes explicações para os familiares de pessoas com transtornos e deficiências mentais;
- Para praticamente todos os casos em que há dúvidas, dificuldades de saber qual o melhor caminho, desorientação ou desesperança, sempre será importante reforçar a questão 495, que trata de maneira simples e profunda, da presença de nossos espíritos protetores a nos amparar;
- Da questão 525 até a 534, aprendemos como os espíritos influenciam em nossa vida e a lei de sintonia, fundamental não apenas para os casos de suspeita de mediunidade e obsessão, mas para todos que vivem momentos de instabilidades e são tomados por pensamentos negativos;
- Outrossim, na questão 557 verificamos a questão dos “trabalhos espirituais”, esclarecendo sobre a atuação de outras comunidades espiritualistas;

Da quarta parte, não podemos deixar de citar:

- Nas questões 920 e 922, que tratam da felicidade terrena;
- Questão 924, que aborda a situação do homem justo que é atingido por males e que deve se resignar;
- Questão 936, com a descrição dos sofrimentos gerados aos entes queridos que nos antecederam na partida por conta de nossos sentimentos desajustados;
- Das questões 937 a 938a, surgem as importantíssimas questões da ingratidão, nos revelando o quanto somos egoístas ou imediatistas;
- Imprescindíveis também são as questões sobre suicídio, entre a 943 e a 957;
- E, por fim, a questão 1000, que muito utilizamos para aqueles que reconhecendo seus erros, encontram-se arrependidos e precisam entender que a reparação, no sentido de fazer o bem, é a conclusão do processo de reajustamento com as Leis Divinas.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Como já dissemos, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é considerado pelo Movimento Espírita como o desdobramento da terceira parte de *O Livro dos Espíritos*.

Precisamos conseguir transitar com segurança por suas passagens, mas sem esquecer que essa magnífica obra é a interpretação que Kardec fez dos Evangelhos que se encontram no Novo Testamento. A essência dessa obra kardequiana é a mensagem de Jesus, escrita pelos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, além de Atos dos Apóstolos, Epístolas e até alguns textos do Velho Testamento, interpretados à luz da Doutrina Espírita. O primeiro título dado por Kardec ao livro era “Imitação do Evangelho”, que foi modificado após orientações do seu editor, o Sr. Didier e de outras pessoas.³⁹

O que o Codificador fez foi nos facilitar a interpretação dos textos evangélicos a partir dos pressupostos do Espiritismo, mas isso não quer dizer que ele venha a substituir nossa leitura e estudo do Novo Testamento.

Em vários momentos das descrições da vida no mundo espiritual, feitas por André Luiz, quando precisavam de um texto iluminativo, sempre

recorriam ao Novo Testamento, então, façamos o mesmo, e com isso, compreenderemos cada vez mais as palavras de Kardec.

É relevante saber que quando Kardec questionou os Espíritos Superiores sobre essa nova obra, eles lhe responderam: “*Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois explana questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. Fizeste bem enfrentando as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos*”.⁴⁰

Então, por ser esse grande farol para a conduta dos náufragos que somos e que atendemos, devemos nos debruçar sobre ele, dia após dia, para extrair as orientações para a vida. Assim como com o livro anterior, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é de suma importância, e dele faremos algumas especificações muito usadas por nós durante os atendimentos.

Se tivéssemos que escolher apenas uma pequena parte para realizar os atendimentos, escolheríamos, sem qualquer sombra de dúvida, os cinco capítulos em que são analisadas as bem-aventuranças.

Dizemos que todo atendente precisa ter intimidade com esses textos, pela sublimidade da mensagem de consolo e orientação moral a todos. Neles está praticamente um quinto de todo *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

O orador espírita Divaldo Pereira Franco comenta que Gandhi dissera certa vez: “Se a humanidade perdesse todos os seus livros sacros e restasse apenas o *Sermão da Montanha*, teríamos ficado bem”.

Destes, damos grande importância ao primeiro, ou seja, o capítulo V – *Bem-aventurados os aflitos*. Certamente, a partir dele poderemos conduzir a maioria dos casos. Não é por acaso que esse é o maior capítulo do livro. Ali temos a justiça das aflições, mostrando as causas atuais e as causas anteriores de nossos sofrimentos. Coloca-nos no papel de responsáveis pelos males que vivemos e nos mostra os motivos de resignação, somando a isso a calma, como os maiores antídotos contra a loucura e o suicídio. Por intermédio das *instruções dos Espíritos*, temos o entendimento do que é o bem e o mal sofrer, de como lidar com a perda de entes queridos, e em

especial, quando se tratam das mortes prematuras e até da eutanásia.

Sugerimos o exercício de estudar esse capítulo com cuidado, identificando os itens que cabem para esses temas específicos e marcando de tal forma, que ao surgir a situação no fraterno, possa ser rapidamente achadas as questões. Por ser o aspecto central do fraterno, devemos ler e reler, analisando com detalhes e pensando em situações que cabem para cada parte específica, pois sem sombra de dúvidas, ele será muito importante. Esse mesmo exercício sugerimos para os outros quatro capítulos das bem-aventuranças, debruçando-se sobre eles e refletindo em que tipos de temas doutrinários e casos caberiam.

Em *Bem-aventurados os pobres de espírito*, temos a grande questão do orgulho e da humildade, desvelando nossa pretensão à superioridade e os males disso decorrentes. Coloca em xeque o grande valor que atribuímos à riqueza, aos títulos, à glória e a nobreza do nascimento. Também aborda a questão da riqueza, do emprego dos bens terrenos e da missão do homem inteligente na Terra: o uso da faculdade para o bem de todos.

No capítulo VIII, Kardec, em *Bem-aventurados os que têm puro o coração*, interpreta a questão da pureza, trazendo-a inseparavelmente da simplicidade e da humildade. Temos ali a comparação com a singeleza das crianças, o escândalo e reforça a questão dos sofrimentos como apoio para não sermos conduzidos à falência da alma.

Em *Bem-aventurados os brandos e pacíficos*, trouxe à baila a raiva, a impaciência, as exigências de que o mundo funcione do nosso jeito e no nosso tempo, sem compreendermos que Deus está no comando. Por isso, conclama-nos à retidão moral por meio do belíssimo texto “Obediência e resignação”, tão necessário quando bem compreendido. Dizemos isso porque o Espiritismo não é uma doutrina de submissão e assujeitamento. Por isso, é preciso cautela para usá-lo, percebendo que Lázaro trata de um consentimento do coração e da razão, e não de uma imposição, nem uma negação do sentimento e da vontade. Fala-nos das injúrias, da violência, da afabilidade e da doçura.

Finalmente, desses cinco capítulos, temos *Bem-aventurados os misericordiosos*, trazendo à tona o perdão, a reconciliação com os

adversários e a comparação do argueiro e da trave, que é profundamente terapêutica. Ainda se fala do não julgamento, da indulgência e do perdão das ofensas, em mensagens profundas e significativas para o momento atual, trazidas pelos Espíritos Superiores.

A interpretação das *bem-aventuranças* à luz da Doutrina Espírita é uma das grandes preciosidades que Kardec nos ofereceu, e merece toda a nossa dedicação.

O Evangelho, assim como as demais obras de Kardec, não são textos para serem lidos uma vez, ou aleatoriamente. Merecem estudo, análise dedicada, releituras cuidadosas, dando tempo necessário para a reflexão pessoal sobre o que foi lido, permitindo que aquelas sublimes palavras penetrem nossa alma, e possam assim irradiar por nossas colocações no atendimento fraterno.

O *Evangelho Segundo o Espiritismo* é rico de orientações sobre a conduta humana, mas nessa busca por especificidade para o atendimento, além dos capítulos citados, que devem ser nossa prioridade. Ainda ressaltamos outros itens fundamentais:

- O capítulo 3, *Há muitas moradas na casa do Pai*, itens 6 e 7, orientam todos os que não compreendem por que o mal anda solto na Terra. Também nos faz reconhecer como espíritos inferiores que ainda somos – um grande exercício de humildade para todos nós. Usamos muito esse texto para trabalhar a culpa que é tema deveras comum nos atendimentos. Ela decorre da exigência descabida que o sujeito faz de si mesmo, como se fosse um espírito beirando à perfeição, e não pudesse errar. Nesse texto Allan Kardec nos lembra que estamos na Terra e que esta é uma morada de espíritos ainda imaturos, onde predomina o mal, comparando-a a um presídio, hospital, subúrbio ou sítio malsão. Isso não quer dizer conivência com os erros ou aceitação irrestrita do mal, mas a compreensão madura de que não somos aquilo que idealizamos ser, mas Deus nos ama apesar do que somos, e nós também precisamos aprender a nos amar nesse mesmo sentido;
- No meio das *Bem-aventuranças* temos o capítulo VI, *O Cristo consolador*, com páginas essenciais para todos os que sofrem, mas as consideramos necessárias para os trabalhadores espíritas, ou seja,

aqueles que já conhecem a mensagem do Mestre, mas encontram-se em certas aflições pelas provações do mundo. Ressaltamos o último item, quando o Espírito de Verdade nos conclama ao devotamento e a abnegação, para cumprirmos com os deveres e asserenarmos a alma.

- O perdão das ofensas é abordado no item 14, do capítulo *Amar ao próximo como a si mesmo*, e *Caridade para com os criminosos*, e também capítulo 12, que é exclusivo sobre *Amor aos inimigos*, donde ressaltamos o item 9 – *A vingança*;
- O capítulo 13, *Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita*, é perfeito para aqueles que se queixam da solidão, vitimizandose e alegando nada ter para contribuir por um mundo melhor, como se fosse possível receber sem nada dar;
- As relações familiares são repensadas no capítulo seguinte: *Honrai a vosso pai e a vossa mãe*, donde assinalamos o item 8 que se refere à parentela corporal e espiritual, explicando o motivo de nos sentirmos completamente estranhos ou afastados em determinado núcleo familiar; o item 9 é um verdadeiro tratado oferecido por Santo Agostinho, sobre ingratidão dos filhos, tirando os pais de um lugar confortável de vítimas para enxergarmos as construções anteriores que realizamos até aqui e que culminam com isso que chamamos de ingratidão. Podemos olhá-lo, unindo-o às reflexões do capítulo anterior que oferece um item *benefícios pagos com a ingratidão* e com o próprio *O Livro dos Espíritos* que já nos trouxe o tema, lembra onde?;
- O capítulo 15, *Fora da caridade não há salvação* é orientação específica para todos que vivem o drama do vazio existencial, da falta de sentido da vida, da busca pelo que não se sabe direito o que. Serve diretamente para todos que vivem os dramas da compulsão, na tentativa de preenchimento interior por meio de subterfúgios como álcool, drogas, alimentação, sexo desregrado, compras, poder, etc.;
- Mesmo pouco frequente, o capítulo *Não se pode servir a Deus e a Mamom* oferece entendimento sobre riqueza e miséria, donde ressaltamos o item 7, escrito por Kardec sobre a riqueza como uma prova muito arriscada, e o item 13, ditado por Fénelon, sobre o bom e o mau uso da riqueza. Em todos esses anos, atendemos apenas uma

pessoa que nos procurou na instituição espírita, em crise pelo uso das suas riquezas. Mas mesmo que não seja tão presente nos temas dos atendimentos, esse importante texto fala muito do próprio voluntário, afinal, quantas riquezas temos, e não sabemos bem utilizar. Ficamos com a sensação que ricos são aqueles que têm imensas fortunas, sem perceber que todos que temos além do necessário, em termos materiais e espirituais, deveríamos nos dar ao prazer de compartilhar;

- No capítulo *Sede Perfeitos*, embora tenha um chamado muito grande para todos nós trabalhadores, identificamos para o atendimento o item *Cuidar do corpo e do espírito*, deixando claro que o Espiritismo, por compreender a dependência mútua entre corpo e alma, afirma que é importante cuidar de ambos;
- Embora os demais sejam importantes, não podemos passar pelo capítulo 19, da *Fé que transporta montanhas*, sem referenciar os itens 1 a 5, que tratam do poder da fé;
- No capítulo 22, temos a *indissolubilidade do casamento* e a declaração de que o Espiritismo não é contra a separação, como outras religiões;

Por fim, ressaltamos os capítulos 25 e 27, que falam da esperança e do esforço que devemos fazer para as conquistas morais que almejamos. No primeiro, *Buscai e achareis*, lemos os itens 1 a 5, sobre *Ajuda-te e o céu te ajudará*, que serve como orientação para todas as situações difíceis da vida; e no segundo, *Pedi e obtereis*, também útil na maioria dos casos, temos a questão da prece, do que devemos ou não pedir, de como pedir, a maneira de orar e a felicidade que a prece pode proporcionar.

O uso das referências no atendimento

Como já dissemos, se não tivéssemos conhecimento de outras fontes doutrinárias e segurança apenas em relação ao que se encontra escrito nessas duas obras básicas citadas, certamente, estaríamos bem fundamentados, doutrinariamente falando.

A orientação é que cada atendente tenha e leve para o atendimento o seu *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, por ali se encontrarem suas próprias marcações e anotações para melhor conduzir os

casos.

Quando sabemos encontrar nas duas obras as respostas para os temas que surgem preferimos abrir e ler com o atendido, interpretando juntos. Agimos com naturalidade, obviamente desviando da postura de professores ou oradores, ensinando, por meio do diálogo fraterno, àquele que está aflito e recorre à Doutrina Espírita.

Essa postura traz grandes benefícios e o principal deles é mostrar à pessoa que as respostas para suas questões não vêm do atendente, e sim das obras doutrinárias. Isso o estimula a ler as obras fundamentais. Dessa forma, evitamos a “adoração” ao atendente como se fosse um oráculo,⁴¹ e neutralizamos a dependência ao fazê-lo reconhecer que somos apenas instrumentos, levando-o ao encontro da Doutrina Espírita.

Ensinar os atendidos a lerem suas vidas a partir de Kardec é a grande meta de nossa instituição, por isso não poderia ser diferente em se tratando do diálogo fraterno. Mas para isso o atendente precisa conseguir transitar com segurança por esses textos, para que frente a determinado tema, consiga achar-se e oferecer o roteiro seguro. Dizemos que é preciso ter intimidade com Kardec, para que dessa forma, ele possa ser bem apresentado àqueles que o procuram indiretamente.

Referências complementares

Após a Codificação, algumas obras, pela sua excelência doutrinária, foram denominadas de complementares.

Reforçamos que, quanto às referências para conduzir cada caso, em primeiro lugar sempre nos reportamos a Kardec, que é o essencial. Depois, se necessário, aos complementos. Nesse sentido, referir-se a determinado autor complementar em detrimento da Codificação é uma incongruência teórica.

Ao observarmos a imensidade de obras que hoje se encontram disponíveis no mercado editorial espírita muito nos chama a atenção a postura de alguns atendentes que se preocupam em “estar atualizados”, lendo as “novidades”, quando desconhecem o essencial ou o conhecem superficialmente.

Estar atualizado e seguro para o atendimento é estar, acima de tudo, em consonância com o pensamento kardequiano.

É claro que podemos buscar outras referências, mas além de considerá-las complementares, há que se ter muito critério para estabelecer as melhores e mais confiáveis. Devem ser discutidas e analisadas nas equipes de atendimento, avaliadas e debatidas no Movimento Organizado, para que não coloquemos em risco a pureza doutrinária, principalmente por se tratar geralmente de um público fragilizado emocionalmente.

Depois da Codificação, nessa hierarquia, temos grandes autores encarnados e desencarnados que trabalham no desdobramento dos postulados, aprofundando o olhar, exemplificando os conceitos e desdobrando entendimentos, como é o caso dos espíritos Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângelis, Manoel Philomeno de Miranda, Camilo, entre outros nobres colaboradores.

Os autores encarnados têm o papel de proporcionar um diálogo entre as obras ditadas por estes espíritos, conciliando com abordagens científicas que as complementem e facilitem a compreensão, especialmente no tocante a temas complexos.

Para leitores interessados no aprofundamento de seus estudos oferecemos uma lista de referências disponível no site www.secre.com.br/arquivos, e em breve pretendemos deixar como um *vade mécum on-line*, para que os diferentes termos que necessitam de estudos, sejam consultados encontrando as principais referências.

Fazemos esse esforço por saber que nem todos os atendentes fraternos sabem que temos importantes referências sobre homossexualidade no livro *Vida e Sexo* de Emmanuel, mas também na obra *Encontro com a Paz e a Saúde*, de Joanna de Ângelis. Ou quando falamos em depressão, são poucos os que conhecem as referências doutrinárias seguras sobre o tema, e menos ainda quando se fala de transtornos alimentares.

Sendo um arquivo *on-line*, poderemos cada vez mais ampliar as referências, contudo, sempre restringindo-o aos autores já consagrados na Doutrina Espírita, que constituem essas obras subsidiárias.

É uma planilha em constante atualização, com inúmeros temas que nos

chegam ao Atendimento Fraternal. Pode servir de guia de estudos pessoais ou para as equipes que desejarem se aprofundar em determinadas temáticas.



ENCAMINHAMENTOS

Esta é a última etapa do atendimento. Acolhemos, ouvimos as queixas da pessoa, estabelecemos um foco e o vinculamos ao problema, extraindo daí o tema a ser abordado. Trouxemos os esclarecimentos doutrinários sobre o assunto e agora precisamos falar das recomendações que o Espiritismo oferece.

Reforçamos que são recomendações doutrinárias, e não sugestões do que a pessoa deve ou não fazer, visto que seriam opiniões pessoais do atendente, noutras palavras, sua interpretação do caso. Não há espaço para tal conduta nesse formato de atendimento. Cabe apenas falar daquilo que o Espiritismo julga importante para todas as pessoas que buscam o equilíbrio.

O momento é de falar da terapêutica que a Doutrina estimula, tanto naquilo que oferece diretamente, como no que precisa buscar fora da instituição, que se faz necessário.

Para uma melhor compreensão, preferimos dividir em dois itens: encaminhamentos doutrinários e encaminhamentos especializados.

Encaminhamentos doutrinários

Nesse momento, nossa tarefa é falar da terapêutica espírita e de tudo que a instituição oferece para auxiliar no caso. Cada Casa tem seus próprios recursos, por isso, todos os atendentes precisam estar a par do funcionamento das atividades fazendo recomendações adequadas. É necessário ter noção sobre o funcionamento dos tratamentos oferecidos e demais atividades abertas ao público. Não há necessidade que o atendente frequente todas elas para recomendá-las, mas pelo menos já tenha

participado de algumas, entendendo os procedimentos para poder orientar com mais segurança e eficiência. Conhecendo as atividades, poderá falar com propriedade, estimulando a pessoa a retornar.

Podemos apenas listar as atividades recomendadas, ou encantar o visitante falando da beleza e importância que cada uma tem. Não cabe ao atendente apenas dizer que ele deve participar da *fluidoterapia*. É preciso explicar como essa atividade pode ser útil e benéfica ao seu processo, recebendo o passe semanalmente, porque é onde ocorre uma grande troca de energias, recompondo não apenas o corpo físico, mas também emocional e espiritualmente.

Quando falamos em grupo de estudos, o que será que as pessoas entendem? Podem relacionar com experiências escolares negativas, dos métodos conteudistas, em que precisavam sentar-se em carteiras, enfileiradas, e depois submeterem-se às provas. Portanto, esclarecemos que nos nossos grupos de estudos criamos um ambiente aconchegante, de reflexão em conjunto, com proximidade e confiança, uns nos outros, estabelecendo vínculos de aprendizagem e de fraternidade.

O Evangelho no Lar, da mesma forma, pode ser mostrado como uma obrigação penosa, ou como um momento sublime de comunhão com Jesus em nossa residência. Falamos do momento de paz que se constrói, capaz de beneficiar até a vizinhança, quando realizado com fé e comprometimento.

Em geral, os encaminhamentos doutrinários são os mesmos, com poucas diferenças entre instituições. Todos recomendamos a frequência à exposição evangélica, a fluidoterapia, os grupos de estudo e o Evangelho no Lar.

A intenção é de que nesse momento transmitamos o convite com segurança e certeza de que são boas alternativas para auxiliar a pessoa aflita, tocando-lhe o coração e motivando-a a aproveitar todos os recursos que o Espiritismo proporciona gratuitamente.

Encaminhamentos especializados

Após fazermos os encaminhamentos doutrinários, na maioria dos casos, ainda nos cabe fazer encaminhamentos especializados.

Pensemos em alguém que chegou à Casa Espírita dizendo que sofre de

graves dores de cabeça. Acolhemos, ouvimos, ofereceremos a terapêutica espírita, mas jamais deixaremos de recomendar que procure um especialista, no caso, um neurologista, para fazer uma avaliação.

Conforme Manoel Philomeno de Miranda já nos orientou na bela mensagem aqui publicada, *“mesmo diante da reclamação de que a mesma não tem dado os resultados desejados, estimulá-los a prosseguir ou mesmo, se for o caso, procurar outro facultativo”*.

Podemos assim sugerir que procure outro profissional da mesma área, e no caso de dúvida sobre qual especialidade indicar, que procure um clínico geral para que faça o encaminhamento adequado.

Se por acaso temos conhecimento da situação, podemos fazer recomendações específicas, como o caso da jovem que arrancava os cabelos e os ingeria, e sua mãe havia levado ao dermatologista, não obtendo resultados positivos porque o ato de arrancar cabelos seguido de sensação de alívio ou satisfação é um transtorno mental chamado tricotilomania e precisa de acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico.

Mas esse elemento é bastante delicado e, por isso, Miranda recomenda *“jamais sugerir terapias fora daquelas recomendadas pela Doutrina Espírita”*. O mundo oferece propostas diversificadas, modismos, salvaçãoes. Logo, não nos arriscamos com elas, atendo-nos àquilo que já é conhecido e recomendado pelos espíritos nobres.

Vejamos suas palavras: *“O Espiritismo não vem combater nenhuma ciência, especialmente a médica, antes contribui em favor de resultados mais amplos, por demonstrar que o Espírito é o ser do qual procedem todas as manifestações existenciais. Essa união das duas doutrinas – a médica e a espírita – é de fundamental significado para o bem-estar da criatura humana e, por extensão, da sociedade”*. Isso nos faz dissuadir da ideia de que Doutrina Espírita tem solução para todos os problemas. Não podemos alimentar essa fantasia no atendido.

Sempre falaremos da terapêutica espírita porque temos a certeza de que pode auxiliar em todos os casos, mas sem deixar de sugerir o acompanhamento especializado quando se mostrarem necessários.

Sabemos que no passe espírita, por exemplo, muitas pessoas tratam de

problemas físicos. Já vimos inúmeros casos, e também referenciamos as obras de André Luiz. Contudo, seria grave equívoco deixar de orientar àquela pessoa para procurar a terapêutica terrena.

Ainda há que se refletir: sugerimos a especialidade, e não o especialista.

Ao lermos a mensagem de Miranda superficialmente, ficamos um pouco confusos com a questão das indicações. Ao questionarmos Divaldo, ele reforçou que jamais “orientemos a busca de profissionais específicos”, afinal a Casa Espírita não pode fazer uma aliança com esse ou aquele profissional, responsabilizando-se por sua conduta ou vinculando seu trabalho ao dele.

Ao refletir mais detidamente percebemos dois aspectos: o primeiro é que aquela pessoa pode ser ótima no Centro Espírita, muito querida, adequada e valorosa. Mas como podemos avaliar sua prática profissional para recomendá-la em nome da nossa instituição? Segundo, mesmo que tivéssemos como avaliar sua conduta profissional hoje, quem garante que amanhã ou depois essa pessoa manter-se-á da mesma forma, com o mesmo equilíbrio, ou poderá deslizar pelos caminhos equivocados da vida?

Então como ficará o Centro Espírita que vinculou seu nome àquele profissional?

Por isso, sempre será melhor zelar pela instituição, sem desejar, por imaturidade, facilitar tanto para os atendidos. Recomendamos que procurem as terapêuticas que parecem mais adequadas, sem nos comprometermos com elas.

Psicologia e Psiquiatria

Não temos que ser conhecedores de todas as áreas para sabermos exatamente qual especialista indicar, mas à medida que ganhamos um pouco mais de experiência e nos debruçamos sobre alguns temas, acabamos nos orientando melhor quanto às medidas necessárias. Em especial, precisamos aprender um pouco mais sobre a Psicologia e a Psiquiatria, devido à demanda crescente em nossas instituições.

Primeiramente precisamos saber que todo problema emocional ou de conduta que se arrasta ao longo do tempo necessita de acompanhamento dos profissionais da saúde mental. São problemas com filhos, dificuldades

no trabalho, solidão, sexualidade, agressividade, etc. Não oferecemos esse tipo de atendimento no Centro Espírita, e por isso, sugerimos que procure tal ou tal especialidade.

Talvez a dificuldade esteja em querer diferenciar quando encaminhar para um psiquiatra ou para um psicólogo.

Mesmo sem haver uma definição clara e absoluta, concluímos que as pessoas que precisam de psicoterapia vivem um sofrimento que se justifica, como se disséssemos que há uma razão de existir.

Na psiquiatria esse fato também pode ocorrer, mas com grande desproporcionalidade na reação, e, às vezes, sem justificativa. Em outras palavras, dizemos que é importante procurar um psiquiatra para que faça uma avaliação caso o indivíduo apresente comportamentos e/ou sentimentos que não sejam habituais, fugindo ao seu controle, com alterações de hábitos que não tenham uma causa perceptível e que gerem grandes prejuízos ao seu cotidiano.

Mas não temos tanta responsabilidade. Ao indicarmos a psiquiatria e a psicoterapia se fizer necessária, o próprio psiquiatra fará o encaminhamento, e isso também ocorrerá com o psicólogo que encaminhamos, caso se faça necessário o acompanhamento medicamentoso.

Ressaltamos que, embora as atividades da instituição espírita tenham caráter terapêutico, essa intervenção não substitui a psicoterapia. Quando estudamos os livros com viés psicológico, em especial os de Joanna de Ângelis, não há qualquer pretensão de sobrepor-se ao trabalho dos profissionais da Psicologia. Suas abordagens, objetivos, métodos e resultados são diferentes, embora, convergentes.

Então, na dúvida, não deixemos de sugerir que procurem os especialistas da Saúde Mental, tendo em vista que certamente estes acrescentarão ao trabalho realizado em nossa Casa Espírita. Frisamos que o atendente deve apenas sugerir a busca destas especialidades, jamais indicar determinados profissionais.

Encaminhamentos doutrinários especializados

O Espiritismo é um corpo doutrinário extremamente rico. Oferece-nos elementos teóricos para compreendermos a vida por um ângulo diferenciado. Por meio dos conceitos de imortalidade da alma, reencarnação, perispírito, mediunidade, obsessão, entre tantos outros, entendemos as problemáticas humanas por outra ótica e, com isso, damos aplicabilidade ao Espiritismo em infinitos ramos da condição humana.

A dependência química, o relacionamento conjugal, a educação de filhos, o suicídio, todos eles podem ser analisados de maneira diferenciada e mais profunda, por agregar à perspectiva materialista, os fatores transpessoais.

No Movimento Espírita nacional parece que consolidamos formas de atender àqueles que procuram nossas instituições em busca de estudo e desenvolvimento intelectual. Desenvolvemos recursos pedagógicos e estabelecemos currículos que facilitam o estudo dos que almejam compreender o que é o Espiritismo. Empenhamo-nos em ensiná-lo para diferentes grupos, o que já é um grande passo, atendendo desde a criança, até o adulto.

Ocorre que ainda temos poucas ações enfocando a aplicabilidade direta para situações específicas, ou seja, para as pessoas que nos procuram devido ao seu estado de sofrimento. Elas não vêm à Casa Espírita porque desejam estudar, nem estão curiosas por entender a Doutrina. Buscam recursos para lidar com seus problemas.

Sabemos que o Espiritismo pode ajudá-las, por tudo que os espíritos já nos ofereceram em termos de conhecimento, mas ainda não sabemos como dar concretude a todo esse arsenal teórico, de modo prático e efetivo.

Temos ainda grandes desafios pela frente, porque o elemento que tem o maior potencial transformador sem dúvida alguma é o estudo do Espiritismo, e esse, ao lado da evangelização de jovens, são duas grandes dificuldades que temos na atualidade. A maior parte do movimento espírita não está concentrada nos grupos de estudo, e sim, nas palestras públicas, que embora tenham seu valor, não consolidam conhecimentos doutrinários transformadores.

A nossa discussão não é teórica, e sim, metodológica. Jamais abriremos

mão de Kardec e dos fundamentos do Espiritismo. O desafio que se coloca ao Centro Espírita é de como recebermos melhor e mais pessoas em nossos estudos, e como mantê-las, evitando o número surpreendente de evasão de mais de 50% dos participantes no primeiro ano.

Precisamos falar de educação moral, de transformações profundas, porque a educação intelectual já foi deveras criticada pelo próprio Kardec, muito antes de conhecer o Espiritismo, convidando-nos a revisão dos métodos de ensino, que infelizmente ainda hoje são repetidos nas nossas instituições, justamente para falar de Doutrina Espírita.

As principais universidades do mundo já deram significativos passos nesse sentido, e há cursos, como o de Medicina, que não podem mais abrir pautados nos métodos convencionais de ensino. Falamos hoje de metodologias para aprendizagem ativa, aprendizagens baseadas na resolução de problemas, aprendizagem baseada em projetos, porque descobrimos que as exposições teóricas desconectadas da vida e das necessidades dos sujeitos, pouco resultado alcançam.

Continuamos estudando Kardec, mas debatendo com mais clareza porque ensinamos desse jeito e não de outro, questionando qual a fundamentação pedagógica para fazer isso e melhor alcançar nossos objetivos.

Vejam o exemplo da dependência química. Quando uma mãe procura um Centro Espírita devido à problemática de seu filho que está envolvido em drogas, essa pessoa não está preocupada em aprender os fundamentos do Espiritismo. Ela quer que lhe ajudem a lidar com aquela situação que lhe traz tanto sofrimento e que não sabe o que fazer.

É claro que o Espiritismo pode lhe ajudar, afinal temos inúmeras orientações provindas do alto e que podem fazer diferença na vida daquela família. As referências doutrinárias sérias têm se multiplicado nessa área. Mas já identificamos que se essa mãe tiver que frequentar um grupo de estudos que está abordando o contexto histórico do século XIX, os fenômenos mediúnicos que antecederam a Codificação, ou o Fluido Cósmico Universal e os elementos gerais do Universo, ela não permanecerá no grupo, ou se permanecer, atrapalhará o andamento dos estudos. É

provável que o deixe e isso ocorre comumente, não porque são ruins, porque os temas não são interessantes ou porque o coordenador não seja bom, mas pelo simples fato de que não atende sua demanda imediata.

Para o indivíduo que nos procurou, desejando compreender o Espiritismo como um programa que estabeleça essa linha de raciocínio, atenderá perfeitamente seus interesses, mas para aquela pessoa que traz outra demanda, esse modelo de estudo, naquele momento, não lhe é útil.

Ao viajar pelo Brasil, em tarefas doutrinárias, ouvimos falar de muitas ações especializadas na Casa Espírita, visando atender essas demandas imediatas, acolhendo como verdadeiros cristãos os aflitos. Mesmo que espalhados pelo país, hoje temos pessoas dedicando-se à questão da dependência química, dos relacionamentos conjugais, do suicídio, da velhice, da educação de filhos, do luto, entre tantos outros.

O Atendimento Fraternal foi, sem dúvida, uma alternativa acertada no sentido da humanização, oferecendo espaço diferenciado para aqueles que chegam em estado de aflição. Conseguimos fazer, à medida do possível, um bom atendimento. Contudo, no momento dos encaminhamentos doutrinários, somos obrigados a reconhecer que nossos recursos terapêuticos ainda são escassos frente a tamanho sofrimento e desequilíbrio.

Sabemos do grande risco que esse tipo de ação oferece, enfim cada tema específico exige grande preparo para formar uma equipe de trabalho, e a condução desses grupos de estudo é sempre mais complexa. O principal desafio é que não são, nem poderia ser, grupos terapêuticos ou grupos de apoio. A finalidade da casa espírita está relacionada ao estudo e promoção da Doutrina Espírita. Então, estamos tratando de grupos de estudos, porém com métodos que favoreçam as pessoas se apropriarem de Kardec em suas vidas, de modo cada vez mais efetivo, transformando-se moralmente.

As novas metodologias nos ensinam a colocar o sujeito no centro da aprendizagem, com suas necessidades, e os conteúdos doutrinários vêm na medida de suas necessidades e interesses, porque já compreendemos que se eles não estiverem conectados à sua vida, ela pouco ou nada aprenderá. São estudos doutrinários, como todos que a casa oferece, mas enxergando o desafio de auxiliar aquele que não nos procurou para conhecer o

Espiritismo, e sim, para lidar com seus dramas pessoais.

Não temos respostas prontas, nem alternativas exatas. Por isso aqui deixamos o convite para estudarmos a ciência pedagógica, como nos ensinou Kardec, elaborando métodos cada vez mais efetivos para alcançarmos os objetivos da nossa instituição.

Então, com essas inquietações, concluimos as etapas de atendimento, num processo que começa na porta da instituição, ainda quando a pessoa não chegou ao Diálogo Fraternal propriamente dito, e termina estendendo-se às demais atividades do Centro Espírita, numa atuação que precisa ser sistêmica para que seja eficiente.



4ª PARTE

OUTRAS QUESTÕES IMPORTANTES

Marta distraíra-se em torno de muito serviço. Colocando-se perto, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir sozinha? Dize-lhe, pois, que me ajude. Em resposta, o Senhor lhe disse: Marta, Marta, inquieta-te e te agitas a respeito de muitas coisas. Porém é necessário uma. Assim, Maria escolheu a boa parte, que não será tirada dela.

Lucas 10: 38-42

Não poderíamos concluir o livro sem abordarmos algumas questões práticas da organização da tarefa, que por isso mesmo são polêmicas. Apresentamos aqui certos pontos de vista, despidos do desejo de oferecer a última palavra sobre o assunto.

Compartilhamos alguns pensamentos que agreguem conhecimento, e questionamentos que permitam a cada um chegar às suas conclusões. Para tanto, abordaremos a questão do atendimento em duplas, bem como da duração, da continuidade, da formação dos colaboradores e o atendimento individual.

ATENDIMENTO EM DUPLA

Sabemos que a questão do atendimento em dupla é polêmica. Embora não haja uma resposta simples, acreditamos que o melhor seja evitar o atendimento individual, por alguns motivos que listamos.

Em algumas instituições isso é uma norma – o que nos parece mais seguro para a pessoa, para o atendente e, principalmente, para a instituição.

O atendimento em dupla proporciona benefícios significativos, dos quais ressaltamos: a troca de impressões, o apoio em casos complexos, o suporte frente às problemáticas pessoais, a chance de melhores interpretações doutrinárias e o estágio para novos atendentes.

Mas além desses benefícios, existe uma questão legal da qual as instituições devem se precaver. Quando temos apenas atendido e atendente na sala, o sujeito e a instituição se colocam em risco, por desconhecer quem virá para o atendimento, qual seu nível de perturbação mental e quais suas intenções. No caso de uma denúncia, será a palavra do acusado contra a do acusador. Porém, quando estamos em dois atendentes, temos ali uma testemunha – o que muitas vezes é capaz de inibir as intenções perversas de encarnados ou desencarnados.

Não só isso, mas a questão legal também pode ser precavida pelas más intenções ou perturbações dos próprios atendentes, como vimos no caso da obra “Perturbações espirituais”. Embora fosse um trabalhador conceituado da instituição, envolvido em influências negativas, acabou por cometer grave equívoco aproveitando-se da fragilidade da pessoa em atendimento.

Então, além das questões pedagógicas e doutrinárias, temos que as

instituições devem assegurar o atendimento em dupla por uma questão legal.

A troca de impressões é fundamental. Em certos momentos podemos achar que o atendimento foi satisfatório, e pode ter sido, só para nós, e não para a pessoa. Mesmo sem intenções, podemos agir tendenciosamente, sem ética, aconselhando ou dando interpretações pessoais da Doutrina. Quando atendemos em dupla, há possibilidade de trocarmos impressões e avaliarmos o trabalho por outro ângulo, permitindo o aprendizado e o crescimento, desde que a dupla consiga se avaliar com transparência e respeito, por meio de críticas construtivas e necessárias. Talvez por isso muitos não queiram fazer atendimentos em duplas, provavelmente pelo medo do julgamento ou de serem avaliados – mas isso é necessário.

Para que a aprendizagem seja sempre maior, nossa sugestão é que de tempos em tempos essas duplas sejam trocadas, ampliando olhares e avaliações. Em nossa instituição, a cada dois meses é feito esse revezamento, não só do Atendimento Fraternal, mas de toda a equipe de Atendimento Espiritual. A cada bimestre, aproveitamos a mudança de módulos de estudo e fazemos uma reunião de avaliação daquele período e trocamos as equipes: Recepção, Acolhimento, Atendimento Fraternal e Coordenação do Passe. Juntamente com essa alternância de atividades, mudamos as duplas, ou no caso das outras atividades, os trios.

O apoio em casos complexos se faz necessário, principalmente quando são atendimentos densos energeticamente, ou de pessoas muito desequilibradas, falas conturbadas, processos obsessivos. Claro que o ideal é não nos afetarmos com as situações relatadas, mas como não é possível prever que tipo de caso nos será apresentado, sempre é bom contar com o auxílio de mais alguém. Corremos o risco de sermos afetados de uma forma desconhecida e ficarmos em piores condições de conduzir o caso. Em outras vezes, nos antipatizamos com o atendido ou nos alteramos com sua conduta problemática. Antes que isso transpareça e o influencie negativamente, será melhor poder contar com um companheiro ali para dar continuidade.

O suporte frente às problemáticas pessoais é uma importante saída

quando o caso nos toca diretamente em determinado ponto, por exemplo, atender alguém que perdeu um filho envolvido em drogas, quando passamos por condições semelhantes. Há o aspecto positivo de talvez conseguirmos compreender melhor o contexto, alguns pensamentos e sentimentos que são comuns.

Porém, como já trabalhamos, qualquer queixa exige manejo para dela extrairmos o tema do atendimento. A mesma queixa não implica o mesmo tema. Se nos culpamos por nosso filho usar drogas, ou por termos sido ausentes em sua educação, nossa tendência será acharmos que todos vivem os mesmos sentimentos e não podemos achar que compreendemos de antemão.

Ninguém sentirá a mesma dor da morte de um filho, nem de uma separação conjugal. E mais grave do que não compreendermos a situação do outro é deixarmos que o desejo infantil de aconselhar ocupe espaço. Sem perceber, se permitirmos o aconselhamento, diremos para o outro fazer aquilo que deu certo para nós na intenção de dissuadi-lo do que se mostrou prejudicial em nossa situação.

Somos pessoas diferentes, com estruturas de personalidade diversas, uns extrovertidos, outros introvertidos, cada um com seus próprios complexos, e isso impede a comparação de casos e atitudes. Então, será mais adequado, quando identificarmos o tema, discretamente estimular o colega de apoio para que conduza o atendimento.

A chance de melhores interpretações doutrinárias é um grande benefício do atendimento em dupla. Após fazermos a construção do tema, será necessário fazer uma interpretação de como a Doutrina Espírita compreende aquela situação. Justamente por não sabermos com antecedência qual será o tema, o fato de estarmos em dupla aumenta a possibilidade de oferecermos referências mais específicas e seguras para aquele caso. Poder contar com o apoio de alguém nesse momento é maravilhoso, pois esse é o grande passo de um atendimento profundo e, ainda, o estágio para novos atendentes.

Quando um novo voluntário inicia na tarefa, o mais adequado será, primeiro, acompanhar alguém mais experiente. Ainda que na formação

desses trabalhadores utilizemos discussões de casos e encenações, os primeiros atendimentos tendem a gerar mais ansiedade e, conseqüentemente, o raciocínio fica mais atrapalhado, prejudicando a sintonia espiritual. Melhor será começar acompanhando outro trabalhador mais seguro, até que vá se ambientando à dinâmica do trabalho e conduza um atendimento com apoio daquele colaborador mais experiente.

Sabemos que nessa questão das duplas sempre haverá divergências. Portanto, não damos a última palavra, trazendo aqui algumas reflexões sobre os benefícios do atendimento em dupla e rebatendo três justificativas que nos parecem ser as mais usadas para fazer o trabalho individualmente: desperdício de trabalhadores experientes, grande demanda de atendimentos e perda da privacidade.

Quando os companheiros argumentam que o atendimento em dupla produz um desperdício de trabalhadores experientes, compreendemos suas preocupações. A justificativa para esta postura é considerarmos que sempre daremos conta dos casos, que sempre saberemos tudo o que falar e que nenhum caso nos afetará o equilíbrio, a serenidade, a isenção. Mas será verdade? Quantos de nós estamos nessa condição emocional? Somos seres humanos ou super-heróis?

Outro argumento substancial para não atender em dupla é a falta de atendentes ou, o que seria praticamente a mesma coisa, a grande demanda de atendimentos. Em casos em que haja regularmente um grande número de pessoas à espera de atendimento, o caminho não será dividir as duplas, e sim qualificar mais trabalhadores.

Claro que podem existir situações específicas, de exceção, como uma defasagem repentina em um determinado dia, ausências temporárias ou prolongadas, que a equipe precisará contornar com soluções a médio prazo. Todavia, não parece sensato prezar pela quantidade em detrimento da qualidade. Investimos sempre na qualificação de novos trabalhadores, e não apenas quando há falta dos veteranos, evitando esse tipo de embaraço. Propor treinamentos, formações e estruturar atendimentos acompanhados por algum iniciante deve ser ato contínuo. Como é um problema institucional não deve ser resolvido com redução na qualidade que coloque

em risco os atendimentos, e sim com metodologia de trabalho bem planejada.

Em determinadas situações, onde não temos um atendente formado para nos auxiliar, podemos levar conosco trabalhadores que estejam em formação para o atendimento, ou mesmo alguém dos grupos de estudo, orientado a não intervir, permanecendo apenas como acompanhante para não entrarmos sozinhos.

Atender individualmente uma pessoa que nos procura parece ser a melhor alternativa frente à perda da privacidade e ao possível constrangimento que pareça imposto.

Mas a questão é: quem disse que devemos prezar por essa intimidade no Atendimento Fraternal? Se há algo que a pessoa contaria apenas para uma pessoa, e diante de duas ficaria inibido, então é algo de muita intimidade.

Atender em dupla diminui o clima de confidencialidade, e isso não é um problema, afinal, reforça o objetivo que temos de compreender a problemática à luz da Doutrina Espírita. Essa intimidade emocional proporcionada pela relação psicoterapeuta-paciente, por exemplo, pode ser uma necessidade do indivíduo, mas não é algo que o Centro Espírita deva se incumbir.

Não temos recursos teóricos para lidar com a chamada relação transferencial que permeia um atendimento psicoterapêutico; portanto nos atermos aos dramas humanos e às orientações doutrinárias será de grande valia, sem que para isso precise de um alto nível de intimidade.

Antes de concluir esses argumentos, identificamos, ao longo desses anos fazendo formações e estudos com equipes de atendimento fraternal, que mais do que a preocupação com o atendido, muitos colaboradores que se recusam ao atendimento em dupla tem um outro interesse, às vezes inconsciente: o de não se expor.

Quando fazemos o atendimento sozinhos, não estamos sob olhos ou ouvidos que possam nos avaliar, questionar nossa abordagem, verificar nossas possíveis falhas. E isso é grave, pois a nossa preocupação deve ser, acima de tudo com o sujeito atendido e com a instituição na qual labutamos.

Ao fazer em dupla, seremos questionados sobre a superficialidade de nosso conhecimento, sobre a inabilidade de condução, mas junto a esses desconfortos, vem a aprendizagem. Afinal, desses possíveis desencontros, sairá um trabalhador mais bem preparado. Então, menos orgulho e mais trabalho no bem!

Por fim, dizemos que para o diálogo em dupla correr de forma harmoniosa, faz-se necessário estabelecer anteriormente quem conduzirá o atendimento e quem será o apoio. Nesse trabalho, não significa que os dois conduzirão o caso, e sim que um será o condutor e outro será o apoio. O atendente principal, se assim pudermos chamar, estabelecerá o norte, fazendo as principais questões, construindo o tema do trabalho e a interpretação doutrinária. E ao final de cada etapa, como no momento de ouvir, antes de iniciar a construção do tema, pode voltar-se ao apoio e perguntar: “Você deseja perguntar algo”?

Igualmente, na etapa de interpretação doutrinária, pode questionar ao auxiliar: “Você tem algo a acrescentar”? Essa segunda pessoa deve sempre reconhecer seu lugar coadjuvante, aguardando que o atendente lhe abra espaço e que sua fala seja complementar, embora, se fosse sua vez, pudesse conduzir um tanto diferente.

Acrescentamos que esse auxiliar tem outro papel importante, dar suporte no caso de necessitarem de um papel, um livro, chamar auxílio no caso de uma descompensação mental ou mediúnica, evitando que o atendente se ausente da sala deixando o atendido sozinho.

Para esse tipo de trabalho é necessária boa sintonia entre a dupla para que se complementem e, principalmente, para que o auxiliar saiba se precisa tomar a frente do caso ou não. Tudo isso deve ser conversado anteriormente. Embora no início pareça mais difícil, quando aprendemos a trabalhar em dupla, conduzir o atendimento tende a ser mais fácil, mais seguro e mais profundo.



DURAÇÃO DO ATENDIMENTO

O tempo de atendimento é outra questão muito particular, definida por muitas variáveis. Já ouvimos referências que vão de quinze minutos a até três encontros de uma hora e meia.

Essas divergências se dão devido à falta de entendimento comum dos objetivos e do alcance da atividade, sem que necessariamente haja definição de certo ou errado. Ao compreendermos que o foco do atendimento é acolher as pessoas que chegam novas na Casa, tirando algumas dúvidas e falando das atividades, talvez quinze ou vinte minutos sejam suficientes. No entanto, ao pensar num enquadramento, levando o sujeito a compreender-se e o seu problema pela ótica doutrinária, certamente esse período será curto demais.

Conforme a demanda, conseguimos encaminhar o assunto em rápidos trinta minutos, mas às vezes sentimos que sessenta minutos não foram suficientes. Além disso, é preciso atentarmos ao horário de funcionamento da instituição, evitando permanecer com as pessoas após o encerramento das demais atividades.

Frente a tudo que apresentamos até aqui, nos parece inviável conseguir fazer um bom atendimento, ouvir, construindo o tema, orientando doutrinariamente e fazendo os encaminhamentos em menos de meia hora. No entanto, não devemos ultrapassar uma hora, pois é provável que se assim suceder é porque não conseguimos interromper a queixa ou fazer o enquadramento necessário.

Existem pessoas que se alongam demais nas descrições, justificam seus sofrimentos ou são confusas na organização dos fatos. Algumas são

verborrágicas, repetitivas ou muito atormentadas. Mas assim que percebemos esse padrão, logo vamos ajudando a identificar os seus sentimentos e conduzir para o tema doutrinário. Há aquelas que, após estabelecerem um tema, desejam acrescentar outro, e outro, até que o atendido fique perdido e lhe dê a sensação de que seu caso não tem jeito.

Conduzimos o diálogo de maneira que o indivíduo não se prolongue em lamentações, nem lhe dê a sensação de que é um desventurado, vitimado pelas atrocidades do mundo. Essa situação é almejada por algumas pessoas, justamente para não precisarem se implicar com a queixa, ou seja, para não precisarem pensar e mudar suas condutas. Portanto, precisamos estar muito atentos.

Os encontros não devem se prolongar demais, caso contrário é possível que estejamos imbuídos do desejo de resolver a problemática alheia, querendo ouvir todas as suas queixas, com minúcias, tentando esgotar a situação, numa fantasia de que daremos conta de tudo aquilo. Em alguns casos, dizer para a pessoa que não estamos ali com a pretensão de “resolver sua vida” lhe fará muito bem. Idem para muitos atendentes.

Ouvimos a todos, atentamente. Buscamos ir além do que a pessoa diz, percebendo como fala, as intenções que existem por trás de sua queixa, e aonde quer chegar. A partir disso, interrompemos gentilmente o atendido e reforçamos qual é o objetivo do atendimento, levando-o a estabelecer um foco ou falar sobre o que espera de nós.

Nesse sentido, muitas coisas podem ser esclarecidas, além de facilitar para que encontremos um direcionamento eficaz para o caso. Ao passo que ganhamos experiência, conduzimos esse trabalho com mais precisão.



CONTINUIDADE DO ATENDIMENTO

O desejo de continuidade é muito frequente, tanto por parte dos atendidos quanto dos atendentes, razão pela qual precisamos analisar essa questão com muito cuidado.

Não estimulamos as pessoas a retornarem ao atendimento, salvo nas atividades que propõem esse tipo de acompanhamento, previsto e orientado pelo Regimento Interno da Casa – tratamentos espirituais, ou um número determinado de passes, ou casos específicos, previstos pela equipe de Atendimento Espiritual, que solicitam ao atendido, continuidade para reavaliação do caso ou encerramento do atendimento.

Em tais situações, há um planejamento institucional que diferencia do Atendimento Fraternal convencional, mas não é uma preocupação particular do atendente. Por assim procederem, o que esses grupos fazem, em sua maioria, é um acompanhamento da queixa inicial (trazida no primeiro atendimento) e se as orientações que foram dadas no Centro estão sendo seguidas. Fazem isso porque identificam que há pessoas que desejam a melhora, mas não estão dispostas a implantar mudanças em sua rotina, ou ainda, vivem tão perturbadas que precisam de alguém que as estimulem e ofereçam o apoio espiritual que ainda não consolidaram em si.

Nesses casos é importante deixar claro que não se está oferecendo um acompanhamento psicológico, e sim um suporte espiritual – que são coisas muito diferentes. E nos questionamos: se a equipe de Atendimento Espiritual de uma instituição religiosa não for capaz de oferecer esse tipo de suporte, quem será? Certamente que precisaremos dialogar bastante sobre esse tipo de tarefa para que não produza danos ao Movimento Espírita, por

discordâncias de fundo doutrinário, mas não podemos deixar de refletir, com maturidade, sobre o apoio espiritual que podemos oferecer, em especial, nos casos complexos.

Quando pretendemos a continuidade do atendimento, muito dessa intenção pode estar pautada no desejo de ajudar a pessoa, o que provavelmente denota um envolvimento emocional que não é saudável para o enquadramento, manejo e orientações eficazes. Divaldo Pereira Franco nos diz que a relação atendente-atendido deve ser uma relação não emocional⁴².

Sabemos que a estrutura de atividades da nossa instituição não poderá auxiliar de modo mais efetivo naquele caso e, por quisermos “resolver” uma problemática, tomamos uma questão institucional com ações pessoais isoladas. Acreditamos que não seja essa a melhor opção. Querer assumir esse papel, desejando acompanhar o caso como uma referência para aquela pessoa, pode ser muito perigoso.

Para esclarecer nossa preocupação, delimitamos duas formas comuns de acompanhamento que os atendentes pretendem: dentro e fora do Centro Espírita.

Dentro da instituição, muitos atendentes se satisfazem quando um atendido lhes procura para continuidade, como se isso definisse seu valor pessoal ou a importância do seu trabalho.

Que ele nos procure, tudo bem. É natural que tendo depositado uma cota de confiança em nós, busque-nos como referência para orientar seu caso. Mas aí precisamos manejar adequadamente para não lhe estimular a dependência ou a crença de que somos nós que ajudaremos a resolver seu problema. Estimulamos o atendido a fazer da Doutrina Espírita sua maior referência, e de Jesus, seu Conselheiro Fiel e capaz para a tarefa.

Em algumas ocasiões vimos atendidos procurarem por indicação de outros, certo atendente, uma pessoa extremamente responsável, compreensível, não julgadora e conhecedora do Espiritismo. Então, ficamos a pensar: condenaremos alguém por realizar bem seu trabalho? Claro que não. Mas quando uma pessoa procura novamente por aquele atendente, corre-se o risco de estabelecer uma relação de dependência e de confiança,

que mesmo parecendo benéfica inicialmente, será prejudicial no futuro.

Quando nos procuram após o atendimento e identificamos essa expectativa de continuidade não podemos simplesmente rejeitar sua demanda por auxílio. Acolheremos e esclareceremos a necessidade de acompanhamento profissional, caso seja identificada sua grande demanda.

Em certos momentos da vida nos sentimos vazios e queremos que alguém nos preencha e nos oriente, mas aos poucos aprendemos que as pessoas estão vazias de si mesmas e de Deus. Aí está, portanto, o caminho verdadeiro a apresentar.

O desejo desse acompanhamento também se faz fora do Centro. Vemos pessoas que dão seu telefone para que a pessoa entre em contato caso tenha algum problema; e ainda, aqueles que se sentindo tocados pelos quadros apresentados no Atendimento Fraternal, chamam as pessoas para irem à sua casa, tomar café, a fim de lhes orientar. Jamais devemos proceder dessa forma.

Não somos médicos, responsáveis pelos atendidos, como um psiquiatra frente a um caso de grave risco de suicídio, ou um obstetra, quando a gestação se aproxima do parto.

Qualquer demanda grande ou complexa precisa de acompanhamento especializado, de alguém que tenha conhecimento da estruturação da personalidade e conduza, com mais segurança à reflexões profundas que direcionem sua vida. O Centro Espírita não tem a intenção de substituir o acompanhamento psicológico ou médico.

Apoio espiritual

Jamais poderemos ser indiferentes ao sofrimento de nossos irmãos. Somos representantes do Consolador Prometido por Jesus. Acontece que precisamos aprender a diferença entre querer carregar alguém, acompanhando sua queixa ou oferecer-lhe “apoio espiritual”.

Ao encontrarmos aquela pessoa que atendemos, demonstramos cuidado e atenção, mas sem nos atermos à queixa. Seria inadequado perguntarmos algo sobre o que conversamos no atendimento, como por exemplo, questionar como vai o marido ou filho. Aquele conteúdo nos foi trazido em

um momento específico, num lugar específico, logo, extrapolar essa realidade para fora da sala de atendimento seria desrespeitoso.

O apoio espiritual parece-nos um meio-termo entre o desejo de fazer um acompanhamento do caso e a indiferença às suas dores. Jamais, encontrando alguém que atendemos, diremos: “E então, como ficou aquela situação”? Não fazemos acompanhamento da queixa, evitando, assim, abrir brecha para influências perniciosas.

Diferenciar o acompanhamento da queixa e a terapêutica é fundamental para não incorreremos no erro pelo excesso ou pela omissão.

Querer averiguar fatos, questionar sobre os demais envolvidos, estimular os pacientes a seguirem conselhos ou dar novos é um equívoco.

Entretanto, não deixaremos de oferecer um apoio espiritual perguntando se a pessoa tem conseguido orar todos os dias, se veio no dia da palestra ou do estudo, se tem feito o Evangelho no Lar, por ser um meio de estimular o indivíduo no caminho do bem. Caso não consiga, poderemos verificar com a equipe de implantação do Evangelho no Lar ou apenas reforçarmos a importância do compromisso, vibrando positivamente pelo padecente. Isso é apoio espiritual, ou seja, estimular e amparar o indivíduo para que consiga trilhar seu caminho de libertação.

Não nos propomos a carregá-los, fazendo aquilo que é de responsabilidade pessoal. Oferecemos os roteiros, conforme nos convoca Joanna de Ângelis, mas para muitos casos será preciso colocar-se lado a lado com as pessoas para que consigam iniciar nesse caminho de equilíbrio e harmonia.

CAPÍTULO 15

UMA PESSOA POR VEZ

Ainda que nos peçam, é mais sensato e previdente sempre atendermos as pessoas em separado. Já soubemos de muitos casos em que, em vez de auxiliar, o fato de atender familiares ou casais juntos foi extremamente constrangedor para uma das partes e para o atendente.

Não há demanda que justifique receber mais de uma pessoa ao mesmo tempo, e que seja um obstáculo atendê-las em separado. Quando se trata de um conflito entre elas, não nos envolvamos na situação. Se por acaso as duas vivem a mesma problemática, certamente terão queixas e sentimentos diferentes, e por isso precisam ser acolhidas separadamente.

É desaconselhável o atendimento junto em caso de problemas conjugais, sob o risco de quererem nos colocar como juízes numa situação extremamente perniciosa para a relação. Quando supõem que um dos lados está certo e o outro está errado, estabelece-se uma ruptura que produzirá prejuízos. Todas as partes devem reconhecer o seu envolvimento em cada situação, afinal as problemáticas foram construídas na relação em que ambos fazem parte. Então, ouvir e tentar mediar um problema conjugal ou de qualquer outro tipo de relacionamento é cair numa grande cilada. O mais forte tenderá a oprimir o mais fraco, e seremos coniventes com o erro, quando não, espectadores de uma discussão ou briga que se dará na nossa frente.

Qualquer tipo de conflito deve ser evitado no atendimento. É comum pais trazerem seus filhos e dizerem que “querem atendimento”. Recebemos sozinhos. Provavelmente sua queixa não será a mesma de sua mãe.

Ouviremos, mas não para orientar como seus pais desejam, e sim investigando qual sua dor, como se sentem e de quais orientações doutrinárias necessitam.

Esta orientação é válida até para casos extremos como a morte de um filho, quando corremos o risco de julgar que será mais efetivo atender os familiares juntos. Mas isso não é verdade. Ao enxergamos assim ainda estaremos focados na problemática, e não nos sentimentos e no drama existencial de cada um.

Pensemos no caso de uma relação difícil que um casal vive com seu filho mais novo. A forma como a mãe vive esse drama, seu envolvimento e suas responsabilidades são diferentes das percepções que o pai tem. Embora os dois estejam imersos na mesma queixa, subjetivam-se de modo particular. Seus dramas internos não são os mesmos. Além disso, quando atendidos em separado, talvez o pai ou a mãe tenham ali um espaço para falar e pensar sobre as dificuldades que estejam vivendo com o próprio cônjuge. Se estiverem juntos, é provável que não haja possibilidade de expressão e, por consequência, de orientação doutrinária e encaminhamentos específicos.

Portanto, sugerimos sempre o atendimento de uma pessoa por vez.



FORMAÇÃO DOS ATENDENTES

Entendemos que a formação de um atendente fraterno se baseia em três aspectos: ético, técnico e doutrinário. Por acreditarmos que esta é a base de um atendimento seguro e adequado, delineamos essa obra, visando também servir de apoio para as equipes se aprimorarem.

No Movimento Espírita, quando realizamos seminários de três ou seis horas, precisamos ter em mente que se trata apenas de uma introdução ou orientação para o processo de formação, que se dará num prazo muito maior, e podemos dizer que nunca terá fim.

É possível fazermos regularmente o treinamento de novos voluntários, bem como realizarmos reuniões mensais, em um tempo bem menor do que daqueles encontros iniciais. Em quarenta e cinco minutos, ao longo dos meses, conseguimos discutir muitos casos e conceitos, de forma profunda, justamente porque são espaçados. Discutimos e praticamos, então discutimos novamente e retomamos a prática, gerando assim uma reflexão sobre os atendimentos e constante avaliação da conduta de todos os atendentes.

Certamente, um novo colaborador não se iniciará apenas com esses pequenos encontros mensais. Por isso temos a formação inicial, que dura em média dez horas. Mas até aquele voluntário que ainda não iniciou a tarefa propriamente dita, desde que demonstre desejo e tenha condições de colaborar, já o convidamos para que acompanhe essas discussões mensais e se aprofunde nos estudos teóricos.

O primeiro aspecto da base da formação de um atendente é a consequência direta do modo como ele encara a vida; o segundo é a

questão técnica – o maior enfoque que abordamos nos seminários; o terceiro, a formação doutrinária que se dá através dos anos de estudo, não podendo ser desenvolvida a curto prazo.

Frente ao primeiro aspecto basilar, pouco podemos fazer como formadores. Oferecemos estímulo para reflexões sobre as posturas que temos na vida diária e que interferem diretamente nos atendimentos que realizamos. Quando temos um colaborador bastante hedonista ou narcisista, não serão nossas palavras em um seminário que lhe modificarão a conduta. Esse tipo de problema, da moral de cada atendente, é um dos que mais atrapalham as equipes e preocupam os coordenadores. Acreditamos que para essa questão será preciso um acompanhamento mais próximo, sempre na perspectiva do trabalho em dupla para evitar danos aos atendidos, e estimulando novas possibilidades para o atendente. Evidentemente, na ausência de possibilidade de diálogo e disponibilidade de mudança, após orientações precisas e diretas, a direção do Atendimento Espiritual deve prezar sempre pela qualidade da tarefa e o respeito ao atendido – objetivo último do trabalho, em detrimento de um colaborador que, não tendo perfil para ser atendente fraterno, poderá colaborar em outras atividades.

O aspecto técnico, como dizemos, é o mais facilmente focado nos cursos. Abordamos a técnica da escuta, do diálogo, do manejo da queixa e dos encaminhamentos. Mas o que reforçamos é que a habilidade técnica vai se burilando ao longo do tempo, em especial quando realizamos discussões de casos. Podemos ter a experiência de muitos anos de atendimento, mas por não discutirmos os casos, não apresentamos evolução do domínio técnico. Além disso, nenhum de nós, atendentes, poderá se considerar “formado”, pois sempre haverá questões a serem trabalhadas, posturas que precisam ser constantemente aprimoradas, visando uma maior eficácia no atendimento. E por isso sugerimos a discussão de casos, mantendo o clima dinâmico e reciclado.

A discussão de caso não é uma conversa sobre os atendimentos, “fofocar” expor os atendidos nas “conversas de corredor”. Determinamos periodicamente dia e horário, para que alguns colaboradores apresentem as

problemáticas atendidas, cuidando sempre com o sigilo, nem que precise, para isso, omitir algumas características ou alterá-las, afinal prezamos pelo sigilo e proteção emocional dos atendidos.

Ao reunir a equipe para discussão de casos, um membro pode apresentar a queixa inicial e, a partir daí, toda a equipe pode refletir junto sobre cada um dos passos que estabelecemos nessa obra, como parte da técnica.

Não avaliamos propriamente o desempenho do colega, mas fazemos um exercício de pensarmos as etapas do atendimento juntos, por exemplo: que outras perguntas poderiam ser feitas ou quais situações precisavam ser mais bem esclarecidas? Qual foi o foco da queixa? Qual era o pedido do atendido? Como foi realizada a implicação do caso? Ou ainda, qual o sentimento/pensamento que surgiu daquela queixa? Depois do estabelecimento do tema, quais foram as referências doutrinárias trazidas para aquele caso? Foram usados os ensinamentos kardequianos? Que outras referências poderiam ter sido usadas? Quais foram os encaminhamentos doutrinários? Precisaria fazer algum encaminhamento especializado?

Esse tipo de exercício, como dissemos, não serve para avaliar o atendente e dizer se estava certo ou errado, mas para levar todo o grupo a analisar novas possibilidades, trocar ideias e crescer junto. Certamente, nesse movimento o atendente poderá perceber posturas que precisa modificar, se desejou resolver o problema do atendido, se não estabeleceu um foco, se não conseguiu extrair um tema, ou se esqueceu de fazer algum encaminhamento específico.

Isso sendo feito ao longo dos meses, produzirá mais segurança a todos os atendentes, estimulando o raciocínio de atendimento e facilitando conduzir quando estiver frente a frente de novos casos.

Por fim, os aspectos doutrinários.

O desenvolvimento inicia com o primeiro livro espírita que lemos ou a primeira palestra a que assistimos. Quando iniciamos na arte do Atendimento Fraternal, lemos e ouvimos com mais atenção para consolidarmos alguns conhecimentos. Antes disto, nossa leitura talvez visasse apenas o aprendizado pessoal, necessário e insubstituível, sem

dúvida. Agora, porém já relacionaremos o conhecimento específico a determinado caso, definindo o que é importante em cada situação. Dessa forma, compomos um arquivo pessoal, que pode ficar apenas em nossa mente ou, preferencialmente, seja organizado, registrado e compartilhado com a equipe.

No entanto, também é preciso pensar que a referência utilizada e o entendimento obtido precisam sempre ser analisados por mais pessoas. Por isso, nossa sugestão é que a equipe de atendimento realize, regularmente, estudos temáticos.

Em nossa instituição tentamos intercalar, mensalmente, um encontro para estudo de caso e outro para estudo temático. A ideia é que todos os atendentes estudem um tema, para que nesse encontro dialoguemos sobre o entendimento que fizemos dele. Claro que se ficarmos no modelo expositivo, trinta minutos ou uma hora será pouquíssimo tempo. Por isso precisamos de uma equipe ativa, onde todos pesquisem diferentes fontes, façam resenhas críticas, etc. Assim, nossos encontros teóricos não são para “aprender” um tema novo, mas para consolidar o entendimento e, principalmente, equalizar a conduta dos atendentes frente àqueles casos.

Sem qualquer sombra de dúvida, o fato de estarmos juntos, mesmo que mensalmente num curto tempo, produzirá melhores resultados do que uma equipe dispersa que se reúne uma vez por ano.

Se não for possível agrupar todos os atendentes, por estarem distribuídos em diferentes dias, que se reúnam então, regularmente, aqueles do dia de trabalho, mesmo que sejam três ou quatro. Mas que estejamos juntos, próximos, trocando ideias e experiências, visando manter a coesão grupal e doutrinária, e evitando riscos para os atendidos e para nossa instituição.

Há que se fazer uma pequena observação sobre as obras que pesquisaremos. Frente a tantas “novidades” no Espiritismo, e obras que são questionáveis, em meio a muitos bons materiais que tem surgido, preferimos ficar com os autores já consagrados no Movimento. Fizemos essa opção, pois o atendimento necessita de obras que não ofereçam riscos, e nada mais seguro do que usarmos Chico Xavier, Divaldo Franco, Raul Teixeira, Yvonne Pereira, Suely Caldas Schubert, Leon Denis, etc. Não faz

sentido, se precisamos compreender o posicionamento doutrinário sobre determinado assunto, percorreremos muitos outros autores, sendo que estes esclarecem com segurança o pensamento espírita. Ficamos com o essencial, sem desmerecer outros estudos que surjam. Eles virão depois. Mas como esses autores compõem uma bibliografia de centenas de obras, afirmamos que depois de pesquisar em todas essas, se houver tempo, vamos para as demais.

Por fim, ressaltamos que não existem pessoas incapazes. Existem indivíduos mal colocados em determinadas funções, que poderiam colaborar com mais efetividade em outras tarefas. Também existem pessoas mal treinadas e mal orientadas, as quais, à medida que forem bem conduzidas, poderão realizar um bom trabalho. Então, dizer que temos poucos trabalhadores é dizer que a instituição não sabe triar e formar adequadamente seus colaboradores.





O GUIA SEGURO

Para concluir esta obra, abordamos o tema que deve permear todos os atendimentos e, principalmente, a vida pessoal de qualquer atendente: Jesus, nosso mestre, modelo e guia.

Equivocadamente tentam invalidar a atualidade da Sua mensagem, afirmando que hoje os tempos são outros, ou numa falsa humildade dizem que não podemos nos comparar a Jesus.

As afirmativas de que os tempos são outros e de que estamos muito distantes moralmente de Jesus são verdadeiras, mas não anulam a aplicabilidade de suas lições.

Embora em novos tempos, os dramas existenciais se repetem. Mudam-se as formas, as personas, mas a alma humana ainda é sedenta da mensagem do Nobre Galileu. As dores, o medo, o egoísmo e a loucura ainda imperam em nosso orbe, e Ele foi quem nos ofereceu as diretrizes seguras.

Não podemos nos afastar do Mestre Nazareno, nem O deixar restrito aos discursos do mês de dezembro. Jesus deve ser o norte para todos nós, como atendentes e atendidos.

Precisamos sentir Jesus! Ele vive.

É necessário retomar Sua vida, ler e reler os Evangelhos, perceber Suas ações, e tomá-Lo como referência para todos os atos de nossa vida.

Ele se fez um homem como nós. Sentiu dores, irou-se, entristeceu-se e até angustiou-se, mas Se mostrou divino pela capacidade de colocar a vontade do Pai acima de Sua própria.

Em vez de querer Se impor ao mundo, em diferentes momentos e oportunidades, recolhia-Se para orar, entregando-Se ao Senhor da vida, não

como quem pede, exige, negocia ou barganha, mas como o filho fiel que confia no Pai.

Cada passagem da vida Dele foi um hino de louvor a Deus.

É modelo seguro, referencial, não como imposição de conduta aparente, infantilmente repetindo Suas frases ou tentando reproduzir os cenários.

Jesus foi exemplo, do início ao fim, nascendo em uma manjedoura e morrendo crucificado entre dois ladrões, pedindo a Deus que perdoasse a humanidade ignorante. Sofreu as dores mais pungentes pelas aflições físicas que o martírio da crucificação Lhe impôs. Subjugado fisicamente, teve o corpo dilacerado. Foi humilhado pelos atos vis de Seus algozes, viveu a incompreensão dos homens e sobreviveu a projeção tenebrosa dos orgulhosos, infelizes e traiçoeiros.

E Ele que já era um Espírito Puro...

Embora os dias sejam outros, Seus exemplos de humildade, de abnegação, de fé, devotamento a Deus, justiça e amor ao próximo ainda se fazem necessários, como o caminho e a verdade para o encontro com a paz e a saúde interior.

Ele vive. Vivamos em Jesus para que Ele viva em nós.





REFERÊNCIAS

FRANCO, Divaldo Pereira. (médiun); ÂNGELIS, Joanna de (Espírito). **Psicologia da gratidão**. Salvador: Leal, 2011 (edição comemorativa dos 25 anos da Série Psicológica Joanna de Ângelis, volume 16).

_____. **Encontro com a paz e a saúde**. Salvador: Leal, 2007 (edição comemorativa dos 25 anos da Série Psicológica Joanna de Ângelis, volume 14).

FRANCO, Divaldo Pereira (médiun); MIRANDA, Manoel Philomeno (Espírito). **Sexo e obsessão**. 3ª ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2002.

_____. **Entre os dois mundos**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2005.

_____. **Transtornos psiquiátricos e obsessivos**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2008.

_____. **Amanhecer de uma nova era**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 2012.

_____. **Loucura e obsessão**. 12ª ed. Brasília: FEB, 2013.

FRANCO, Divaldo Pereira (médiun); PRISCO, Marco (Espírito). **Legado Kardequiano**. Salvador: LEAL, 1982.

FEB. **Orientação ao Centro Espírita**. Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/orienta.pdf>. Acessado em: 20/05/2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KARDEC, Allan. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2005.

_____. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006 (Edição comemorativa do sesquicentenário).

_____. **O evangelho segundo o espiritismo**. 126. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006.

_____. **O céu e o inferno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2006 (Edição especial).

_____. **O livro dos médiuns**. 80ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

JUNG, Carl G. **O símbolo da transformação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 (Obras completas de C. G. Jung, volume 5).

MIRANDA, Projeto Manoel Philomeno (NEVES, João; AZEVEDO, Geraldo; CALAZANS, Nilo). **Atendimento fraterno**. 10ª ed. Salvador: LEAL, 2013.

DIAS, Haroldo Dutra (trad.) **Novo Testamento**. Brasília: FEB, 2013.

XAVIER, Francisco Cândido (médiun); LUIZ, André (espírito). **Sexo e destino**. 34ª ed. Brasília: FEB, 2013.



-
- 1 Divaldo Pereira Franco - Legado Kardequiano, cap. 4.
- 2 João 4:14 (Novo Testamento – tradução de Haroldo Dutra Dias).
- 3 Allan Kardec - O Livro dos Médiuns, cap. 03 it. 30.
- 4 Carl G. Jung – Símbolos da Transformação, parágrafo 343.
- 5 Páginas ditadas pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco na manhã do dia 4 de novembro de 2013, na Mansão do Caminho, em Salvador, Bahia. Os direitos de publicação foram concedidos para esta obra.
- 6 Divaldo Pereira Franco – Loucura e Obsessão, p. 17.
- 7 Divaldo Pereira Franco – Loucura e Obsessão, p. 24.
- 8 Divaldo Pereira Franco – Loucura e Obsessão, p. 24.
- 9 Divaldo Pereira Franco – Loucura e Obsessão, p. 33.
- 10 Divaldo Pereira Franco – Sexo e obsessão, p. 110.
- 11 Divaldo Pereira Franco – Sexo e obsessão, p. 115.
- 12 Divaldo Pereira Franco – Sexo e obsessão, p. 121.
- 13 Divaldo Pereira Franco – Amanhecer de uma nova era, p. 141.
- 14 Divaldo Pereira Franco – Amanhecer de uma nova era, p. 143.
- 15 Atendimento Espiritual no Centro Espírita é o conjunto de atividades que visa atender adequadamente as pessoas que buscam e frequentam a Casa, buscando esclarecimento, orientação, ajuda e assistência espiritual e moral. Além do “Atendimento Fraternal”, engloba “Recepção”, “Explicação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita”, “Atendimento pelo Passe”, “Irradiação”, “Evangelho no lar” e “Implantação do Evangelho no lar”.
- 16 Orientação ao Centro Espírita. p. 35.
- 17 Orientação ao Centro Espírita. p. 35-36.
- 18 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – verbete.
- 19 *id opus cit.*
- 20 FEB – Orientação ao Centro Espírita, p. 33.
- 21 FEB – Orientação ao Centro Espírita, p. 33.
- 22 Cada instituição determina o que falar, ou mesmo deixa aberto para que o próprio coordenador defina. Por exemplo, conforme as demandas, abordará em poucas palavras o tríplice aspecto do Espiritismo para estimular os participantes ao estudo, ou então, por perceber uma questão mais intensa de sofrimento, falará do Consolador Prometido.
- 23 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – verbete.
- 24 Joanna de Ângelis – mensagem: Atendimento Fraternal, psicografada por Divaldo Pereira Franco em 09 de julho de 1997. In: MIRANDA, Projeto Manoel Philomeno - Atendimento Fraternal.
- 25 Joanna de Ângelis – mensagem: Terapia de Amor, psicografada por Divaldo Pereira Franco em 15 de dezembro de 1997. In: MIRANDA, Projeto Manoel Philomeno - Atendimento Fraternal.
- 26 Allan Kardec – O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXII, item 5.
- 27 Entrevista com Divaldo Pereira Franco In: Projeto Manoel Philomeno de Miranda – Atendimento Fraternal.
- 28 Allan Kardec – O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. I, item 8.
- 29 Manoel Philomeno de Miranda – mensagem: Atendimento Fraternal, psicografada por Divaldo Pereira Franco em 04 de novembro de 2013. In: MIRANDA, Projeto Manoel Philomeno - Atendimento Fraternal.
- 30 Allan Kardec – O Livro dos Espíritos, questão 148.
- 31 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – verbete.
- 32 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – verbete.
- 33 Divaldo Pereira Franco – Psicologia da Gratidão, p. 103.
- 34 Mateus 6:33 (Novo Testamento – tradução de Haroldo Dutra Dias).
- 35 Parábola do Semeador – Mateus 13:3-9; Marcos 4:3-9; Lucas 8:4-8 (Novo Testamento – tradução de Haroldo Dutra Dias).
- 36 Divaldo Pereira Franco – Encontro com a Paz e a Saúde, p. 164.
- 37 Definição de travestismo de duplo papel, segundo o Código Internacional de Doenças (10ª edição). Popularmente conhecido como travesti.
- 38 Allan Kardec – O Livro dos Espíritos, introdução, item I.
- 39 Allan Kardec – Obras Póstumas, nota à mensagem “Imitação do Evangelho”.
- 40 Allan Kardec – *ibid.* mensagem “Imitação do Evangelho”, de 09 de agosto de 1863..
- 41 Divindade consultada ou sacerdote encarregado da consulta à divindade e transmissão de suas respostas (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – verbete).
- 42 Projeto Manoel Philomeno de Miranda – Atendimento Fraternal, cap. 5 – A ação do atendente fraternal.

Copyright© 2016 by FEEGO

Direitos autorais gentilmente cedidos à Federação Espírita do Estado de Goiás.

Tiragem

1ª edição: 3.000 exemplares - 02/2016

2ª edição: 1.000 exemplares - 10/2018

2ª edição - 2ª impressão: 2.000 exemplares - 08/2019

CONSELHO EDITORIAL

Paulo César Ferreira dos Santos – Presidente

Carlos Eduardo Ramos de Sant’Ana – Diretor Editorial

Angelo Dias

Carmen Valéria Acursio Fraga

Cíntia Vieira Soares

Izaura Maria Ribeiro Franco

João Minelli Neto

Luís Carlos de Assis

Régina Maria Oliveira

PRODUÇÃO EDITORIAL

Carlos Eduardo Ramos de Sant’Ana

João Minelli Neto

REVISÃO

Fátima Salvo

Carmen Valéria Acursio Fraga

Izaura Maria Ribeiro Franco

CAPA/PROJETO GRÁFICO/ DIAGRAMAÇÃO

Juliano Fagundes

FOTO DO AUTOR

Daniela Alves

Diagramação para e-book

Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

GPT/BC/UFG

R285d

Reikdal, Marlon.

Diálogo fraterno: ética e técnica / Marlon

Reikdal. - 2. edição. - Goiânia : FEEGO, 2016..

230 p.

e-ISBN: 978-65-88006-00-9

1. Atendimento fraterno. 2. Atendimento espiritual.

3. Espiritismo. I. Título.

DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido pelo Artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Printed in Brazil

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE GOIÁS – FEEGO

Rua 1133 nº 40 - Setor Marista - Goiânia-GO

CEP: 74.180-120 - Fone: (62) 3281-5114/3281-0200

www.feego.org.br